

VITOR SIMIQUEL BORGES

**EVANGÉLICO TAMBÉM FAZ RIR
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO HUMOR DO CANAL “DESCONFINADOS”**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Rony Petterson Gomes do Vale

**VIÇOSA – MINAS GERAIS
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

B732e
2022
Borges, Vitor Simiquel, 1996-
Evangélico também faz rir: uma análise discursiva do humor do canal “Desconfinados” / Vitor Simiquel Borges. – Viçosa, MG, 2022.

1 dissertação eletrônica (144 f.): il. (algumas color.).

Inclui apêndices.

Orientador: Rony Petterson Gomes do Vale.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Letras, 2022.

Referências bibliográficas: f. 99-103.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2022.342>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Teoria semiolinguística. 2. Análise do discurso.
3. Humorismo. 4. Evangélicos. 5. Desconfinados (Canal do Youtube). I. Vale, Rony Petterson Gomes do, 1979-
II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 22. ed. 401.41

Bibliotecário(a) responsável: Bruna Silva CRB6/2552

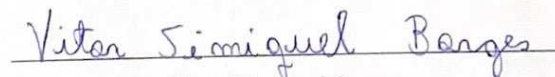
VITOR SIMIQUEL BORGES

**EVANGÉLICO TAMBÉM FAZ RIR
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO HUMOR DO CANAL “DESCONFINADOS”**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 30 de março de 2022

Assentimento:



Vitor Simiquel Borges
Autor



Rony Petterson Gomes do Vale
Orientador

Para minha mãe, Telma, que, com amor e brandura, sempre me lembrou da importância de estudar e me apoiou até mesmo nos momentos mais embaraçosos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, porque é Ele quem me dá forças quando reconheço as minhas limitações e fraquezas. Posso dizer que Ele nunca me deixou sem amparo no atual período pandêmico, apesar de muitas vezes eu ter me sentido só. Sem a sua misericórdia e longanimidade eu não chegaria até aqui.

Também dirijo os meus agradecimentos à minha mãe, Telma, porque ela mostrou para mim um amor reconfortante. Se eu estou terminando este curso, é porque ela teve um papel fundamental na minha caminhada como estudante acadêmico. Nunca me esquecerei dos dias em que ela me contrariou enquanto eu pensava que não iria conseguir. Da mesma forma, agradeço à minha irmã, Estela, que esteve perto de mim durante todo esse tempo e me distraiu com muitos risos e companheirismo.

Agradeço também ao meu pai, Jota, que sempre me incentivou a estudar. Aos meus familiares e amigos que vibraram comigo quando consegui passar no processo seletivo, pois tenho certeza de que continuarão se alegrando quando novas conquistas vierem. Semelhantemente, eu não poderia deixar de agradecer à minha namorada, que me incentivou a continuar e me ajudou a lidar com os meus medos.

Sou grato também ao meu orientador, Rony, que em cada orientação mostrou que ama o que faz. Com certeza aprendi muitas coisas sobre pesquisa com ele. Não obstante, desde o momento em que o procurei no departamento de Letras sabia que ele seria o orientador ideal. Obrigado por todos os apontamentos e *feedbacks*.

Estendo os meus agradecimentos às professoras que tive contato no decorrer do mestrado, as quais ministraram as disciplinas que concluí. Todas elas, sem dúvida, contribuíram na construção deste trabalho. Além disso, agradeço à professora Cataldi que me orientou no estágio supervisionado. Que pessoa exemplar!

Agradeço também aos meus colegas de mestrado, principalmente às minhas colegas de pesquisa em Análise do Discurso, pois foram parceiras em muitos momentos importantes. Quero também agradecer a CAPES por todo apoio financeiro, o qual foi crucial para a feitura desta pesquisa.

Entre pessoas petulantes, a piada é sempre assumida como algo natural. Ninguém realmente faz piada; mas qualquer assunto sério é discutido como se já tivessem percebido o lado ridículo dele.

C. S. Lewis (2017, p. 68)

RESUMO

BORGES, Vitor Simiquel, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2021. **Evangélico também faz rir: uma análise discursiva do humor do canal “Desconfinados”**. Orientador: Rony Peterson Gomes do Vale.

Significativamente, os evangélicos têm se aventurado no campo do humor a fim de produzir conteúdos na *internet*. Entre esses, muitos fazem parte de uma camada advinda do protestantismo: o pentecostalismo. Assim sendo, o que chama atenção é o canal do *YouTube* “Desconfinados”, do qual o principal idealizador e roteirista é o Jonathan Nemer, conhecido como humorista gospel e evangélico. À vista disso, visamos neste trabalho analisar as estratégias discursivas relacionadas ao humor nesse canal, partindo da hipótese de que o humor serve como uma estratégia de evangelização em “Desconfinados”. Para isso, a Teoria Semiollingüística de Patrick Charaudeau foi escolhida, pois ela oferece um aparato teórico-metodológico adequado para uma análise dos atos de comunicação humorísticos. Para investigarmos o nosso objetivo, partimos da exposição sobre os evangélicos e os pentecostais no Brasil, bem como elencamos algumas características do pentecostalismo. Após isso, discutimos sobre os evangélicos na contemporaneidade e a relação deles com o humor, para depois elencarmos algumas características dos esquetes que compõem o *corpus* de nosso trabalho. Da mesma forma, expomos sobre as técnicas relacionadas ao humor. Por fim, foi feita uma apresentação dos pressupostos teórico-metodológicos desta pesquisa, passando pelos conceitos gerais e centrais da Semiollingüística até às categorias relacionadas aos atos de comunicação humorísticos. Também foram realizadas exposições sobre a relação interdiscursiva entre o Discurso Humorístico e o Discurso Religioso, o campo discursivo e o riso no discurso para, enfim, executarmos as análises dos esquetes. Durante as análises realizadas, percebeu-se o desdobramento das instâncias que compõem a encenação dos vídeos, o que nos possibilitou vislumbrar um plano ficcional e um não ficcional. A observação atenta da instância do alvo, categoria fulcral para um estudo discursivo do humor, permitiu o desvendamento da natureza deste no canal: através das personagens em interação nas cenas ficcionais, é possível concluir que os esquetes do canal possuem certas tendências, a saber: i) atacar personagens que representam pessoas para gerar o riso, especialmente mulheres/moças do meio evangélico; ii) ter também como alvos os vícios e os pecados, o que nos levou a concluir que o canal, além de fazer humor, também faz religião; iii) buscar um aumento de alteridade com um público mais amplo, principalmente os não evangélicos.

Palavras-chave: Semiologia. Humor. Evangélicos. Estratégias discursivas.

ABSTRACT

BORGES, Vitor Simiquel, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March 2022. **Evangelical also makes laugh: a discursive analysis of the humor in the channel “Desconfinados”**. Adviser: Rony Peterson Gomes do Vale.

Significantly, evangelicals have ventured in the humor field aiming to produce content for the internet. Among these, many integrate an stratum arised from Protestantism: Pentecostalism. In this way, what calls our attention is the YouTube channel “Desconfinados”, in which the main founder and scriptwriter is Jonathan Nemer, known as a gospel and evangelical humorist. Therefore, we aim, in this work, to analyze the discursive strategies related to humor in this channel, with the hypothesis that humor is used as an evangelization strategy. To this end, the Semiologistic Theory from Patrick Charaudeau was chosen, because it offers an adequate theoretical and methodological device for the humoristic communication acts’ analysis. In order to investigate our objective, we start from the background exposition of the evangelical and pentecostal in Brazil, as well as listing some Pentecostalism characteristics. Secondly, we discuss evangelical in contemporaneity and their connection with humor, so that we can present some characteristics of the sketches that compose our corpus. In the same way, we expose the techniques related to humor. Lastly, it was made a theoretical-methodological description, going through the general and principal concepts of Semiologistics until the categories related to the humoristic communication acts. There were also some exposures on the interdiscursive relation between Humorous Discourse and Religious Discourse, the discursive field and laughter in the discourse so that, finally, we could execute the sketches’ analysis. Throughout the analysis, it was noticed the instances’ split that compound the videos’ staging, which allowed us to visualize fictional and nonfictional stages. The careful observation of the target’s instance, central category for a humor discursive study, enabled the nature unveiling in the channel: through the characters’ interaction in the fictional scenes, it’s possible to conclude that the channels’ sketches present determined tendencies, for instance: i) strike characters that represents people to provoke laughter, specially women/ girls in the evangelical domain; ii) present as targets the addictions and sins, which made us conclude that apart from making humor, also spreading religion; iii) seek an alterity expansion with wider public, mainly the non evangelical.

Keywords: Semiologistic. Humor. Evangelicals. Discursive strategies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Print</i> de uma postagem no <i>Instagram</i> sobre o vídeo “Intérprete de sonhos”	24
Figura 2: <i>Print</i> de uma postagem no <i>Instagram</i> sobre o vídeo “Missão Descumprida”	26
Figura 3: <i>Print</i> do vídeo intitulado “Pastor Tentado” de “Desconfinados”	28
Figura 4: <i>Print</i> da descrição do vídeo intitulado “Jesus Hétero” do “Porta dos Fundos”	29
Figura 5: <i>Print</i> do vídeo intitulado “Crente comprando cerveja” de “Desconfinados”	30
Figura 6: Quadro comunicacional elaborado por Mello (2004, p. 95) com base em Charaudeau	41
Figura 7: <i>Print</i> da descrição do vídeo “Pastor Tentado”	64
Figura 8: <i>Print</i> do esquete “Cantadas de Salomão”	70
Figura 9: <i>Print</i> do esquete “Cantadas de Salomão”	70
Figura 10: <i>Print</i> do esquete “Cantadas de Salomão”	70
Figura 11: <i>Print</i> do esquete “Cantadas de Salomão”	70
Figura 12: <i>Print</i> do esquete “Profetada”	74
Figura 13: <i>Print</i> do esquete “Profetada”	74
Figura 14: <i>Print</i> do esquete “Crente namorando gente do mundo”	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS, PENTECOSTALISMO E HUMOR NO CANAL “DESCONFINADOS”	18
1.1. Os protestantes e evangélicos pentecostais no Brasil	19
1.2. Breves características do pentecostalismo	21
1.3. Os evangélicos na contemporaneidade	22
1.4. Evangélicos, humor e o canal “Desconfinados”	27
1.5. Considerações sobre o gênero esquete	32
1.6. As técnicas relacionadas ao humor	35
CAPÍTULO 2 – SEMIOLINGUÍSTICA, HUMOR E INTERDISCURSIVIDADE	39
2.1. Considerações gerais sobre a Teoria Semiolinguística	40
2.1.1. Discurso para Charaudeau e a <i>mise en scène</i> do ato de linguagem	40
2.1.2. Contrato de comunicação e estratégias discursivas	44
2.1.3. Os modos de organização do discurso e o modo enunciativo	47
2.2. O ato de comunicação humorístico	49
2.2.1. A <i>mise en scène</i> triádica do ato humorístico	50
2.2.2. Algumas categorias para a análise do humor	52
2.3. Uma relação interdiscursiva entre o Discurso Humorístico e o Discurso Religioso.	55
2.3.1. Reflexão sobre o conceito de campo discursivo	58
2.4. A visada de fazer rir e o riso no discurso	59
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS RELACIONADAS AO HUMOR NO CANAL “DESCONFINADOS”	62
3.1. A situação de comunicação no canal “Desconfinados” e nos esquetes	63
3.1.1. A situação de comunicação no canal “Desconfinados”	63
3.1.2. A situação de comunicação nos esquetes e as personagens	64
3.2. Análise dos atos de comunicação humorísticos nos esquetes de “Desconfinados”... ..	72
3.2.1. Análise dos procedimentos linguísticos	76
3.2.2. Análise dos procedimentos discursivos	80
3.2.3. Análise dos efeitos de humor, das conivências e das visadas discursivas	86

CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICES	104
APÊNDICE A	105
APÊNDICE B	116
APÊNDICE C	126
APÊNDICE D	131
APÊNDICE E	137

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

De forma notável, o estigma de religião *séria* do cristianismo parece estar sendo combatido por produtores de conteúdo na *internet* e, dentre esses produtores, estão os evangélicos. Jonathan Nemer, por exemplo, conhecido como humorista *gospel* e evangélico de origem pentecostal, na reportagem de Chagas (2015), declarou que os evangélicos precisam sair do interior dos muros das igrejas, a fim de que os seus talentos sejam expostos a um público mais abrangente.

Sabe-se que os evangélicos nos dias atuais garantiram mais espaço na sociedade e, no que tange ao campo do entretenimento, por exemplo:

os espetáculos *gospel* passam a ser opção forte de lazer evangélico. Os programas de TV e rádio já não oferecem muitos sermões, estudos, meditações, como no passado. Quem sintoniza no presente já assiste ou ouve mais tempo de música, jogos, competições, e participa de promoções de sorteio e brindes [...]. Além disso, o modo de vida *gospel* motiva os evangélicos a inserirem-se na modernidade, na era dos DVDs, dos videogames, da interatividade (CUNHA, 2007, p. 148, grifos da autora).

Dessa maneira, uma forma significativa de os religiosos exporem os seus talentos na contemporaneidade tem sido por meio do humor. À esteira de Minois (2003), podemos afirmar que:

parece, de fato, que a ironia e o humor são indispensáveis à fé religiosa, no mundo contemporâneo. Se o crente se obstina em manter a verdade ontológica dos ensinamentos tradicionais num mundo cada vez mais estranho a essa cultura, ele deriva, inevitavelmente, para o espírito de seita, baseado na coincidência perfeita entre o espírito e suas crenças (MINOIS, 2003, p. 578).

Diante disso, é considerável evidenciar religiosos do ramo evangélico se aventurando no campo do humor. Pode-se destacar a figura do pastor Cláudio Duarte aqui no Brasil que, em suas pregações, faz notadamente o uso do humor, sendo chamado até mesmo de “pastor do *stand-up*”¹. Analogamente, nota-se que jovens evangélicos ligados ao pentecostalismo têm buscado fazer rir a fim de produzir os seus conteúdos (BANDEIRA, 2017). Um exemplo expressivo é o próprio Jonathan Nemer, roteirista e principal idealizador do canal “Desconfinados”², que visa

¹ Ver, por exemplo, em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/pr-claudio-duarte-afirma-entrevista-cristao-conservador-62522.html>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

² O canal foi idealizado pelo Jonathan Nemer e pelo seu amigo Thiago Baldo, que auxilia o primeiro com a parte técnica de “Desconfinados”. Informação disponível em: <<http://www.desconfinados.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

transmitir um humor com valores arraigados nos princípios cristãos (RODRIGUES, 2015, n. p.). Esse canal compartilha esquetes com censura livre³ relatando as mais diversas situações do cotidiano, inclusive as da vida do povo evangélico, bem como algumas paródias cômicas de músicas seculares.

Dessa forma, os evangélicos não ficam de fora das produções de conteúdos na *internet* e acabam alcançando um público mais adepto aos seus princípios. Analogamente, sabe-se que nos dias de hoje a maioria dos religiosos não compactua com determinados conteúdos feitos por canais como o “Porta dos Fundos”, que produz um humor iconoclasta, e isso é visível nas redes sociais⁴ e nos comentários de plataformas digitais como o *YouTube*, por exemplo.

Ademais, é importante ressaltar que o riso tem a tendência de ser maléfico, mal visto, e possui o risco de insultar os outros e, no caso do cristianismo em especial, pode ser até mesmo diabólico, como foi considerado no decorrer da história entre os clérigos, pelos pensadores cristãos etc. (MINOIS, 2003). Destarte, como o humor possui uma ligação com o riso e, da mesma forma, ambos “corroboram com a construção de uma visão de mundo, permitindo que através do riso se construa novos pontos de vista” (SILVEIRA, 2016, p. 26), é pertinente observar no *YouTube* os evangélicos buscando divertir e trazer uma visão mais carismática da sua fé às pessoas por meio de produções diversas que fazem o uso do humor.

Isto posto, salta aos olhos o canal “Desconfinados”. Por isso, pretendemos analisar as estratégias discursivas relacionadas ao humor⁵ nesse canal. Para tal, escolhemos a Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau para ser a base das nossas análises, pois ela oferece um aparato teórico-metodológico adequado para descrevermos o humor nos esquetes de um ponto de vista discursivo. Logo, ela permite com que vislumbremos o humor levando em consideração os aspectos sócio-históricos de um ato de linguagem.

³ Com esse termo, pretende-se enfatizar que os esquetes do canal “Desconfinados” “não têm palavrão nem apelo sexual, são censura livre” (NEMER *apud* CARNEIRO, 2015, n. p.) e, portanto, segundo o criador do canal, são, por isso, diferentes do “Porta dos Fundos”.

⁴ Num *tweet* mais recente da página do “Porta dos Fundos”, em que foi compartilhado um trecho de um vídeo chamado “Missão Descumprida”, no qual Fábio Porchat personaliza Jesus jogando vídeo game após ter morrido crucificado, juntamente com Deus chamando sua atenção por ter descumprido sua missão na terra, algumas pessoas expressaram certo descontentamento com o conteúdo. Disponível em: <<https://twitter.com/portadosfundos/status/1346097803530006529>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

⁵ O termo “humor” é entendido nesta pesquisa como uma noção genérica que pode abranger diversas categorias de acordo com Charaudeau (2006). Essas categorias, por sua vez, são expostas no capítulo 2, no tópico 2.2.2.

Elencamos também alguns objetivos específicos, são eles: i) entender mais e melhor sobre a relação entre os evangélicos e o humor; ii) examinar as condições e as circunstâncias que determinam a instância de produção dos esquetes do canal “Desconfinados”; iii) compreender mais e melhor as características dos esquetes; iv) descrever o contrato de comunicação dos esquetes de “Desconfinados”; v) descrever as situações de comunicação nas quais os personagens dos esquetes se encontram; vi) reconhecer os diversos sujeitos que integram a enunciação nos esquetes; e vii) identificar e descrever os atos de comunicação humorísticos nas falas das personagens dos esquetes.

Com isso em mente, podemos assumir a hipótese de que o humor nos esquetes de “Desconfinados” seja um instrumento de evangelização, a fim de que o público se simpatize com a fé protestante. O que chama atenção é que esse canal, atualmente, já conta com mais de 4 milhões de inscritos e possui 445 vídeos⁶. Isso pode ser resultado do sucesso que esse humor vem garantindo junto ao público.

No que tange ao *corpus* da pesquisa, selecionamos cinco esquetes para a análise com os temas relativos ao mundo evangélico, são eles⁷: “Cantadas de Salomão”, “Profetada”, “Crente namorando gente do mundo”, “Pastor Tentado” e “Oração Indireta”. Damos uma importância maior aos temas do mundo evangélico por conta do objetivo deste trabalho, bem como para conhecer mais e melhor a relação entre o humor e a religião.

Além disso, como os esquetes são compostos por textos não-verbais, priorizamos a análise da linguagem verbal – por meio de transcrição – sem, no entanto, desprezar a imagem em momentos oportunos, pois “o discurso ultrapassa os códigos de manifestação linguageira na medida em que é o lugar da encenação da significação, sendo que pode utilizar, conforme seus fins, um ou vários códigos semiológicos” (CHARAUDEAU, 2001, p. 25). Assim sendo, mesmo que o foco seja o material verbal, a imagem, a entonação, os gestos etc. podem ser úteis em

⁶ Informação disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=desconfinados>. Acesso em: 07 jan. 2022.

⁷ Os presentes esquetes selecionados encontram-se, respectivamente, nas seguintes fontes: “Cantadas de Salomão” está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qd0YJFct5tA>>. Acesso em: 10 set. 2021; “Profetada” está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kwVc2jkjVeA>>. Acesso em: 10 set. 2021; “Crente namorando gente do mundo” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qO0_buBFNfE&t=124s>. Acesso em: 10 set. 2021. “Pastor Tentado” está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zFIGLUEZA0E>>. Acesso em: 10 set. 2021; “Oração Indireta” está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ywc4eJS2la4>>. Acesso em: 10 set. 2021.

algum momento para a análise, servindo como apoio. Essa utilidade é por conta de uma maior percepção dos efeitos de sentido relacionados ao humor nos vídeos.

Ainda a respeito dos esquetes, é atrativo estudá-los mais a fundo, posto que são gêneros discursivos audiovisuais bastante valorizados entre os produtores de conteúdo no Brasil. Basta olharmos para as produções do “Zorra Total” – o qual foi um famoso programa de humor televisivo brasileiro que esteve no ar entre 1999 até 2015 – de “Parafernália” – um canal de esquetes de comédia do *YouTube* – e do “Porta dos Fundos”, por exemplo. Além do mais, julga-se que o material verbal fornecido pelos esquetes seja produtivo para o estudo do humor, uma vez que os vídeos do canal “Desconfinados” carregam um conteúdo rico de produções com atos de comunicação humorísticos.

À vista disso, cabe expor sobre a organização deste trabalho. No capítulo um, procuramos falar sobre os evangélicos no Brasil e outras questões que envolvem o nosso objeto de estudo. Primeiro, mostramos como o termo “evangélico” é definido e, além disso, como os pentecostais e os neopentecostais são caracterizados. Depois, discutimos algumas questões sobre os evangélicos na contemporaneidade, bem como sobre a relação deles com o humor. Enfim, traçamos algumas considerações sobre o gênero esquete e sobre as técnicas relacionadas ao humor.

No capítulo dois, apresentamos algumas considerações gerais a respeito da Teoria Semiolinguística. Expomos o conceito de contrato de comunicação, sobre as estratégias discursivas, a *mise en scène* do ato de linguagem, entre outros. Do mesmo modo, tratamos dos conceitos ligados aos atos de comunicação humorísticos também desenvolvidos por Patrick Charaudeau. Não obstante, levamos em conta a relação interdiscursiva entre o Discurso Humorístico e o Discurso Religioso presente no *corpus* selecionado, expomos sobre o conceito de campo discursivo e, por fim, tecemos algumas considerações sobre a visada de fazer rir e o riso no discurso.

Por último, no capítulo três, fizemos a análise das estratégias discursivas relacionadas ao humor no canal “Desconfinados” a partir dos conceitos oferecidos pela Teoria Semiolinguística. Cabe dizer, no entanto, que expomos somente algumas análises de forma mais detalhada, sendo que o restante dos resultados se encontra nas tabelas dos apêndices da nossa pesquisa. Isso foi feito

porque uma análise exaustiva de todos os atos de comunicação humorísticos nesse texto seria um feito extenuante. Assim sendo, depois das análises, partimos para as considerações finais.

CAPÍTULO 1

EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS, PENTECOSTALISMO E HUMOR NO CANAL “DESCONFINADOS”

*Na idade humorística [...] que tanto admira os cômicos, os cristãos
esforçam-se por mostrar uma imagem mais ou menos sorridente de
Cristo.*

Minois (2003, p. 124)

1.1. OS PROTESTANTES E EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS NO BRASIL

O termo “evangélico”, no Brasil, contempla os membros das igrejas protestantes⁸ que não são adeptas ao cristianismo do catolicismo romano. Dessa forma, no contexto brasileiro, “*evangélico* é sinônimo de *protestante*” (PIERUCCI, 2005, p. 303, grifos do autor). E, dentre a diversidade do protestantismo brasileiro⁹, há os pentecostais¹⁰, os quais se dividem, segundo o mesmo autor em: pentecostais clássicos e neopentecostais. Os primeiros estão ligados ao surgimento das igrejas pentecostais no país no início do século XX. Assim, “em 1910, surgia no Paraná e em São Paulo a primeira Igreja pentecostal em terras brasileiras, a *Congregação Cristã do Brasil*. E, em 1911, dois missionários suecos fundavam em Belém do Pará a *Assembleia de Deus*” (PIERUCCI, 2007, p. 307, grifos do autor). Por sua vez, os neopentecostais aparecem depois da segunda metade do mesmo século, tendo como representantes, por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus, a Casa da Bênção, entre outras.

É relevante ressaltar que, devido à variedade de denominações que vêm surgindo, essa dupla divisão torna-se geral. Com efeito, segundo Cunha (2007), além dos pentecostais clássicos (os quais ela classifica na categoria do “Pentecostalismo Histórico”) e dos neopentecostais, há os seguintes: Protestantismo de Renovação ou Carismático e Pentecostalismo Independente de Renovação¹¹. O primeiro caracteriza-se por denominações que surgiram, principalmente na

⁸ A origem das igrejas protestantes está situada no século XVI, na Europa Ocidental com a Reforma Protestante, na qual várias comunidades religiosas protestaram contra diversos aspectos da Igreja católica romana. De acordo com Gaarder *et al* (2005, p. 208), nesse período, houve uma revolução nas mentalidades, uma vez que “muitos monarcas estavam insatisfeitos com o enorme poder que o papa exercia no mundo, ao mesmo tempo que muitos teólogos criticavam as doutrinas e as práticas da Igreja, sua atitude para com a fé e seu feito organizacional”. Portanto, como os autores ressaltam, as implicações foram tanto políticas quanto religiosas. Além disso, é importante frisar juntamente com Campos (2004, p. 148) que “a história dos evangélicos está ligada, desde o seu início no século XVI, mais que a dos católicos romanos, às novas tecnologias de comunicação social. Surgindo como uma força minoritária dentro do campo religioso católico romano, e aliados à modernidade, os evangélicos precisaram criar, desde cedo, estratégias para ganhar adeptos e aumentar o seu rebanho na guerra contra outras modalidades de cristianismo, particularmente a católica.”

⁹ Cunha (2007, p. 14), por exemplo, resalta que a diversidade e a complexidade das denominações protestantes “levou estudiosos à tentativa de elaboração de tipologias, elas próprias múltiplas e, por suposto, provisórias e insatisfatórias”.

¹⁰ De acordo com Gaarder *et al* (2005, p. 218) os pentecostais “manifestaram-se primeiro no século XIX nos Estados Unidos, como um reavivamento dentro das igrejas metodistas e batistas já estabelecidas. Firmaram-se e se expandiram no início do século XX.”

¹¹ Não é a intenção centralizar a exposição sobre a diversidade do pentecostalismo no Brasil, pois essa discussão iria exceder o espaço desta pesquisa e desviaria o nosso foco, que é a construção do humor no canal “Desconfinados”. Destarte, essa breve exposição serve para nos situarmos melhor dentre as variadas tipologias e denominações existentes no contexto brasileiro.

década de 60, de cisões das “igrejas históricas” (por exemplo, os presbiterianos, os metodistas etc.) e abrangem as igrejas que sofreram certa pentecostalização, como a Presbiteriana Renovada, a Batista de Renovação etc. Já o segundo “apareceu no final do século XX e ganha força no início do século XXI” (CUNHA, 2007, p. 15), englobando comunidades religiosas como Bola de Neve, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra, entre outras.

Isto posto, vale ressaltar que “as formas de vida religiosa que hoje mais crescem no Brasil são, em primeiro lugar, as igrejas protestantes pentecostais. E, entre as pentecostais, as que mais crescem são aquelas que já se convencionou chamar de *neopentecostais*” (PIERUCCI, 2005, p. 307, grifo do autor). Portanto, no Brasil, há uma hegemonia pentecostal entre os protestantes, uma vez que, depois dos anos 50, eles cresceram de forma considerável. Não obstante,

os números demonstram um crescimento significativo de evangélicos do ramo pentecostal mas também do ramo histórico. Pesquisadores têm concluído que esse aumento não é um processo que ocorre de modo natural, mas é fruto de um projeto de expansão dos evangélicos no Brasil, aliado ao fato de que os grupos atuam separadamente, de modo desarticulado “em acirrada competição” (CUNHA, 2007, p. 50).

Segundo o Censo 2010, a diversidade dos grupos religiosos cresceu significativamente no Brasil, com o número dos católicos caindo e o número de evangélicos aumentando. Estes, em 2000, eram 15,4% da população, passando a ser, em 2010, 22,2%. Não obstante, dos evangélicos, 60% era pertencente à linha pentecostal.

Assim sendo, os números continuam aumentando e surpreendendo recentemente. Segundo Capler (2021, n. p.), “conforme uma pesquisa realizada em 2020 pelo Instituto DataFolha, os evangélicos representam 31% da população (mais de 65 milhões de pessoas)”, sendo que a maioria pertence às igrejas pentecostais e neopentecostais. Além disso, o teólogo expõe que uma projeção de um pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) conjectura que “em 2036 os evangélicos chegarão a 40,3 % da população, ultrapassando os católicos, que cairão para 39,4%” (CAPLER, 2021, n.p.). Diante disso, constata-se que vários estudiosos da religião, como sociólogos, antropólogos etc. buscam responder a questões relacionadas ao crescimento dos evangélicos.

Percebe-se, portanto, que, ao mesmo tempo em que há um crescimento considerável dos evangélicos no Brasil, existe uma concorrência entre os religiosos. E, nessa busca das

comunidades por mais adeptos, quem parece estar garantindo maior sucesso são os neopentecostais. Tendo essas afirmações em vista, vejamos algumas características do pentecostalismo.

1.2. BREVES CARACTERÍSTICAS DO PENTECOSTALISMO

De maneira geral, os pentecostais acreditam na Bíblia¹² e a consideram como verdade central para sua crença em Deus. Analogamente, eles aceitam as afirmações expostas no Credo dos Apóstolos, assim como os demais cristãos (GAARDER *et al*, 2005). Há, no entanto, um aspecto especial que distingue o pentecostalismo de outras denominações protestantes, que é o batismo no Espírito Santo, uma experiência similar a que aconteceu em Atos 2:

Os que foram batizados no Espírito Santo em geral descobrem que têm um ou mais dos dons do Espírito Santo (carismas), por exemplo, a glossolalia, ou o dom de falar em línguas estranhas, o de profetizar, o dom da cura. Mas embora os pentecostais creiam na cura pela fé, não recusam tratamentos ou cuidados médicos (GAARDER, 2005, p. 223).

No que tange aos pentecostais clássicos e aos neopentecostais, há algumas características em comum entre eles como a “ênfase na dimensão mística e emocional da expressão religiosa” (CUNHA, 2007, p. 48). Segue-se que os líderes dessas comunidades tendem a dar destaque na emoção em seus discursos, a fim de produzir nos fiéis certas sensações relacionadas a Deus, à eternidade, à salvação etc. Contudo, é relevante destacar que, enquanto o pentecostalismo clássico chegou ao Brasil através de missionários vindos de outros países¹³ e suas doutrinas dão ênfase ao batismo no Espírito Santo, à restrição dos costumes e à santificação, o neopentecostalismo prioriza a teologia da prosperidade, o exorcismo, além de não dar importância às restrições éticas e morais (CUNHA, 2007).

Além disso, segundo Paegle (2008), os pentecostais tradicionais sempre enfatizaram mais o evangelismo aliado a uma cultura oral, enquanto os neopentecostais são mais imagéticos e, por

¹² Apesar disso, assim como não há na Bíblia “nenhum princípio claro de orientação sobre a organização eclesial, cada comunidade da Igreja escolheu uma forma própria de se organizar [...] Essa multiplicidade de formas surge, em parte, de visões distintas a respeito de alguns aspectos da mensagem da Bíblia e, em parte, das condições históricas e culturais nas quais elas foram constituídas. Do mesmo modo, condições étnicas, psicológicas, sociológicas e geográficas desempenharam um papel nas cisões da Igreja” (GAARDER, 2005, p. 193).

¹³ A título de exemplo, os fundadores da Assembleia de Deus no Brasil foram Daniel Berg e Gunnar Vingren, ambos suecos.

isso, “a idéia do espetáculo, da teatralização e o uso massivo da TV é mais evidente” (PAEGLE, 2008, p. 89). Ademais, é relevante destacar que os neopentecostais apostam

[...] no reencantamento do mundo com a volta dos elementos mágico-religiosos, como a rosa de sarom, água ungida, terra santa, portas abertas e uma série de campanhas e correntes que buscam criar ligações entre o indivíduo e a instituição. A austeridade protestante contrasta cada vez mais com o neopentecostalismo (PAEGLE, 2013, p. 116 – 117).

Os pentecostais clássicos têm suas raízes plantadas nas confissões da Reforma Protestante (CUNHA, 2007) e, por isso, tendem a enfatizar doutrinas mais tradicionais da Bíblia, possuindo, em geral, uma interpretação literal do livro sagrado. Além disso, destacam-se as restrições éticas que o pentecostalismo tradicional assumiu. Bandeira (2017) afirma que, numa primeira fase do movimento pentecostal (portanto, nas suas primeiras décadas), houve uma grande separação do mundo e uma exacerbada busca por santidade. Consequentemente, atividades como visitar um circo ou ir ao salão de beleza eram reprováveis e tidas como motivos de repreensão. Por isso, Bandeira (2017) contrasta essa primeira fase com o crescimento de humoristas gospel, assunto que será exposto no tópico 1.4.

1.3. OS EVANGÉLICOS NA CONTEMPORANEIDADE

De acordo com Paegle (2013), o fato de o catolicismo ter perdido o monopólio no Brasil com a proclamação da República fez com que surgisse a possibilidade de disputas entre vários grupos religiosos. Com isso, nos dias atuais, percebe-se que os evangélicos, participando dessas disputas, estão inseridos no mercado, na mídia, na *internet* etc., produzindo seus próprios conteúdos a fim de estimular ainda mais a concorrência.

Com os evangélicos, hodiernamente, garantindo mais espaço na sociedade – não obstante o seu crescimento numérico no Brasil com uma hegemonia pentecostal – eles criam produções que variam desde músicas, revistas, programas na televisão etc. (CUNHA, 2007). Em relação ao entretenimento evangélico:

a cultura do consumo e da mídia, construídas no interior do protestantismo, resultaram no modo de ser *gospel* que insere o entretenimento como valor. Tendo como expressão mais forte a música, a cultura *gospel* derrubou barreiras evangélicas com a dança e com um dos maiores inimigos das igrejas – o carnaval (CUNHA, 2007, p. 148, grifos da autora).

Isto posto, pode-se afirmar que “o *gospel* transcendeu o espaço das igrejas” (CUNHA, 2007, p. 30, grifo da autora), uma vez que:

o que ocorreu nos anos 90 no Brasil foi uma explosão do *gospel* como um movimento cultural religioso, de um modo de ser evangélico, com efeitos na prática religiosa e no comportamento cotidiano. Passou-se a experimentar vivências religiosas combinadas em contextos socioculturais dos mais variados, o que torna uma unanimidade evangélica não-planejada sem precedentes na história do protestantismo no Brasil. Essas vivências são expressas por meio da música, do consumo e do entretenimento [...] (CUNHA, 2007, p. 86, grifo da autora).

Nesse sentido, há um modo de ser evangélico próprio desses produtores inseridos no mundo *gospel*¹⁴: esse jeito de ser, apesar de seguir as tendências atuais do consumo e da mídia, ainda se diferencia das produções de conteúdos seculares. Na esfera do entretenimento, por exemplo, o lazer é religioso, isto é, “as pessoas se divertem mais perto de Deus, ou, em outras palavras, é um lazer consagrado” (CUNHA, 2007, p.148). É necessário observar ainda que, a partir das análises das produções evangélicas (como, por exemplo, anúncios, músicas, revistas etc.), a mesma autora assevera que “a cultura *gospel* traz em si elementos do conservadorismo protestante expressos por meio de um ‘invólucro’ de modernidade” (CUNHA, 2007, p. 32, grifo da autora).

De forma análoga, Bellotti (2014, p. 121) ressalta que o fato de os evangélicos estarem sendo influenciados pela cultura do consumo, da celebração e do entretenimento, “sujeita a hibridismos com outras práticas até então consideradas mundanas – feijoada com pagode *gospel*, lutas de contato com oração, heavy metal cristão”, não deve ser vista de forma ingênua aos olhos das ciências sociais. Ou seja, não se trata simplesmente de uma banalização do cristianismo. Nesse sentido, existem as táticas dos crentes, os quais fazem uso das mídias digitais para recriar suas tradições no que tange à identidade musical, às práticas de consumo e também de moda. Não obstante, essas táticas dos evangélicos acabam (des)tradicionalizando as instituições religiosas e criando novos sentidos sobre o que é ser cristão (BELLOTTI, 2014).

Em consonância com Cunha (2007) e Bellotti (2014), Campos (2004) afirma que os evangélicos, especialmente os pentecostais, estão se adaptando cada vez mais ao atual cenário de globalização. De acordo com o estudioso, há uma grande aproximação entre os templos e o mercado, sendo que a mídia eletrônica é um grande contribuinte para essa convergência:

¹⁴ O termo “*gospel*” no livro de Cunha (2007) é usado para designar uma cultura híbrida relacionada aos evangélicos, a qual pressupõe o cruzamento entre o tradicional e o moderno.

[...] estamos diante de um processo de “globalização” que opera em nível econômico, cultural e social. Somente ingênuos achariam que a prática religiosa iria permanecer intocada. Desse novo panorama emergem novas ideologias, processos institucionais e estratégias de comunicação, exigindo novos perfis de “crentes” e de “agentes pastorais”. A visão de mundo, como um enorme *shopping center*, tende a fundir templo e mercado assim como religião e entretenimento. Não é um mero acaso que num dos principais *shoppings* de São Paulo há uma capela, pois pessoas aborrecidas de comprar “mercadorias materiais” têm um espaço para a aquisição de “mercadorias espirituais” (CAMPOS, 2004, p. 163).

Paegle (2008), por sua vez, defende que os evangélicos estão imersos na sociedade do espetáculo, posto que “o espetáculo que os evangélicos proporcionam ocorre tanto no espaço midiático, especialmente televisivo quanto na ocupação do espaço público” (PAEGLE, 2008, p. 94). Ainda de acordo com o mesmo estudioso, nesse contexto de espetacularização, os protestantes históricos sofrem pressões para se pentecostalizarem ao mesmo tempo em que os pentecostais são pressionados a se neopentecostalizarem por consequência da lógica de mercado.

Dessa forma, é possível vislumbrar também a *internet* como um espaço frutífero para os evangélicos, uma vez que estes passaram a usar esse meio com finalidades proselitistas (PAEGLE, 2013). Assim, “as redes sociais digitais da igreja acabam por se tornar um templo virtual que pode ser acessado a qualquer momento e sem se locomover” (MARTINS; RIVERO, 2019, p. 11). Do mesmo modo,

as igrejas cristãs se adaptaram às mídias, começando pelas eletrônicas, como rádio e televisão, e depois migraram para as digitais, com a internet e suas redes sociais, sobretudo Facebook e YouTube, como estratégia de evangelização, pois é possível alcançar um número maior de pessoas (MARTINS; RIVERO, 2019, p. 13).

No que tange ao *YouTube*, há também os chamados *youtubers* evangélicos, os quais produzem conteúdos variados nessa plataforma. Consta-se que muitos deles são fiéis das denominações protestantes do Brasil, que não tinham voz dentro da comunidade cristã (MARTINS; RIVERO, 2019). Contudo, “através das mídias digitais, sobretudo nas redes sociais, os fiéis agora podem questionar as autoridades institucionalizadas, as mensagens pregadas e até criar o seu próprio conteúdo religioso e se tornar uma influência no meio cristão” (MARTINS; RIVERO, 2019, p. 12). Assim, surgem esses *youtubers*, o que altera substancialmente as relações entre as igrejas e os fiéis.

Ademais, vale ressaltar que os evangélicos, sendo os pioneiros entre os religiosos no uso das diversas ferramentas oferecidas pela *internet* (BELLOTTI, 2014), vêm influenciando e sendo influenciados por elas a tal ponto que existe um “contrabalanço ao peso da autoridade institucional no campo evangélico” (BELLOTTI, 2014, p. 120), uma vez que a *internet* oferece vias de expressão as quais são desapegadas do controle institucional.

Diante do exposto, vejamos como um dos vídeos do canal “Desconfinados”¹⁵ é divulgado no *Instagram*, a fim de vislumbrarmos de forma ilustrativa essa alteração nas relações entre os fiéis e as igrejas:



Figura 1 - Print de uma postagem no *Instagram* sobre o vídeo “Intérprete de sonhos”¹⁶

Nota-se que, na divulgação do conteúdo, são usados tanto recursos visuais quanto verbais. No que tange aos visuais, trata-se de uma parte do vídeo “Intérprete de sonhos” na qual aparece um casal (que, de acordo com o contexto, são evangélicos). É importante notar que o título do vídeo

¹⁵ No tópico 1.4 há uma discussão maior sobre o canal.

¹⁶ Imagem disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CGQFSj3gZsy/>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

e a descrição da postagem complementam a imagem em destaque¹⁷, pois reforçam a expressão de surpresa do casal evangélico ao ouvirem a intérprete, como se ela tivesse algo grandioso a dizer da parte de Deus. Isso remete às pessoas nos meios evangélicos que possuem certa autoridade, posto que os fiéis as procuram por acharem que elas têm uma relação mais íntima com o transcendente.

No que tange aos recursos verbais, constata-se que há uma interpelação direta para que um público evangélico entre em contato com o vídeo, quando é dito: “*quem é crente vai se identificar*”. Não obstante, há ainda uma breve exposição do caráter do conteúdo do vídeo, o qual é diretamente ligado ao universo evangélico. Basta observarmos o léxico escolhido no texto, como as palavras “*irmã da igreja*”, “*crente*”, “*interpreta sonhos*”. Trata-se também de um conteúdo que parece esbarrar no campo do entretenimento, uma vez que é feita uma utilização de *emojis* com risadas e vários “*kkk*”. Além disso, o enunciado “*tá comédia demais*” remete o público a uma ideia de que o vídeo será engraçado. Assim sendo, é possível perceber um pouco da influência que os evangélicos estão buscando exercer, divulgando até mesmo seus conteúdos do *YouTube* nas redes sociais, a fim de alcançarem uma maior visibilidade.

Em contrapartida, é notória a diferença entre a divulgação do conteúdo acima com o compartilhamento de um conteúdo secular:

¹⁷ É relevante o que Joly (2007) diz sobre a relação da imagem com a linguagem verbal, pois esta acompanha a imagem “quase sempre, sob a forma de comentários, escritos ou orais, de títulos, de legendas, de artigos de imprensa, de balões, de didascálias, de slogans, de tagarelices, quase até ao infinito” (JOLY, 1994, p. 136).



Figura 2 - Print de uma postagem no *Instagram* sobre o vídeo “Missão Descumprida”¹⁸

Na descrição dessa postagem do *Instagram*, percebe-se que há um breve relato humorístico da vinda de Jesus na terra. Esse relato propõe uma visão decaída dessa vinda e ainda parece atacar a glossolalia presente no meio pentecostal por meio do enunciado “*paga curso particular de língua dos anjos*”. Na imagem acima, retirada do vídeo em reprodução, é possível vislumbrar um Jesus caricato jogando vídeo game, o que complementa o que está exposto no final da descrição: “*para ele farrear na Terra com ladrão e prostituta, encher a cara de vinho e ainda morrer cedo!*”. Isto posto, nota-se que, nesse caso, não há uma preocupação em atender os anseios do público religioso como acontece na divulgação do canal “Desconfinados”.

1.4. EVANGÉLICOS, HUMOR E O CANAL “DESCONFINADOS”

De acordo com Martins e Rivero (2019), os evangélicos têm se aventurado no campo do humor a fim de produzir conteúdos na *internet* e, como prova deste fato, é possível encontrar canais

¹⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CJok84fFmFg/>>. Acesso em: 08 set. 2021.

no *YouTube* como “Paxtorzão”¹⁹, “Tô solto”²⁰, “Desconfinados”, entre outros, os quais produzem vídeos relacionados ao universo evangélico. Dessa forma, faz-se plausível afirmar que existem “humoristas gospel com milhares de seguidores nas redes sociais, sendo convidados para participarem de programas seculares na TV, além de viajarem pelas Igrejas apresentado Stand-up gospels” (BANDEIRA, 2017, p. 8).

Isto posto, pode-se dizer que “há humoristas ateus e crentes” (MINOIS, 2013, p. 579), o que deve implicar que os religiosos, dispostos a se aventurar no universo do entretenimento, procuram hoje trazer uma visão mais alegre de Cristo. Contudo, nem sempre foi assim, pois, segundo o mesmo autor, o cristianismo em geral é caracterizado por ser uma religião *séria*, marcada pelo choro em decorrência do pecado. Nesse caso, rir das fraquezas, por exemplo, de acordo com os pais da igreja, seria uma perda muito grande, visto que a falta de seriedade atrapalharia um arrependimento genuíno (MINOIS, 2013). Em contraste com este estigma, o que vem acontecendo nos últimos anos é que “o humor está na moda, o riso é de bom gosto. Na ‘sociedade humorística’ contemporânea ser desprovido de senso de humor é uma doença, quase um vício. De repente, todo mundo – a começar pelos crentes – redescobre o riso bíblico” (MINOIS, 2003, p. 115).

Além disso, ainda à esteira de Minois (2003), cabe ressaltar que, se os religiosos deixarem o humor e o riso de lado, eles são vistos como sectários, uma vez que

[...] tomar liberdades humorísticas com a Escritura é uma maneira moderna de viver a existência de um Deus ao mesmo tempo presente e ausente. A fé, atualmente, deve ser humorística, com toda leveza que isso implica, ou torna-se sectária. O riso transformou-se, no domínio religioso, em fogo purificador. Em contato com ele, a fé insegura morre; a fé sem inteligência torna-se seriedade sectária e fanática (MINOIS, 2003, p. 579).

Bandeira (2017), por seu turno, salienta que atualmente há um número crescente de sujeitos produtores de um humor evangélico, dentre os quais muitos fazem parte de uma camada advinda do protestantismo: o pentecostalismo. Além disso, o mesmo autor afirma que no conteúdo propagado por esses produtores “existem fortes críticas à cultura do espetáculo no mundo gospel, de fato um descontentamento com os rumos do pentecostalismo na

¹⁹ Este canal é dirigido por Daniel Araújo e hoje conta com cerca de 750 mil inscritos. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCyvHdB6om_ueuKbGr7TDM3g/featured>. Acesso em: 08 mar. 2021.

²⁰ Este canal é dirigido por Vini Rodrigues e hoje conta com cerca de mais de 2 milhões de inscritos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/T%C3%B4Solto/featured>>. Acesso em: 08 de mar. 2021.

contemporaneidade” (BANDEIRA, 2017, p. 5). Isso pode ser percebido em uma fala de Jonathan Nemer, divulgada pela reportagem de Chagas (2015), quando o comediante explicou que um dos motivos de fazer humor na *internet* é para fazer refletir por meio do humor sobre as atitudes dos cristãos. Destarte, é possível notar que esses evangélicos se inserem na sociedade do espetáculo para criticar o espetáculo de certas denominações e líderes religiosos.

Nesse cenário de espetáculo, o que salta aos olhos é o canal “Desconfinados”. Neste canal, é notório o uso do humor com a finalidade de criticar certos líderes e escândalos no meio religioso, por exemplo. Para ilustrar essa afirmação, um *print* de um vídeo de “Desconfinados” chama a atenção e deixa transparecer uma crítica contra os líderes evangélicos (especialmente os pastores) que causam escândalos sexuais extraconjugais. Vejamos a figura a seguir, de forma a evidenciar essa crítica feita por meio do humor:



Figura 3 – Print do vídeo intitulado “Pastor Tentado”²¹ de “Desconfinados”

Como se pode notar, o título deste vídeo nos remete a dois sentidos. O primeiro, que é o mais evidente, traz a ideia de que o pastor do esquete foi tentado a cair em pecado. Assim sendo, esse sentido está diretamente ligado ao substantivo feminino “tentação”. Por outro lado, “Pastor Tentado” também carrega o sentido de que esse pastor é impudico ou, em termos mais

²¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zFIGLUEZA0E>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

populares, um sem-vergonha, tornando evidente uma crítica à figura desse tipo de pastor que se envolve com outras mulheres além da sua esposa.

Isto posto, vale ressaltar que os esquetes de “Desconfinados” são distintos de canais como o “Porta dos Fundos”, que faz críticas ácidas a muitos temas relacionados ao cristianismo, chegando a causar revolta, principalmente nos crentes²². A título de exemplo, há um vídeo chamado “Jesus Hétero”, com o ator Gregório Duvivier interpretando Jesus, que traz as seguintes descrições na plataforma do *YouTube*:

BIIIRLLL!! JESUS SAIU DA CRUZ, PORRA!! O pai tá on, chamaaa!! Aí, tentaram me derrubar? Esquece! Agora não tem pra ninguém!! Partiu resenha no Leblon? Partiu live do Alok? Traz a bebida que pisca! Me beija, gata! #portadosfundos

Figura 4 – Print da descrição do vídeo intitulado “Jesus Hétero”²³ do “Porta dos Fundos”

Nota-se nessa descrição um Jesus ressuscitado totalmente diferente do que é encontrado na Bíblia: é um Jesus representado por meio do humor, que grita como o famoso Kleber Bambam (por causa da expressão “BIIIRLLL!!”), que consome bebidas alcoólicas e assiste as *lives* do Alok na *internet*. Com essa descrição, os evangélicos acabam se revoltando de modo instantâneo, pois se trata de um humor que parece não medir limites no que tange àquilo que é sagrado ou transcendente.

É importante frisar que, apesar de o “Desconfinados” ser um canal distinto do “Porta dos Fundos”, Jonathan Nemer comentou que os limites do humor são subjetivos e que os seus conteúdos já ofenderam alguns públicos (CRUZ, 2018, n.p.). Até mesmo no início da sua

²² Ver, por exemplo, em: <<https://veja.abril.com.br/religiao/porta-dos-fundos-especial-de-natal-revolta-grupos-religiosos/>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

²³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y2mccgB3XIk&t=2s>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

carreira como criador de vídeos para o *YouTube* ele sofreu algumas críticas, pois, de acordo com as suas palavras:

Eu fui pioneiro neste negócio de fazer vídeo de humor gospel e levei muita porrada no começo. Eu ficava mal... Quantas vezes eu lia um comentário [crítica] e não conseguia dormir direito. Eu pensava: ‘Gente, eu gravei com a minha família, brincando’. Não queria escandalizar ninguém (NEMER *apud* CHAGAS, 2015, n. p.).

Não obstante, como “Desconfinados” vem quebrando a resistência do povo evangélico em relação ao humor, divulgando vídeos que entretém e que também criticam os erros das religiões, pode-se dizer que essa quebra de resistência deriva, em grande parte, do discurso que o canal carrega: um discurso que possui como base princípios cristãos. Nesse sentido, é possível afirmar que:

[...] a pregação nas redes sociais nem sempre é calcada nos preceitos religiosos, mas na ordenação de uma conduta que deve ser seguida por seus fiéis. Por exemplo, não é em todos os vídeos que os youtubers cristãos falam sobre o evangelho, mas essas produções, normalmente, possuem um discurso baseado nos princípios cristãos. A internet possibilita a criação desses líderes conectivos, isto é, fiéis que agora habitam também em um território digital (MARTINS; RIVERO, 2019, p. 12).

Consoante a isso, constata-se esse discurso no seguinte exemplo:



Figura 5 – Print do vídeo intitulado “Crente comprando cerveja”²⁴ de “Desconfinados”

²⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7FoHfCuTbV8>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

O que chama atenção na imagem acima é o título “*crente comprando cerveja*”. Neste, percebe-se que comprar cerveja, para um crente, é algo fora do comum, uma vez que o vocábulo “crente” especifica uma classe de indivíduos religiosos, mas improváveis compradores de bebidas alcoólicas. Essa afirmação é confirmada pelo fato de que os evangélicos em geral possuem uma aversão a esse tipo de bebida, pois ela pode destruir a sobriedade, virtude almejada pelo bom cristão. Além disso, o recurso audiovisual presente na figura (um evangélico com medo de ser notado) ilustra de forma mais clara o princípio de que consumir bebida alcoólica é pecado.

Diante dessas considerações, o humor do canal “Desconfinados” torna-se um expressivo objeto de análise. Entrementes, como os vídeos desse canal são compostos, em sua maioria, por esquetes, cabe aqui realizar algumas considerações a respeito deste gênero, a fim de que a análise discursiva do humor seja mais concreta.

1.5. CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO ESQUETE

Segundo o dicionário Michaelis²⁵, “esquete” vem etimologicamente do inglês “*sketch*” e é um substantivo masculino que está relacionado ao rádio, à televisão e ao teatro e significa uma peça curta com poucos atores. O dicionário Aulete²⁶, por sua vez, define “esquete” como uma breve encenação que, em geral, possui um caráter cômico e é produzida em televisão, rádio ou teatros. No que tange ao Dicionário de gêneros textuais de Costa (2014), há também uma definição para os esquetes, os quais são associados às peças teatrais, sendo definidos como: a) textos breves; b) textos que possuem a possibilidade de ter ou não diálogos; c) textos que podem ou não ser improvisados, com encenações curtas e que são, em geral, cômicas. E, da mesma forma que os dicionários Michaelis e Aulete, os esquetes são ligados às televisões, aos rádios e aos teatros. Não obstante, Costa (2014) ainda vai definir que o esquete é um texto que possui uma unidade dramática e tem um início, meio e fim bem estabelecidos.

²⁵ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/esquete/>>. Acesso em: 20 set. 2021.

²⁶ Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/esquete>>. Acesso em: 20 set. 2021.

Levantando algumas discussões acerca dos gêneros orais²⁷, Travaglia (2013) inclui os esquetes nessa categoria e, além disso, insere este gênero na esfera literária e do entretenimento. Dessa forma, pode-se elencar algumas características gerais do esquete, a saber:

a) ele é uma peça teatral curta. Há inclusive quem determine uma duração máxima de dez minutos para um esquete; b) ele é apresentado em lugares diversos: teatro, teatro de revista, circos, cafés - concerto, televisão, rádio, escolas, igrejas, empresas, etc.; c) ele é referido como geralmente cômico, humorístico; d) ele é comumente parodístico sobre algo, mostrando o ridículo desse algo o que se relaciona diretamente com seu aspecto humorístico e com os objetivos do humor de criticar e denunciar; e) ele comumente tem um viés satírico (TRAVAGLIA, 2017, p. 115 - 116).

Quantos aos diversos lugares em que os esquetes são divulgados e apresentados, vale salientar que eles também são encontrados na *internet*, mais especificamente no *YouTube*, que possibilita a divulgação de conteúdos para um público amplo. O canal “Desconfinados”, por exemplo, lança mão dessa plataforma para divulgar os seus esquetes.

Isto posto, é importante também ressaltar que os esquetes, para serem produzidos, geralmente possuem roteiros, os quais podem ser feitos por redatores profissionais ou amadores. Além disso, pensando nas condições materiais de produção desse gênero, não se pode ignorar o fato de que eles são produções audiovisuais. Paralelamente, ressalta-se que sua estrutura narrativa se constrói de forma que “a situação, o cenário e os personagens não precisam ser descritos, uma vez que aparecem em cena com suas características” (TRAVAGLIA, 2017, p. 119). Isso porque, ainda segundo Travaglia (2017), os acontecimentos e as situações são simplesmente representados, a fim de causar um efeito de verossimilhança. Destarte,

os fatos acontecidos e que são objeto da narração não são relatados, mas representados, encenados diante do alocutário que se vê então diante dos fatos como se eles ocorressem diante de seus olhos. É o mesmo que acontece em peças teatrais em geral, nos filmes, óperas, histórias em quadrinhos (TRAVAGLIA, 2017, p. 123).

Nesse sentido, as personagens dos esquetes possuem um papel fundamental na construção dos discursos e dos efeitos de sentido desse gênero discursivo. À vista disso, cabe considerar uma reflexão provinda de Rosenfeld (2014) a respeito das personagens, uma vez que elas, ao enunciarem, expressam uma maior franqueza do que as pessoas do mundo real, pois até quando

²⁷ Para este autor, “gênero oral é aquele que tem como suporte a voz humana (vista como a característica particular que tem o som produzido pelo aparelho fonador) e que foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz humana, independentemente de ter ou não uma versão escrita” (TRAVAGLIA, 2013, p. 4).

mentem na ficção ou buscam disfarçar alguma ação, elas oferecem indícios do próprio disfarce e da própria mentira. Assim sendo, no plano ficcional há uma transparência significativa.

Ademais, como os esquetes estão relacionados com o teatro, é válido considerar mais algumas características elencadas por Mello (2004, p. 98-101), a saber: i) os diálogos, ii) o paratexto e iii) as didascálias. Sobre os diálogos no texto dramático, pode-se afirmar que eles são formados:

[...] de réplicas sucessivas, atribuídas aos (inter)locutores. Logo, o diálogo depende de quem fala a quem, quando, onde, como e porque, ou seja, depende da situação de enunciação. O diálogo teatral se caracteriza também por um trabalho de ligação entre as réplicas, pelos encadeamentos nos níveis sintáticos, lexicais, semânticos e argumentativos, e por sua inscrição em uma estrutura estética que deve levar em conta não só o texto, mas, também, o paratexto (MELLO, 2004, p. 99).

Tendo em vista que, nos esquetes, há a possibilidade de haver diálogos entre as personagens, é importante considerar também essa característica sempre à luz das situações representadas. Além disso, é expressiva a relação entre os diálogos e o paratexto. Este, de acordo Mello (2004), concerne às marcas paratextuais, as quais “possibilitam uma primeira abordagem do texto, uma primeira tentativa de descrição através da qual podemos observar a organização e a estruturação do texto” (MELLO, 2004, p. 99). Assim sendo, o paratexto pode servir para direcionar a interpretação dos expectadores dos esquetes, pois diz respeito ao título que um vídeo carrega, à descrição de um esquete na plataforma do *YouTube* (como evidenciado na figura 4 do *print* da descrição do vídeo intitulado “Jesus Hétero” do “Porta dos Fundos”, por exemplo) etc.

No que tange às didascálias, as quais também fazem parte do paratexto, elas são indicações cênicas que têm como funções: “[...] nomear as personagens, distribuir as falas, indicar gestos, ações, o lugar onde ocorrem as cenas e até mesmo a decoração, a iluminação, a intonação (sic) e a dicção das vozes” (MELLO, 2004, p. 100), entre outras. Além disso, as didascálias estão destinadas a desvanecer no momento da representação cênica (MELLO, 2004).

Por último, é relevante também expor brevemente sobre os objetivos e as funções sociais dos esquetes segundo Travaglia (2017). No que tange àqueles que estão ligados à esfera do entretenimento, o autor elenca as suas principais funções, que são múltiplas: os esquetes exercem socialmente a função de entreter, de divertir, de criticar, de satirizar, de denunciar acontecimentos do mundo social e de fazer rir. Para mais, os esquetes também possuem a

função de “liberação de pressões impostas pelas regras sociais a respeito de muitos elementos de nossa vida social e psicológica” (TRAVAGLIA, 2017, p. 126).

1.6. AS TÉCNICAS RELACIONADAS AO HUMOR

Cabe expor aqui a respeito das técnicas²⁸ relacionadas ao humor, uma vez que, por meio delas, será possível uma percepção mais sólida dos efeitos de humor nos esquetes de “Desconfinados”. Possenti (1998), ao realizar diversas análises de piadas, busca “descrever as chaves linguísticas que são o meio que desencadeia o nosso riso” (POSSENTI, 1998, p. 17). Dessa forma, ele elenca alguns mecanismos (que são, em sua maioria, estritamente linguísticos) capazes de produzir humor, dentre eles: *léxico*, *sintaxe*, *inferência*, *conhecimento prévio*, *pressuposição* e *intertexto*.

No que tange à capacidade do léxico de provocar o humor, pode-se afirmar que uma de suas principais funcionalidades é a produção da ambiguidade nas palavras (POSSENTI, 1998). No entanto, segundo a constatação do autor, “as piadas lexicais não necessariamente se baseiam nesse fato” (POSSENTI, 1998, p. 31), uma vez que o humor lexical consiste em diversas facetas. Quanto às chaves linguísticas de sintaxe, por sua vez, elas consistem, para a produção do humor, nas palavras que desempenham a tarefa de retomada catafórica e anafórica.

A inferência, por sua vez, funciona a partir de informações implícitas ou explícitas em um dado texto, as quais podem ser vislumbradas através do contexto. Assim, o leitor/ouvinte, ao se deparar com esse mecanismo, é levado a fazer as suas conclusões. Já o conhecimento prévio, no que lhe concerne, é preciso que o leitor/ouvinte acione seus conhecimentos de acordo com o contexto histórico. Além disso, esse acionamento poderá ser feito juntamente a uma análise lexical das palavras envolvidas em um texto (POSSENTI, 1998).

Por fim, vale também considerar a chave da pressuposição e do intertexto. Quanto à primeira, no que diz respeito à sua capacidade de provocar o humor, ela se baseia na possibilidade do léxico ou da sintaxe acionarem pressuposições. Quanto ao intertexto, o qual pode ter ligação

²⁸ À esteira de Vale (2009), como na literatura sobre o humor há vários termos que possuem ligação com o verbete “técnica”, nesta pesquisa esse termo também será tomado de forma genérica “[...] para designar as marcas linguísticas e discursivas responsáveis por possibilitar a percepção dos efeitos de humor [...]” (VALE, 2009, p. 30) que, no contexto deste trabalho, realizamos nos esquetes.

com a pressuposição, ele consiste na intertextualidade que os textos humorísticos podem demonstrar, sendo que “há chistes que invocam explicitamente a intertextualidade” (POSSENTI, 1998).

Isto posto, ainda de acordo com Possenti (1998), vale ressaltar que esses mecanismos podem ser acionados simultaneamente numa piada. Portanto, em um mesmo texto, pode haver uma inferência e um mecanismo lexical gerando um efeito de humor. Além disso, Possenti (1998) enfatiza que esses mecanismos não ditam que um determinado texto seja humorístico, posto que, dentre outros motivos,

[...] a análise de textos humorísticos mostra que os aspectos explorados são os mais diversos, talvez todos, mais ou menos como são mobilizados, direta ou indiretamente, todos os recursos linguísticos para falar quotidianamente, para fazer literatura ou para a escrita em geral etc. (POSSENTI, 1998, p. 21).

Vale ressaltar que, em alguns momentos pontuais, tornou-se abstrusa a identificação das chaves linguísticas em nosso *corpus*, a ponto de, em determinados casos, não ser possível determinar a técnica segundo Possenti (1998). Vejamos um exemplo:

NAMORADO EVANGÉLICO: — Coloca no coração dela, ó Pai, que calça *legging* na frente dos amigos não é de Deus não.
NAMORADA EVANGÉLICA: — Amém.²⁹

Nesse trecho retirado do esquete “Oração Indireta”, percebe-se a personagem “namorado evangélico” lançando algumas indiretas relacionadas ao uso de calça *legging* para a sua namorada. Nesse turno de fala da personagem “namorado evangélico”, no entanto, não é possível identificar qual chave linguística está presente. Assim sendo, torna-se necessário considerar outras técnicas mais abrangentes.

Freud (2017), com o objetivo de explorar a relação do chiste com o inconsciente, efetua, num primeiro momento de sua obra, várias análises das técnicas dos chistes. Ele afirma que a construção de um chiste envolve o uso de uma técnica verbal ou expressiva. Dentre essas técnicas, vale ressaltar algumas delas aqui, a saber: *duplo sentido*, *duplo sentido com sentido sexual implícito e explícito*, *deslocamento*, *réplica direta*, *ironia* ou *representação pelo oposto*, *alusão*, dentre outras.

²⁹ Trecho do esquete “Oração Indireta”, de 02:36min. até 02:42min.

Em relação ao duplo sentido, Freud (2017) explica que ele compreende um jogo de palavras. Assim sendo, uma palavra “pode, graças a certas circunstâncias favoráveis, exprimir um duplo sentido” (FREUD, 2017, p. 56). No entanto, o psicanalista ressalta que existe mais de um tipo dessa técnica. Há, por exemplo, “o duplo sentido que vem do significado *efetivo* e do *metafórico* de uma palavra” (FREUD, 2017, p. 55, grifos do autor). Não obstante, ressaltam-se os casos em que existe um sentido sexual oculto por detrás de uma expressão, bem como outros em que há um sentido, também sexual, mais evidente.

Cabe também expor sobre o deslocamento e a réplica direta. O primeiro diz respeito a um desvio no curso do pensamento, o qual geralmente se realiza, num diálogo, por exemplo, entre uma fala e uma resposta (FREUD, 2017). Quanto à réplica direta, é possível dizer que ela também consiste em um desvio, em um erro de raciocínio, no entanto, diferentemente ao que acontece no deslocamento, no qual existe um cinismo disfarçado, este é abertamente admitido quando o locutor expressa uma réplica direta (FREUD, 2017).

Quanto à ironia, ela compreende a representação pelo oposto e “serve ao trabalho do chiste em diversas operações” (FREUD, 2017, p. 102). Entrementes, o mesmo autor esclarece que essa técnica, assim como as outras, não é exclusiva do chiste e nem é suficiente para caracterizá-lo. Dito isso, cabe explicar também uma técnica relacionada à ironia, a saber: a do exagero ou exageração. Nesta há uma contradição, a qual “entra no lugar de uma confirmação exagerada” (FREUD, 2017, p. 104).

Por último, a fim de não delongarmos muito nas técnicas relacionadas ao humor, é válido também expor a respeito da alusão ou representação por pertencimento. Nesta, há a “apresentação de algo que não pode ser expresso diretamente”, sendo que ela consiste na “substituição por algo ligado a uma conexão no pensamento” (FREUD, 2017, p. 108; 109). Semelhantemente à ironia, há várias formas de uma alusão ser expressa. Não obstante, existe uma variação da alusão, a qual Freud denomina “representação por algo pequeno ou mínimo”, que “cumpre a tarefa de exprimir plenamente uma característica através de um pequenino detalhe” (FREUD, 2017, p. 116).

De posse das técnicas relacionadas ao humor, torna-se imprescindível lançar mão de uma teoria que dê conta de aspectos ainda mais amplos referentes ao discurso. Assim sendo, por se tratar

de uma pesquisa que visa uma análise discursiva do humor, tomamos como base a Teoria Semiolingüística de Patrick Charaudeau.

CAPÍTULO 2

SEMIOLINGUÍSTICA, HUMOR E INTERDISCURSIVIDADE

2.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

Destaca-se que a Teoria Semioliológica de Patrick Charaudeau é o aparato teórico-metodológico usado para este trabalho. Através dela, o analista pode vislumbrar a dimensão psicossociolinguística do uso da linguagem, uma vez que o “discurso está relacionado ao fenômeno da encenação do ato de linguagem” (CHARAUDEAU, 2001, p. 26).

Destarte, Charaudeau propõe um modelo de análise do discurso, o qual contempla três níveis que se complementam, são eles: o nível da situação de comunicação, o nível da discursivização e o nível da construção textual (CHARAUDEAU, 2004). Quanto ao primeiro, ele diz respeito aos dados externos que estabelecem as coerções num determinado ato de comunicação. Desse modo, esse nível estabelece as identidades dos parceiros envolvidos numa troca, a finalidade de um ato, o propósito (ou seja, do que se trata a troca) e as condições materiais. O segundo nível “é o lugar onde se instituem, sob o efeito das restrições da situação, as diferentes ‘maneiras de dizer’ mais ou menos codificadas” de um sujeito (CHARAUDEAU, 2004, p. 22). E, por último, o nível da construção textual é aquele em que ocorrem as escolhas linguísticas do sujeito³⁰. São elas que configuram um texto³¹ e devem ser analisadas tendo em vista os dois níveis anteriores.

Assim sendo, cabe expor, neste capítulo, o porquê de uma teoria que leva em consideração esses três níveis, bem como a possibilidade de aplicação dos conceitos que a Semioliológica oferece para o objeto de estudo a ser analisado.

2.1.1. DISCURSO PARA CHARAUDEAU E A *MISE EN SCÈNE* DO ATO DE LINGUAGEM

Torna-se relevante apresentar como é concebido o conceito de *discurso* por Patrick Charaudeau. Para este autor, discurso está relacionado ao lugar no qual se desenrola a encenação da significação. Portanto, este conceito está ligado à *mise en scène* do ato de linguagem, bem como

³⁰ Citamos aqui Mello (2003), que refletiu sobre a definição de sujeito para Charaudeau. Destarte, para este, sujeito é “uma abstração, um lugar de abstração da produção/interpretação da significação, dependendo do lugar que esse sujeito ocupa no ato de linguagem” (MELLO, 2003, p. 42).

³¹ Texto, para Charaudeau, é a manifestação material do discurso. Não obstante, um texto se manifesta numa situação de comunicação determinada, a fim de servir para o locutor executar o seu projeto de fala (CHARAUDEAU, 2016).

aos saberes partilhados numa determinada sociedade. Em relação à *mise en scène*, pode-se afirmar que ela se realiza da seguinte maneira:

o locutor, mais ou menos consciente das restrições e da margem de manobra proposta pela *Situação de comunicação*, utiliza *categorias de língua* ordenadas nos *Modos de organização do discurso* para produzir sentido, através da configuração de um *Texto*. Para o locutor, falar é, pois, uma questão de estratégia [...] (CHARAUDEAU, 2016, p. 75, grifos do autor).

Nessa citação constata-se vários conceitos que serão tratados no decorrer de nosso trabalho. Porém, cabe ressaltar aqui somente que a *mise en scène* do ato de linguagem pressupõe um espaço externo e um interno, nos quais os sujeitos entram em relação a fim de se comunicarem. O espaço externo é o da situação de comunicação e o interno, por sua vez, se trata da encenação do dizer. Não obstante, é na *situação de comunicação* que os *parceiros* se encontram, sendo eles o EUc (Eu-comunicante) e o TUi (Tu-interpretante), seres psicológicos e sociais, inseridos na história. Por sua vez, na encenação do dizer, há os *protagonistas*, os quais são o EUe (Eu-enunciador) e o TUD (Tu-destinatário), seres de palavra.

Quanto aos saberes partilhados, eles possuem relação com as representações sociais presentes em determinados grupos na sociedade, as quais são “configuradas como ‘imaginários sociodiscursivos’” (CHARAUDEAU, 2018a). Portanto, o discurso também diz respeito a esses imaginários que circulam nos grupos sociais:

o imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual [...] constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva (CHARAUDEAU, 2017, p. 578).

Segundo Charaudeau (2017), os imaginários são sociodiscursivos na medida em que são gerados pelos discursos circulantes em determinados grupos sociais. Assim, eles se organizam em sistemas de pensamento e criam valores, sendo depositados na memória coletiva. Vale ainda dizer que “os imaginários sociodiscursivos circulam [...] em um espaço de interdiscursividade. Eles são testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais” (CHARAUDEAU, 2018a, p. 207).

Isto posto, a fim de vislumbrarmos melhor como se realiza o discurso, é preciso levar em consideração o *quadro comunicacional*. Trata-se de um esquema de representação que coloca em cena a forma como um ato de linguagem se realiza, bem como os sujeitos nele envolvidos (CHARAUDEAU, 2016). Destarte, cabe expor aqui um quadro elaborado por Mello (2004) a fim de sermos mais objetivos e consistentes com a nossa pesquisa, uma vez que os esquetes de “Desconfinados”, à semelhança do discurso dramático, do literário e do cinema narrativo de ficção³², possuem diversos sujeitos que integram a enunciação.

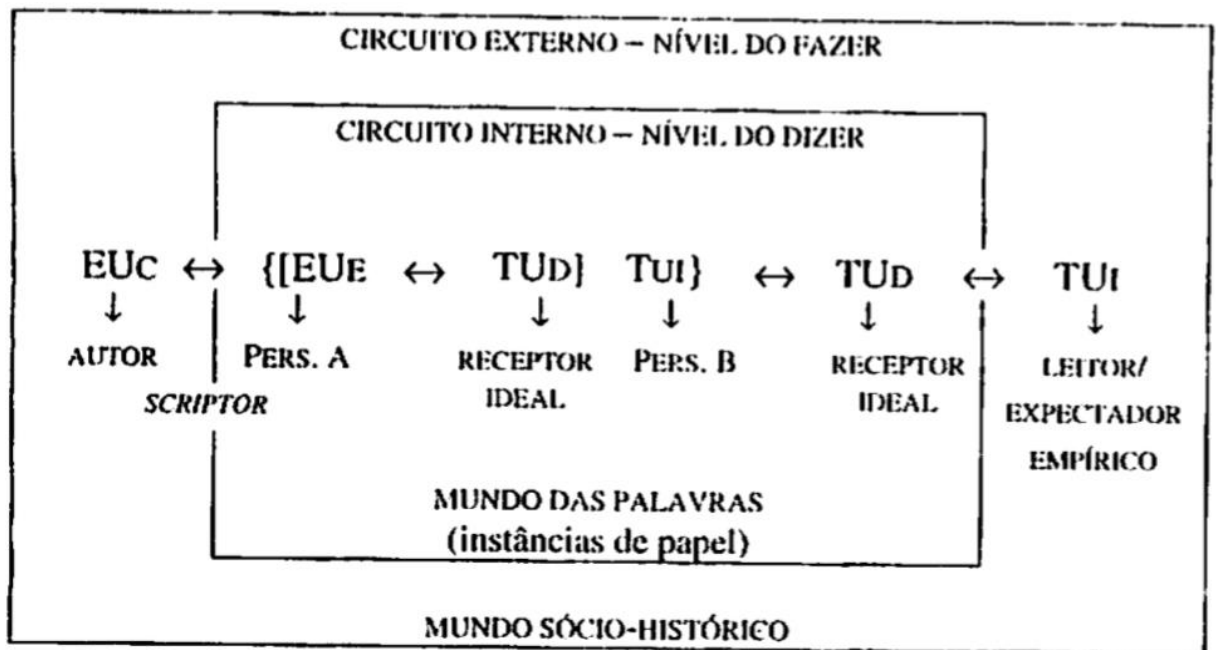


Figura 6 – Quadro comunicacional elaborado por Mello (2004, p. 95) com base em Charaudeau

Levando em consideração os esquetes, os quais possuem geralmente um roteiro, pode-se dizer que o EUC (*autor*) desse quadro representa o *roteirista*, que é a instância que toma a iniciativa no processo de comunicação e produz a enunciação. Sobre essa instância, é relevante considerar, à esteira de Alves (2006), que

tem-se um argumento inicial, que é a idéia do que vai ser o filme, e a partir dele é escrito o roteiro: descrição das cenas e das personagens, elaboração dos diálogos, costura das seqüências que determinam como os fatos vão se desenrolar, começo, meio e fim (ALVES, 2006, p. 29).

³² Alves (2006, p. 29) diz que “o termo *cinema narrativo de ficção* refere-se a filmes construídos com recursos narrativos para contar uma determinada história fictícia” (grifos da autora).

Assim sendo, pode-se dizer que essa produção é feita para ser destinada a um público, o TUi, que abrange os espectadores empíricos. Além disso, o EUc passa a uma equipe a tarefa de concretizar o discurso feito no roteiro, sendo ela representada pelo *scriptor*. É importante frisar que a figura do *scriptor* faz o papel de uma ponte, tornando possível a ligação entre o roteirista e os sujeitos do espaço interno. Neste, há a figura do EUe' e do TUi', que “tomam forma como personagens da obra, materializados pelo *scriptor/atores*” (ALVES, 2006, p. 30). As personagens, nesse caso, devem ser consideradas como locutores, uma vez que elas são responsáveis pelo que dizem³³. Semelhantemente ao teatro,

[...] a situação representada se constrói entre as personagens, ou seja, são elas que enunciam, que se dirigem ao (sic) leitores/espectadores. Elas falam umas às outras, dialogam entre si, em uma situação de comunicação reversível, respeitando as regras conversacionais, como se elas ignorassem a presença dos leitores/espectadores (MELLO, 2004, p. 96).

É válido também expor sobre os TUD's do quadro. Ambos estão localizados no nível do dizer e representam os receptores ideais do EUc e do EUe'. Quanto ao EUc, ele constrói um sujeito-destinatário-ideal a fim de cumprir o seu projeto de fala no circuito externo. De modo semelhante, o EUe'³⁴, nas interações que ocorrem nas cenas ficcionais, sempre tem um TUD' estabelecido para realizar as *estratégias discursivas* no mundo das palavras.

Feitas essas considerações, este quadro comunicacional mostra-se apropriado para o nosso objeto de estudo, pois: i) em relação ao espaço externo, há a possibilidade de vislumbrarmos as coerções nas quais o EUc e o TUi, sujeitos inseridos na situação de comunicação, estão submetidos; ii) quando ao interno, é possível analisar as falas e as estratégias das personagens, como se elas estivessem no mundo real, tal qual as restrições das situações em que estão inseridas; e iii), analisando os discursos das personagens³⁵, descortinar com maior nitidez a forma com que o TUD é imaginado pelo EUc.

³³ Em paralelo com as personagens do discurso literário, por exemplo, as personagens de uma obra “são locutores quando suas vozes se deixam ouvir por meio do discurso direto” (MELLO, 2003, p. 52).

³⁴ Identificamos o EUe' com uma linha, pois este é diferente do EUe do quadro clássico de Charaudeau (2016, p. 52), uma vez que o EUe' representa a personagem que fala em um ato de comunicação. Da mesma forma, o TUi' e o TUD' representam os sujeitos da encenação mais interna.

³⁵ Cabe aqui fazer uma breve diferenciação entre “personagem” e “ator”. Segundo o minidicionário Aurélio de Ferreira (2001, p. 530), o primeiro, no contexto teatral, diz respeito a “cada um dos papéis numa peça teatral que devem ser encenados por um ator”. Portanto, as personagens compõem o contrato ficcional de uma peça. Quanto a “ator”, por sua vez, este está relacionado ao artista, isto é, àquele “que representa em peças teatrais, filmes etc.” (FERREIRA, 2001, p. 73).

Como neste tópico expomos sobre a encenação do ato de linguagem, é necessário abordar agora acerca do *contrato de comunicação* e das *estratégias discursivas*, conceitos essenciais da Teoria Semiolingüística.

2.1.2. CONTRATO DE COMUNICAÇÃO E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

O *contrato de comunicação* se define como o conjunto das restrições sobre as quais qualquer troca linguageira se apoia (CHARAUDEAU, 2018b). Dessa maneira, essas condições e restrições são determinantes para a situação de comunicação, pois é esta que estabelece o quadro de referência de uma troca comunicativa. Pode-se dizer, então, que “toda troca linguageira se realiza num quadro de cointencionalidade, cuja garantia são as restrições da situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2018b, p. 68). Há cointencionalidade na troca linguageira porque tanto o(s) locutor(es) quanto o(s) interlocutor(es) devem estar cientes dessas condições.

Similarmente, percebe-se que em Charaudeau (2004) a noção de contrato de comunicação remete à questão dos *gêneros do discurso*³⁶, uma vez que as restrições que o contrato traz são capazes de definir um gênero. Sendo assim, o linguista propõe uma forma de classificação que leva em conta três níveis de restrições (o que nos remete ao seu modelo de análise do discurso), são elas: i) restrições situacionais; ii) restrições discursivas e iii) restrições formais (CHARAUDEAU, 2004).

Em relação a i), elas se referem à expectativa da troca e, portanto, aos elementos expostos no tópico 2.1 no que diz respeito ao nível situacional. Cabe ressaltar, no entanto, que em Charaudeau (2004) o autor focaliza mais a questão das *visadas* (que pressupõem a finalidade da troca) por se atentar mais ao princípio de influência³⁷. Destarte, ele define as visadas como correspondentes “a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte da própria troca linguageira”

³⁶ Há diversos pontos de vista a respeito da questão dos gêneros. Uma prova disso é o fato de que muitos autores os definem como “gêneros de texto” e outros como “gêneros do discurso” (CHARAUDEAU, 2018c). Portanto, nos restringiremos aqui somente ao que a Teoria Semiolingüística diz a respeito dessa questão.

³⁷ Está entre os princípios que fundam o uso da linguagem. São eles: o princípio de alteridade, de influência, de regulação e de pertinência.

(CHARAUDEAU, 2004, p. 23). Nessa linha de raciocínio, as principais visadas que o autor elenca são: a visada de *informação*, de *prescrição*, de *solicitação*, de *incitação*, de *demonstração* e de *instrução*.

A visada de *informação*, por exemplo, consiste no locutor colocar-se na posição de buscar *fazer saber*. E, conseqüentemente, o interlocutor, sobre o qual se presume que não possui tal saber, acaba ocupando a posição de *dever saber* (CHARAUDEAU, 2004). A visada de *incitação*, por seu turno, diz respeito à busca de *fazer crer* com o intuito de *fazer fazer*, uma vez que o locutor busca levar o outro a acreditar que o seu discurso é verdadeiro. Assim, “*eu quer ‘mandar fazer’ (faire faire)*, mas, não estando em posição de autoridade, como no caso da prescrição, não pode senão incitar a fazer” (CHARAUDEAU, 2004, p. 23, grifo do autor).

Além das visadas expostas por Charaudeau (2004), é importante destacar outra evidenciada em Charaudeau (2018b) a fim de que a descrição das visadas discursivas nas falas dos personagens dos esquetes seja ainda mais refinada. Trata-se da visada de *pathos*, a qual “consiste em ‘fazer sentir’, ou seja, provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável” (CHARAUDEAU, 2018b, p. 69). Vejamos como ela pôde ser depreendida no *corpus*:

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — O quê?!? Não é você não, credo! É o pastor Rubens.
 PASTOR: — O pastor Rubens?!
 PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — É!
 PASTOR: — O pastor Rubens?!³⁸

Nesse momento do esquete “Pastor Tentado”, a personagem acima confessa com quem ela quer se envolver amorosamente (mesmo sendo casada). Então, a personagem “pastor” fica indignado, uma vez que ele esperava que a mulher estivesse a fim dele e não do pastor Rubens. Dessa forma, ele expressa o seu descontentamento com o enunciado: “*pastor Rubens?!?*” visando despertar um estado emocional desagradável contra a figura do pastor desejado pela personagem “Priscila”.

Acerca das restrições discursivas, constata-se que elas determinam as maneiras de dizer numa situação de comunicação. Dessa maneira, as restrições discursivas dependem das situacionais, na medida em que o objetivo das coerções situacionais é construir o discurso (CHARAUDEAU, 2004). Nesse sentido,

³⁸ Trecho retirado do esquete “Pastor Tentado”, de 01:51min. até 02:03min.

[...] os dados da finalidade, pelo viés de suas visadas, determinam uma certa escolha dos *modos enoncivos* (descritivo, narrativo, argumentativo) que o sujeito falante deve empregar; os dados da identidade dos parceiros determinam certos *modos enunciativos* (alocutivo, elocutivo, delocutivo) nos quais ele deve se engajar; os dados do propósito determinam certos *modos de tematização*, quer dizer, a organização dos temas e sub-temas a serem tratados; os dados das circunstâncias materiais determinam certos *modos de semiologização*, quer dizer, a organização da *mise en scène* material (verbal e/ou visual) do ato de comunicação (CHARAUDEAU, 2004, p. 27, grifos do autor).

Ainda sobre as restrições discursivas, pode-se dizer que elas estão entre as coerções situacionais e as formais. Estas, por sua vez, são condicionadas pelos componentes da situação de comunicação via restrições discursivas. Assim sendo, é nesse nível que se dá a construção textual (CHARAUDEAU, 2004).

Feitas essas considerações, vale afirmar que não há somente coerções num ato de linguagem, pois o sujeito falante é relativamente sobredeterminado pelo contrato de comunicação. Logo, ele “dispõe de uma margem de manobra que lhe permite realizar seu projeto de fala pessoal, ou seja, que lhe permite manifestar um ato de individuação” (CHARAUDEAU, 2018b, p. 71). Destarte, pressupõe-se que o sujeito possui um número de operações linguageiras e deve usá-las – conscientemente ou não – conforme os seus objetivos numa determinada situação de comunicação.

A noção de *estratégia discursiva* traz a ideia de que o EUC encena o seu discurso para o TUi de forma a fazer com que este coincida com o TUD (CHARAUDEAU, 2016). Desse modo, se o EUC produzir um ato de mentira, por exemplo, e quiser que o TUi seja enganado, irá se utilizar de estratégias para alcançar o efeito de sentido desejado. Nesse ato, EUC diz *x* (ex.: *ontem fui jogar bola*), porém EUC pensa *não-x* (ex.: *ontem não fui jogar bola*). Consequentemente, EUC busca fazer com que o TUi coincida com o TUD, o qual foi idealizado para ser iludido pelo dito mentiroso (CHARAUDEAU, 2016).

Pode acontecer também de o TUi não captar os efeitos pretendidos pelo sujeito falante, assim ocorrendo um mal entendido. Logo, na expectativa de ser entendido pelo interlocutor, é plausível afirmar que o sujeito falante se utiliza de indícios, estes sendo aspectos fundamentais para a identificação de um determinado ato de comunicação. Dessa forma, a identificação desses indícios torna-se uma tarefa a ser realizada nesta pesquisa, com a finalidade de vislumbrarmos as estratégias discursivas nos esquetes do canal “Desconfinados”. Além disso,

para tornar a análise ainda mais eficiente, a Teoria Semiolinguística propõe os Modos de Organização do Discurso e, dentre eles, o Modo Enunciativo, sobre o qual expomos no tópico seguinte.

2.1.3. OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO E O MODO ENUNCIATIVO

De acordo com Charaudeau (2016, p. 74), os *Modos de Organização do Discurso* são “procedimentos que consistem em utilizar determinadas categorias de língua para ordená-las em função das finalidades discursivas do ato de comunicação”. Esses procedimentos são, portanto, discursivos e se dividem em: i) Enunciativo; ii) Descritivo; iii) Narrativo e iv) Argumentativo³⁹.

O autor ressalta que o *Modo Enunciativo* é aquele que comanda o Descritivo, o Narrativo e o Argumentativo, pois ele intervém na organização destes. Além disso, sua principal funcionalidade consiste em “dar conta da posição do locutor com relação ao interlocutor, a si mesmo e aos outros” (CHARAUDEAU, 2016, p. 74). Desse modo, o Enunciativo é uma categoria que traz à tona as diversas possibilidades de agência do sujeito falante na encenação do ato de linguagem.

Consoante a isso, vale ressaltar que, a fim de favorecer o Enunciativo, a modalização, enquanto uma categoria de língua (CHARAUDEAU, 2016), materializa o discurso do sujeito falante tornando “explícito o ponto de vista do locutor”. (CHARAUDEAU, 2016, p. 81). Assim sendo, Charaudeau expõe diversos procedimentos linguísticos correspondentes ao Modo Enunciativo, cada um a serviço de uma função. Para o modo alocutivo, há as modalidades de *interpelação*, de *sugestão*, de *juízo* etc., isso quando “o locutor se coloca em posição de superioridade com relação ao interlocutor” (CHARAUDEAU, 2016, p. 86). E, quando o locutor está em posição de inferioridade, existem as modalidades de *interrogação* e de *petição*. Para o elocutivo, por seu turno, há as modalidades de *promessa*, de *constatação*, de *declaração*, entre outras, as quais estão ligadas às formas específicas de o locutor enunciar seu ponto de vista sobre o mundo. Por último, o modo delocutivo carrega as modalidades de *asserção* com as suas variantes, as quais, em sua maioria, correspondem às do elocutivo. Não obstante, existe também a modalidade do *discurso relatado*, a qual depende das maneiras de se relatar um dito.

³⁹ Esses três últimos modos (descritivo, narrativo e argumentativo) correspondem aos modos enoncivos de acordo com Charaudeau (2004).

Nesse ínterim, percebe-se que esse modo em específico é essencial para a pesquisa, posto que, por meio dele, torna-se possível vislumbrar, por exemplo, a quem o locutor de um ato de comunicação está se dirigindo e a favor de qual finalidade. Da mesma forma, como lidamos com personagens se relacionando e dialogando na cena ficcional dos esquetes, é de suma importância considerar as posições que os sujeitos ocupam nas situações de comunicação. Assim sendo, cabe destacar as três funções do Modo Enunciativo através do comportamento:

- a) *Alocutivo*: é aquele em que o locutor age de forma a influenciar seu interlocutor lhe impondo certo comportamento. Portanto, o interlocutor está sempre implicado no Alocutivo, sendo levado a ter uma reação, a responder o ato. Similarmente, as relações estabelecidas nesse caso podem ser: i) relações de força, quando o locutor se coloca em posição superior ao interlocutor a fim de impor a este uma ação a ser realizada; e ii) relações de petição, quando o locutor se coloca em posição inferior ao interlocutor, na qual o primeiro pode necessitar saber de algo ou do poder fazer do interlocutor.
- b) *Elocutivo*: comportamento no qual o locutor “enuncia *seu ponto de vista* sobre o mundo [...], sem que o interlocutor esteja implicado nessa tomada de posição” (CHARAUDEAU, 2016, p. 83, grifos do autor). Assim, a verdade enunciada sobre o mundo produz efeitos de subjetividade, pois o ponto de vista do sujeito falante é revelado através das modalizações.
- c) *Delocutivo*: nesse comportamento o locutor se apaga de seu ato de comunicação e o interlocutor não é implicado. Conseqüentemente, “o resultado é uma enunciação *aparentemente objetiva* [...] que faz a retomada, no ato de comunicação, de Propósitos e Textos que não pertencem ao sujeito falante” (CHARAUDEAU, 2016, p. 83, grifos nossos). Apesar de a enunciação do Delocutivo produzir efeitos de objetividade, isso não significa que ela é neutra, uma vez que discurso depende de um sujeito e de seus pontos de vista (CHARAUDEAU, 2016).

Ademais, expostas as considerações gerais sobre a Teoria Semiolinguística, cabe agora partir para questões relacionadas mais diretamente ao ato de comunicação humorístico (ACH). Logo, tratamos acerca deste ato e, após isso, sobre a *mise en scène* triádica do humor. E, dessa forma, chegamos a algumas categorias com o intuito de descrever o nosso objeto de estudo.

2.2.O ATO DE COMUNICAÇÃO HUMORÍSTICO

Segundo Charaudeau (2006; 2011), o *ato de comunicação humorístico* diz respeito ao *humor* sendo utilizado como *estratégia discursiva* no interior das mais diversas situações de comunicação, a fim de que um locutor estabeleça certa convivência com o seu interlocutor. O termo “humor”, por sua vez, é “uma noção genérica [...] que pode se fazer objeto de diversas caracterizações”⁴⁰ (CHARAUDEAU, 2006, p. 21, tradução nossa). Dessa forma, o mesmo linguista ressalta que, para que um ato de comunicação humorístico (ACH) seja analisado, é preciso considerar a situação de enunciação – que diz respeito a uma relação triádica – a temática, os efeitos possíveis em relação ao auditório e os procedimentos linguageiros. Porém, antes de expormos esses aspectos, é necessário destacar brevemente alguns problemas que envolvem o humor segundo Charaudeau (2006), são eles:

- 1) O riso não deve ser visto como garantia de um fato humorístico, uma vez que se aquele “tem a necessidade de ser acionado por um fato humorístico, este último não é desencadeado necessariamente pelo riso”⁴¹ (CHARAUDEAU, 2006, p. 20, tradução nossa). Portanto, o ACH não deve ser considerado um ato com o objetivo de fazer-rir⁴².
- 2) A questão da diversidade de termos relacionados ao ato de comunicação humorístico também levanta uma dificuldade, pois os dicionários trazem várias denominações que giram em torno do termo “humor”. Assim sendo, o teórico ressalta que esse fato traz obstáculos para as análises como, por exemplo, imprecisão nas definições e dificuldades de classificação. Semelhantemente, Charaudeau (2006) também levanta o problema das categorias retóricas relacionadas ao humor (a ironia, especialmente), o que dificulta, em certa medida, o entendimento do humor no discurso.

Diante disso, torna-se plausível abordar acerca de alguns conceitos e categorias relacionadas ao humor que são de suma importância para esta pesquisa. Dessa forma, no tópico seguinte, apresentamos a *mise en scène* do ato de comunicação humorístico.

⁴⁰ No original : *une notion générique qui [...] peut faire l'objet de diverses catégorisations.*

⁴¹ No original: *a besoin d'être déclenché par un fait humoristique, celui-ci ne déclenche pas nécessairement le rire.*

⁴² As discussões sobre a visada de fazer rir e o riso no discurso são retomadas no tópico 2.4.

2.2.1. A *MISE EN SCÈNE* TRIÁDICA DO ATO HUMORÍSTICO

De acordo com Charaudeau (2006), na encenação de um ato de comunicação humorístico, existem três sujeitos: o *locutor*, o *destinatário* e o *alvo*. Destarte, o primeiro é aquele que propõe o ato, o segundo é o sujeito que recebe um chamado a partilhar da encenação do humor e pode assumir o papel de cúmplice ou de alvo. Este último, por sua vez, é uma instância cambiante, pois pode representar um sujeito que não está presente diretamente quando ocorre um ato de linguagem; por outro lado, o alvo também pode se fundir tanto ao locutor (que é quando se verifica uma autoironia) quanto ao destinatário (quando este se torna vítima ou cúmplice de um ACH) (CHARAUDEAU, 2006).

Isto posto, seguindo o raciocínio de Charaudeau (2006), considera-se aqui os aspectos que devem ser analisados sobre um ato de comunicação humorístico, os quais fazem parte do mecanismo da *mise en scène* deste ato. Como já mencionados brevemente no tópico 2.2, são eles: i) situação de enunciação; ii) a temática; iii) procedimentos languageiros e iv) os efeitos possíveis em relação ao auditório. Vale ressaltar, antes de adentrar nesses aspectos, que “como todo ato de linguagem, o ato humorístico é resultado de um jogo que se estabelece entre os parceiros da situação de comunicação e os protagonistas da situação de enunciação”⁴³ (CHARAUDEAU, 2006, p. 22, tradução nossa). Assim sendo, vejamos o funcionamento da encenação do humor.

No que toca à situação de enunciação, já mencionamos que o ACH pressupõe três sujeitos. Dentre as categorias de locutor, destinatário e *alvo*, esta se torna significativa, pois indica as pessoas, as instituições, as ideias etc. que são ridicularizadas ou talvez simplesmente desmoralizadas pelo humor, uma vez que, segundo Charaudeau (2006, p. 24, tradução nossa), “é por intermédio do alvo que o ato humorístico questiona as visões normatizadas do mundo procedendo aos desdobramentos, às disjunções, às discordâncias, às dissociações dentro da ordem das coisas”⁴⁴.

⁴³ No original: *Comme tout acte de langage, l'acte humoristique est la résultante du jeu qui s'établit entre les partenaires de la situation de communication et les protagonistes de la situation d'énonciation.*

⁴⁴ No original: *C'est par l'intermédiaire de la cible que l'acte humoristique met en cause des visions normées du monde en procédant à des dédoublements, des disjonctions, des discordances, des dissociations dans l'ordre des choses.*

No que tange ao locutor, uma questão relevante é que, numa situação de comunicação, ele pode contar uma história engraçada (*histoire drôle*), colocando assim diversas personagens em cena. Estes, portanto, podem se tornar locutores-enunciadores, os quais protagonizam a história (CHARAUDEAU, 2006). Essa consideração é importante, uma vez que estamos lidando com esquetes, nos quais há personagens também.

Quanto à temática, ela se refere ao universo de discurso no qual um ato de comunicação humorístico se apoia, ou seja, já que o humor propõe uma visão que questiona as normas sociais vigentes, é preciso examinar em que consiste essa visão (CHARAUDEAU, 2006). Destarte, os domínios envolvidos em um ACH podem variar de valores ligados à morte, à vida, à justiça, até temas relacionados à infância, à juventude, à velhice etc. Assim, Charaudeau (2006) ressalta que é na temática que a questão dos limites do humor revela-se como crucial, visto que se põe “a questão de saber se podemos fazer humor com tudo”⁴⁵ (CHARAUDEAU, 2006, p. 25, tradução nossa).

Há ainda, em um ato de comunicação humorístico, os procedimentos linguageiros, que são divididos em linguísticos e discursivos. O primeiro faz parte de “um mecanismo léxico-sintático-semântico que diz respeito ao explícito dos signos, sua forma e seus sentidos, bem como às relações forma-sentido.”⁴⁶ (CHARAUDEAU, 2006, p. 25-26, tradução nossa). Quanto aos procedimentos discursivos, eles dependem do mecanismo de enunciação e, da mesma forma, “da posição do sujeito falante e do seu interlocutor, do alvo visado, do contexto e do valor social de um domínio temático determinado”⁴⁷ (CHARAUDEAU, 2006, p. 26, tradução nossa).

No que se refere aos efeitos possíveis em relação ao auditório, por sua vez, eles possuem relação com as visadas relacionadas aos efeitos de humor. Assim sendo, trata-se do locutor em busca de estabelecer certos tipos de convivência com o destinatário⁴⁸. Pode-se afirmar ainda que, em

⁴⁵ No original: *la question de savoir si on peut faire de l'humour sur tout.*

⁴⁶ No original: *d'un mécanisme léxico-syntaxico-sémantique qui concerne l'explicite des signes, leur forme et leur sens, ainsi que les rapports forme-sens.*

⁴⁷ No original: *de la position du sujet parlant et de son interlocuteur, de la cible visée, du contexte d'emploi et de la valeur sociale du domaine thématique concerné.*

⁴⁸ No tópico 2.2.2 há uma exposição mais detalhada sobre os tipos de convivência.

um ACH, há uma co-construção dos efeitos de sentido, uma vez que o sujeito humorista visa um determinado efeito quando produz um enunciado enquanto o interlocutor o interpreta.

Agora que discorremos sobre a *mise en scène* do ato de comunicação humorístico, é oportuno tratar sobre algumas categorias para a análise do humor. Essas categorias lançam luz para uma descrição mais sólida dos ACHs, possibilitando que vislumbremos as *estratégias discursivas* realizadas nos esquetes.

2.2.2. ALGUMAS CATEGORIAS PARA A ANÁLISE DO HUMOR

A fim de propor algumas categorias para uma análise do ato de comunicação humorístico, Charaudeau (2006) afirma que elas não devem ser essencializantes, mas sim operacionais. Além disso, os ACHs devem ser observados caso a caso, podendo sempre haver certas combinações dessas categorias. Desse modo, um ato envolvendo o humor poderá ser, ao mesmo tempo, sarcástico, com uma incoerência paradoxal, a fim de gerar um efeito de derrisão, por exemplo.

Em Charaudeau (2011), o autor faz uma distinção entre figuras de enunciação e de descrição. As primeiras dizem respeito a uma dissociação entre aquilo que é dito e o que é pensado por um locutor numa determinada situação de comunicação e, portanto, o implícito de um ato consiste nessa dinâmica. No que toca às figuras de descrição, trata-se das diversas variações de sentido que as palavras ou construções frásticas podem ter em um dado ato de comunicação humorístico, as quais são chamadas por Charaudeau (2006) de incoerências. Portanto, essas variações se realizam no enunciado por meio da dissociação de isotopias.

Quanto às categorias relacionadas às figuras de enunciação, Charaudeau (2006; 2011) ressalta que elas consistem num jogo enunciativo, no qual o locutor busca colocar seu interlocutor numa certa posição em que ele precisa perceber como se relacionam o dito, que se mostra explícito pelo enunciador, e a intencionalidade subtendida pelo locutor.

Desse modo, em Charaudeau (2006) há a caracterização da categoria da *ironia* num primeiro momento. Esta consiste em:

- i) uma dissociação entre o dito e o pensamento, desejada pelo locutor, podendo esta mostrar, até mesmo, uma relação contrária entre o explícito e o implícito. Para

ilustrar, o linguista dá o exemplo do enunciado “belo trabalho!” dirigido a uma pessoa que acabou de fazer uma estupidez ou uma catástrofe;

- ii) fazer existir, ao mesmo tempo, o dito e o pensamento. Isso não acontece com um ato de comunicação que expressa uma mentira, por exemplo, pois nele a intencionalidade é que o implícito seja totalmente escondido. Na ironia, por sua vez, indícios são mostrados a fim de que o TUi perceba o ato irônico;
- iii) sempre evidenciar uma apreciação positiva que deixa implícito um pensamento negativo sobre determinado alvo.

À vista disso, Charaudeau (2006) também ensina acerca da categoria do *sarcasmo* ou *raillerie*. Esta se baseia no momento em que o pensamento e o dito são negativos sobre determinado alvo; no entanto, o dito negativo é, de certa forma, exagerado ou mais agressivo. Nesse caso há uma diferença de grau, de intensidade, entre o explícito do enunciado e o pensamento do locutor. Não obstante, no sarcasmo é previsto que o alvo seja o fim do julgamento negativo, enquanto na ironia esse julgamento recai sobre o interlocutor.

Há também a *autoironia*, a qual consiste no locutor dirigindo um julgamento negativo sobre si mesmo. Portanto, o locutor é o próprio alvo do seu ato de comunicação. Vale ressaltar, que, nesse caso, esse mesmo sujeito se encontra distanciado desse ato.

Ainda sobre as categorias do jogo enunciativo, é relevante destacar a *paródia* e o *gracejo*. No que tange à primeira, ela diz respeito à imitação de um texto original sem, contudo, se passar por esse texto. Assim sendo, “ela se distingue do pastiche, que, por sua vez, procura se fazer passar pelo original sem que isso seja dito⁴⁹” (CHARAUDEAU, 2006, p. 32). Quanto à categoria do *gracejo*, Vale (2009) a encontrou em algumas piadas de seu *corpus* e propôs que houvesse uma distinção entre ela e o sarcasmo, uma vez que

[...] em português, esses termos podem assumir significados distintos de acordo com a sua relação com a propriedade da hilaridade. De acordo com o Houaiss (2002), tanto *gracejo* quanto *zombaria* podem assumir significados como “... dito engraçado, espirituoso, ou que pretende sê-lo, graça”; por outro lado, *sarcasmo* apresenta

⁴⁹ No original: *elle se distingue du pastiche qui, lui, cherche à se faire passer pour l'original sans le dire.*

conotações ligadas a uma ironia cáustica, agressiva, que nem sempre se dispõe para a hilaridade (VALE, 2009, p. 80).

Dessa forma, se no sarcasmo há uma visada implícita de agressão, de exageração, exclui-se essa possibilidade no gracejo, no qual o interesse está mais voltado na busca do lúdico e da brincadeira.

Discorrendo sobre as categorias de descrição, que compõem o jogo semântico, Charaudeau (2006) reforça que “o humor consiste em jogar com a polissemia das palavras, que permite construir dois ou mais níveis de leitura ao longo da construção frástica (isotopia), em torno de palavras cujo significado é duplo ou triplo⁵⁰” (CHARAUDEAU, 2006, p. 32). É nesse ponto de vista que o autor divide essas categorias em tipos de incoerências, as quais são: *incoerência insólita, paradoxal e loufoquerie*.

Quanto à *insólita*, há uma transferência de sentido entre dois universos postos em relação. Segundo Charaudeau (2006), existe a possibilidade de explicar essa transferência evidenciando, por exemplo, a polissemia nas palavras ou um acidente em uma determinada narrativa. No que se refere à *paradoxal*, ela diz respeito a uma contradição entre duas lógicas, sendo que essa contradição não pressupõe uma mudança de isotopia. Na *loufoquerie*, por sua vez, “os universos colocados em relação são completamente estranhos uns aos outros, nada tem a ver uns com os outros”⁵¹ (CHARAUDEAU, 2006, p. 32, tradução nossa).

Por último, ainda neste tópico, é importante ressaltar acerca das categorias relacionadas aos efeitos possíveis de um ato de comunicação humorístico. Estes partem de uma problemática relacionada à intencionalidade, sobre a qual um sujeito está na posição efeitos de construir certos visados relacionados ao humor e, do outro lado, há os interlocutores, que recebem o ato humorístico e constroem para si os efeitos de prazer (CHARAUDEAU, 2006). No entanto, segundo Charaudeau (2006), não há garantias de que ambos os efeitos irão coincidir. Por isso, fala-se de efeitos possíveis que “podem corresponder a diferentes tipos de convivência”⁵²

⁵⁰ No original: *l'humour consiste à jouer sur la polysémie des mots qui permet de construire deux ou plusieurs niveaux de lecture tout au long de la construction phrastique (isotopie) autour de mots dont le sens est double ou triple.*

⁵¹ No original: *... les univers mis en relation sont complètement étrangers l'un à l'autre, n'ont rien à voir l'un avec l'autre.*

⁵² No original: *peuvent correspondre à différents types de convivence.*

(CHARAUDEAU, 2006, p. 35, tradução nossa) as quais variam entre as categorias de convivência *lúdica*, *crítica*, *derrisão*, *cínica*, entre outras.

Em relação à convivência *lúdica*, ela procura compartilhar uma visão do mundo que é decalcada e isso acontece sem que haja um engajamento moral aparente. Por sua vez, a *crítica* propõe uma denuncia de uma falsa aparência de virtude, a qual pode esconder valores negativos. No que tange à *cínica*, ela “busca fazer partilhar uma desvalorização dos valores que a norma social considera positivos e universais”⁵³ (CHARAUDEAU, 2006, p. 37, tradução nossa). E, por último, na *derrisão* existe uma busca de mostrar a insignificância do alvo, fazendo com que ele seja diminuído e humilhado.

Isto posto, de posse das categorias de análise relacionadas aos ACHs, é possível ter uma noção maior sobre o humor no discurso. No entanto, cabe ainda expor brevemente acerca da relação interdiscursiva entre o Discurso Humorístico e o Discurso Religioso, já que “Desconfinados” é um canal do *YouTube* no qual um evangélico faz o uso do humor para produzir seus conteúdos.

2.3. UMA RELAÇÃO INTERDISCURSIVA ENTRE O DISCURSO HUMORÍSTICO E O DISCURSO RELIGIOSO

Segundo Maingueneau (2018b), o conceito de *interdiscurso* remete às relações multiformes estabelecidas entre os diversos discursos existentes. Além disso, o mesmo autor apresenta este conceito em seu sentido mais restritivo (como um conjunto de discursos de campos discursivos diferentes ou que pertencem a um mesmo campo, os quais estabelecem certas relações de delimitação recíproca uns com os outros) e mais amplo, a saber: como o conjunto das unidades discursivas que um determinado discurso pode entrar em relação, sendo que essa relação é capaz de ser explícita ou implícita (MAINGUENEAU, 2018b). Não obstante, ainda relacionado ao interdiscurso, é importante considerar a afirmação de Maingueneau (2010, p. 170) de que os gêneros e os tipos de discurso possuem um modo de se instaurarem no universo do discurso e, da mesma forma, têm “sua maneira de se relacionar com a ‘topia’, de ocupar o espaço daquilo que é dizível em uma sociedade”. Nesse sentido, as relações interdiscursivas se realizam na medida em que um determinado discurso se insere no universo de discurso.

⁵³ No original: *elle cherche à faire partager une dévalorisation des valeurs que la norme sociale considère positives et universelles.*

Tendo essas noções em mente, podemos tecer, neste tópico, algumas considerações gerais sobre o Discurso Humorístico e o Discurso Religioso a fim de refletirmos brevemente sobre as possíveis relações entre esses dois tipos de discurso no *corpus* de nossa pesquisa.

No que diz respeito ao Discurso Humorístico (DH), Vale (2013) assume que esse tipo de discurso é *mimotópico, não constituinte e mediador sui generis*. Quanto ao DH ser mimotópico, isso significa que ele pode ser usado como estratégia discursiva por outros tipos de discurso, por exemplo. Da mesma forma, o DH está sujeito a transformar-se constantemente, “[...] adequando-se às mais diferentes situações de comunicação com o intuito de proporcionar as mais variadas finalidades” (VALE, 2013, p. 138). Não obstante, o Discurso Humorístico é não constituinte, ou seja, ele não pode se autolegitimar. No entanto, há a possibilidade de o DH, bem como os gêneros e os textos por ele engendrados, servirem como mediadores entre os discursos constituintes⁵⁴ e a *doxa*, traduzindo para uma linguagem de mais fácil entendimento os enunciados dos discursos constituintes (VALE, 2013).

Nesse passo, pode-se dizer que o DH estabelece relações interdiscursivas com os outros discursos baseadas no *mutualismo oportunista* e na *replicação*. De acordo com Vale (2013, p. 151, grifos do autor), aquele consiste na “absorção e (re)utilização, ao mesmo tempo, da *substância* e da *forma*” de um dado discurso, fazendo com que o DH estabeleça “um convívio mais ou menos pacífico” com os outros tipos de discurso. Quanto à replicação, ressalta-se que o Discurso Humorístico possui, aparentemente, uma ausência de estrutura tipológica, o “que propicia ao DH *replicar* uma gama de propriedades estruturais relativas às cenas de enunciação, em especial, à cena englobante e aos macrodispositivos conceituais dos outros tipos de discurso” (VALE, 2013, p. 152, grifo do autor).

No que tange ao Discurso Religioso (DR), por sua vez, trata-se de um tipo de discurso que busca fazer ouvir a voz de Deus por meio dos seus enviados como, por exemplo, o profeta, o pastor, o padre etc. (ORLANDI, 1987). Além disso, há uma assimetria entre as relações intersubjetivas que se instauram nesse tipo de discurso, uma vez que,

[...] no discurso religioso, há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do *plano espiritual* (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do *plano temporal* (os sujeitos, os homens). Isto é, locutor e ouvinte pertencem a duas ordens

⁵⁴ De acordo com Maingueneau (2010), os discursos constituintes se ancoram em um Absoluto, uma vez que se autorizam por si mesmos e estão ligados a uma Fonte que os legitima.

de mundo totalmente diferentes e afetadas por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual *domina* o temporal (ORLANDI, 1985, p. 243, grifos da autora).

Cabe ainda ressaltar, segundo Melo (2017), que o Discurso Religioso estabelece finalidades (como a de doutrinar, por exemplo) ligadas à visada de informação, à visada de persuasão e à de incitação. Nesse sentido, “o discurso religioso possui [...] um caráter pragmático, no sentido de que leva o outro a uma ação” (MELO, 2017, p. 144). Além disso, pode-se dizer que o DR se relaciona com outras práticas sociais e discursivas, o que possibilita intersecções com diversos domínios da sociedade como, por exemplo, o midiático, o político, o científico, entre outros (MELO, 2017).

Á vista disso, é relevante refletir também sobre a midiatização do DR, a qual, em resumo, “consiste na adoção, por parte da Igreja, de variados dispositivos midiáticos para se comunicar com o fiel” (MELO, 2017, p. 141). Dessa forma, pode-se perceber que as novas tecnologias proporcionam aos sujeitos (aqui, integrantes das igrejas) a possibilidade de extrapolar os espaços dos templos religiosos. Assim,

as diferentes possibilidades de interação proporcionadas pelo meio virtual quebram a aparente assimetria típica do discurso religioso e permite que os fiéis, até então meros “receptores”, atuem como espécies de co-produtores dos conteúdos religiosos (descentralização) e como seus reprodutores e difusores (cascatas) (MELO, 2015, p. 85)

Como está exposto no tópico 1.3, é possível afirmar que o canal “Desconfinados” possibilita também a discussão a respeito dos fiéis extrapolar o espaço dos templos religiosos, tornando-se mais conectivos com o público. Além disso, essa conexão se dá com um incremento: o humor. Diante disso, vejamos um breve exemplo relacionado à discussão sobre a relação interdiscursiva entre o DH e o DR no *corpus*:

PASTOR: — Priscila, é melhor você parar, Priscila. É melhor você parar.
 PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Ele é pastor.
 PASTOR: — Priscila, para, ele é casado. Ele é cas-, muito bem casado. Homem de família, a esposa ama, casado!
 PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Eu sei, pastor, mas...
 PASTOR: — Cala a boca, Satanás! Eu não vou trair a minha esposa, eu não vou cair na sua lábia.⁵⁵

⁵⁵ Trecho do esquete “Pastor Tentado”, de 01:36min. até 01:51min.

Esse excerto do esquete “Pastor Tentado” traz à tona uma repreensão que a personagem “pastor” faz contra a personagem “Priscila”, uma vez que dá a entender que esta está interessada no pastor. Logo, percebemos a reação da personagem “pastor”, pois ele diz: “*Cala a boca Satanás! Eu não vou trair a minha esposa, eu não vou cair na sua lábia*”, por meio de uma *réplica direta*. Assim sendo, destaca-se uma intertextualidade com alguns termos do meio neopentecostal, a saber: “*Cala a boca, Satanás!*” e “*eu não vou cair na sua lábia*”. Do mesmo modo, a fim de dar um direcionamento a esse *sarcasmo*, a personagem dirige o enunciado a uma mulher indecente e tentadora. Trata-se, então, de uma personagem representando um pastor repreendendo uma mulher enviada de Satanás. Dessa forma, pode-se afirmar que parece haver uma busca de denunciar certos comportamentos e situações censuráveis através do humor.

Diante disso, percebe-se uma interdiscursividade entre o Discurso Humorístico e o Discurso Religioso no *corpus*. Nesse ínterim, é possível afirmar que a percepção dessa relação interdiscursiva nesse canal, que foi até chamado de “Porta dos céus”, apesar de ser complexa, é fundamental para entendermos as *estratégias discursivas* relacionadas ao humor em “Desconfinados”. Não obstante, tendo em vista essa relação interdiscursiva, parece haver uma tensão entre dois *campos discursivos* no *corpus* de nossa pesquisa, a saber: entre o campo religioso e o campo do humor.

2.3.1. REFLEXÃO SOBRE O CONCEITO DE CAMPO DISCURSIVO

Segundo Maingueneau (2010), *campo discursivo* implica a ideia de identidade enunciativa e diz respeito a um espaço no qual um conjunto de *posicionamentos* interagem entre si numa relação de concorrência em sentido amplo. Esses posicionamentos, por sua vez, são “fontes de enunciados que devem assumir os embates impostos pela natureza do campo, definindo e legitimando seu próprio lugar de enunciação” (MAINGUENEAU, 2010, p. 50).

Dessa forma, pode-se dizer que um sujeito ocupa certa posição em determinado campo discursivo levando em consideração os sistemas de valor que circulam nele. Vale ainda destacar ainda que o posicionamento “não diz respeito apenas aos ‘conteúdos’, mas às diversas dimensões do discurso: ele se manifesta também nas escolhas destes ou daqueles gêneros do discurso, no modo de citar etc.” (MAINGUENEAU, 2018c, p. 393).

Maingueneau (2010) ainda ressalta que, para ser operacional, a noção de campo discursivo deve ser lapidada. Por isso, o linguista afirma que uma das características essenciais de um campo é que ele é heterogêneo, ou seja, ele possui um centro, uma periferia e uma fronteira. Assim sendo, “entre os posicionamentos centrais, há dominantes e dominados. Os posicionamentos da periferia são por natureza dominados pelos do centro” (MAINGUENEAU, 2010, p. 51).

Destarte, torna-se necessário vislumbrar como se realiza a tensão entre o campo religioso e o campo do humor⁵⁶ em nossa pesquisa a fim de que seja observado como se dá o posicionamento do canal “Desconfinados” em relação a esses dois campos.

2.4. A VISADA DE FAZER RIR E O RISO NO DISCURSO

*Como estar fora de controle nunca é totalmente gratificante,
o riso pode se tornar desprazeroso com facilidade (EAGLETON, 2020, p. 17).*

De acordo com o que está exposto no tópico 2.2, para Charaudeau (2006) um ato de comunicação humorístico (ACH) não deve ser visto como um ato que tem o objetivo de fazer-rir. Nesse sentido, a Teoria Semiolinguística não fornece subsídios suficientes para a descrição de uma visada ligada diretamente ao riso. De forma semelhante, como Vale (2013) pontuou sobre as conviências em Charaudeau (2006), este não diz que as emoções ligadas às conviências são passíveis de gerar o riso.

À vista disso, Vale (2013) possui um posicionamento distinto e afirma que devemos considerar as funções do riso⁵⁷, que podem estar relacionadas, por exemplo, à derrisão, ou também a um desejo de causar um alegramento através do riso. Além disso, ainda segundo Vale (2013), é possível afirmar que há uma visada de *fazer-rir*, sendo que ela pode ser utilizada

[...] objetivando alcançar: a felicidade (pelo alegramento ou pela boa saúde); o sucesso na argumentação (apresentando-nos como pessoas civilizadas e urbanas); o descanso das obrigações religiosas; as verdades diferentes daquelas propostas pelas teses ditas sérias; a purificação dos vícios e dos defeitos da alma (VALE, 2013, p. 93).

⁵⁶ Possenti (2018) defende que o humor é um campo, uma vez que “o humor ganha espaços cada vez mais numerosos e relevantes no mundo atual” e “este fato se reflete na profissionalização de seus ‘praticantes’, um traço extremamente relevante na configuração de um campo” (POSSENTI, 2018, p. 27).

⁵⁷ Diversos tratados foram elaborados no decorrer dos séculos a fim de trazer à tona discussões relacionadas ao riso. Portanto, não é de nosso propósito fazer uma exposição sistemática das funções do riso neste trabalho.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a visada de *fazer-rir* dilui-se nos diferentes tipos de discurso e nas mais variadas situações de comunicação. Além disso, essa visada, “em relação àqueles que herdaram as funções de fazer rir, torna-se um efeito visado que garante um *mix* de retaliação e sucesso junto ao público e à sociedade” (VALE, 2013, p. 93).

Não obstante, refletindo sobre o riso em uma perspectiva discursiva, Vale (2013) considera os apontamentos de Propp (1992) tendo em vista a percepção dos tipos de riso no discurso. Com base no crítico russo, é viável elencar os principais tipos de riso, são eles: *riso de zombaria* (ligado à derrisão), *riso bom*, *riso maldoso*, *riso cínico*, *riso alegre* e *riso ritual*. No que tange ao primeiro, pode-se pontuar que

podem ser ridículos o aspecto da pessoa, seu rosto, sua silhueta, seus movimentos. Podem ser cômicos os raciocínios em que a pessoa aparenta pouco senso comum; um campo especial de escárnio é constituído pelo caráter do homem, pelo âmbito de sua vida moral, de suas aspirações, de seus desejos e de seus objetivos. Pode ser ridículo o que o homem diz, como manifestação daquelas características que não eram notadas enquanto ele permanecia calado. Em poucas palavras, tanto a vida física quanto a vida moral e intelectual do homem podem tornar-se objeto de riso (PROPP, 1992, p. 29).

Por conseguinte, é possível sintetizar o riso de zombaria como sendo “voltado para a punição dos vícios e para o escárnio dos defeitos (mesquinhos)” (VALE, 2013, p. 100). Além disso, esse tipo de riso, segundo Propp (1992), é o que mais se manifesta na vida. Há também o riso bom, o qual é mais difícil de ser encontrado na sociedade e se diferencia do riso de zombaria por não trazer consigo o efeito de derrisão. Por isso, Propp (1992) diz o seguinte a respeito desse segundo tipo de riso:

Pode acontecer, por exemplo, que os defeitos sejam tão irrelevantes a ponto de suscitar em nós não o riso, mas o sorriso. O defeito pode ser próprio de uma pessoa a quem amamos e apreciamos bastante ou por quem sentimos simpatia. No quadro geral de uma avaliação positiva e da aprovação, um pequeno defeito não provoca condenação, mas pode, ao contrário, reforçar um sentimento de afeto e simpatia (PROPP, 1992, p. 152).

No riso maldoso, por sua vez, Propp (1992, p. 159) afirma que “os defeitos, às vezes mesmo só aparentes, imaginados ou inventados, são aumentados, inflados, alimentando assim os sentimentos maldosos, ruins e a maledicência”. Esse tipo de riso possui grandes similaridades com o riso cínico, porém, este último se difere “pelo fato de que retira seu prazer da desgraça alheia” (VALE, 2013, p. 100).

Por fim, há o riso alegre e o riso ritual. Quanto ao primeiro, ele não tem nenhuma ligação com a punição dos defeitos de outrem e, por isso, não carrega o efeito de derrisão. Dessa forma, “desse riso sabem rir pessoas alegres por natureza, boas, dispostas ao humorismo” (PROPP, 1992, p. 163). E, no que tange ao riso ritual, ele está relacionado aos diferentes ritos que ocorrem desde os primórdios da existência e da sociedade.

Ademais, diante dessa exposição sobre a visada de fazer rir e o riso no discurso, finalizamos o capítulo no qual consideramos a Teoria Semiológica desde os seus conceitos mais abrangentes até os conceitos relacionados diretamente ao ato de comunicação humorístico. Além disso, discutimos sobre a relação interdiscursiva entre o Discurso Humorístico e o Discurso Religioso, bem como refletimos brevemente sobre o conceito de campo discursivo. Nesse passo, passemos agora para a análise das estratégias discursivas relacionadas ao humor nos esquetes do canal tendo como base a Semiologia.

CAPÍTULO 3

*ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS
DISCURSIVAS RELACIONADAS AO
HUMOR NO CANAL
“DESCONFINADOS”*

3.1. A SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO NO CANAL “DESCONFINADOS” E NOS ESQUETES

Em consonância com Charaudeau, é possível afirmar que “todo sujeito falante (locutor) ocupa o centro de uma *situação de comunicação* que constitui um *espaço de troca* no qual ele se põe *em relação* com um parceiro (interlocutor)” (CHARAUDEAU, 2016, p. 70, grifos do autor). Dessa forma, torna-se importante observar como se estabelece a situação de comunicação no canal “Desconfinados” e nos esquetes, sem ignorar que, como no texto dramático, segundo Mello (2004), temos que lidar com uma dupla enunciação, a saber: uma entre o EUc e o TUi, ambos sujeitos empíricos; e outra entre as personagens que, no caso da nossa pesquisa, encontram-se nos esquetes.

Assim sendo, neste capítulo, analisamos em um primeiro momento a situação de comunicação do canal “Desconfinados” tendo como apoio o quadro comunicacional baseado em Mello (2004). Após isso, partimos para a análise das falas das personagens no plano ficcional, para depois nos determos aos atos de comunicação humorísticos mais especificamente. Vale dizer que, com as análises das cenas ficcionais, pode-se vislumbrar também o plano não ficcional, pois as personagens são construídas de forma que os espectadores empíricos (TUi do circuito externo) sejam envolvidos na encenação. Além disso, analisamos tanto os procedimentos linguísticos quanto os discursivos nos esquetes de “Desconfinados”, bem como os efeitos de humor e as visadas discursivas relacionadas às conviências que um sujeito busca estabelecer com o seu interlocutor.

3.1.1. A SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO NO CANAL “DESCONFINADOS”

No que tange ao circuito externo de “Desconfinados”⁵⁸, isto é, ao lugar do EUc e do TUi na encenação do ato de linguagem, pode-se vislumbrar o Jonathan Nemer com a sua identidade social e psicológica. Este é o roteirista dos vídeos, responsável pela parte criativa do canal, que integra a instância de produção e que toma a iniciativa no processo de comunicação.

Quanto ao TUi, ele é uma instância complexa, pois representa qualquer um que possa vir a entrar em contato com os esquetes (percebidos aqui como um veículo de interação entre os sujeitos: o EUc e o TUi). Assim sendo, é importante dizer que o processo de interpretação dos

⁵⁸ Remetemos ao quadro comunicacional elaborado por Mello (2004, p.95) no tópico 2.1.1 na p. 41.

esquetes do canal se desenrola quando o público entra em contato com esses vídeos e vislumbra as interações entre as personagens.

Paralelamente, cabe considerar também a forma que o TUd parece ser idealizado pelo EUC. Segundo o que expõe Chagas (2015), Jonathan Nemer e sua equipe procuram fazer um humor sem apelo sexual, sem palavrões etc., a fim de romper com canais como o “Porta dos Fundos”, por exemplo. Assim sendo, “Desconfinados” parece buscar alcançar um público mais religioso, que se identifica com um conteúdo alternativo a um humor convencional. Dessa forma, o canal visa “suprir uma lacuna deixada pelo humor convencional, que, ao lançar mão de chacotas por vezes apelativas, afasta o público religioso. Que o diga o Porta dos Fundos, alvo constante de evangélicos como o Marco Feliciano.”⁵⁹ (CARNEIRO, 2015, n. p.). Além disso, como já discutido no tópico 1.3 e 1.4, o canal “Desconfinados” parece buscar se distanciar de um humor iconoclasta, que constrange o público evangélico por fazer rir atacando diretamente aquilo que é transcendente e sagrado.

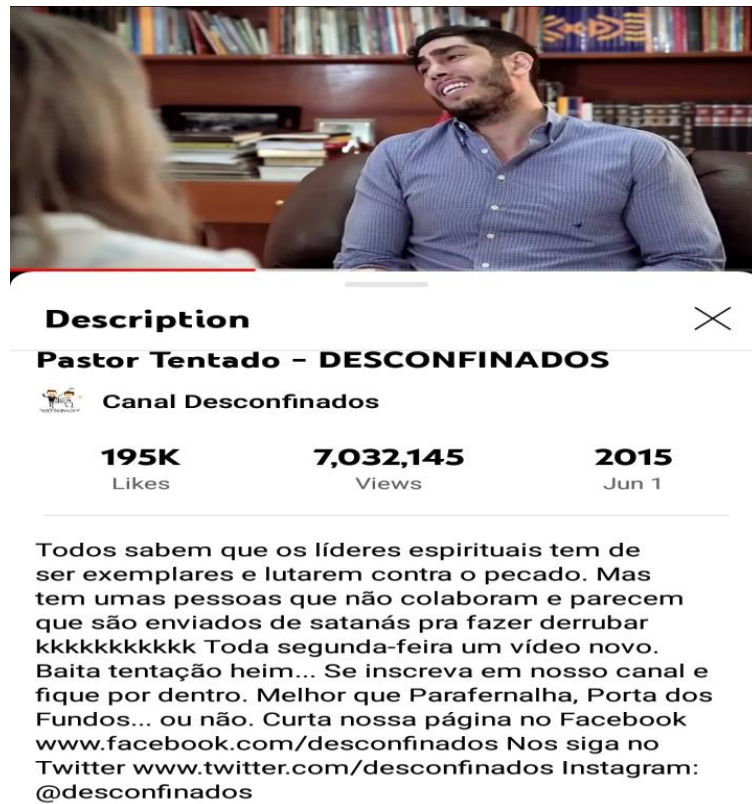
Vale ressaltar ainda a presença do *scriptor*, o qual é uma espécie de ponte entre o EUC e os atores. Dessa maneira, essa instância organiza o projeto de fala do Jonathan Nemer na criação dos conteúdos para o *YouTube* e integra aqueles que exercem a função de diretores (a qual Jonathan Nemer desempenha juntamente com Thiago Baldo), que captam o som, editam as imagens, entre outros. Estes cumprem para o “Desconfinados” o dever de colocar a ficção em movimento, fazendo com que os atores sejam postos em cena⁶⁰.

De forma análoga, há a possibilidade de se pensar sobre as condições materiais de produção e de recepção do canal. Como já afirmamos, os esquetes circulam no *YouTube*, que permite com que o público comente, compartilhe e curta as publicações (assim como há a possibilidade de dar *dislikes*). Não obstante, é possível encontrar na plataforma do *YouTube* o número de visualizações dos esquetes, assim como o número de comentários, de *likes* e de *dislikes*, entre outros.

⁵⁹ O Marco Feliciano é um pastor neopentecostal, fundador da igreja Catedral do Avivamento. Além disso, ele é um político que faz parte do Partido Liberal.

⁶⁰ Nessa equipe há, por exemplo, a Rosiane de Paula, a qual capta o som dos esquetes e o Thiago Baldo, que geralmente capta e edita as imagens.


Paralelamente, nota-se que os responsáveis pelo canal deixam descrições abaixo dos vídeos, de forma a fornecer vislumbres sobre o conteúdo proposto. Logo, destaca-se a importância dos paratextos presentes nesses esquetes, uma vez que, como refletimos no tópico 1.5, eles direcionam a interpretação do público. Vejamos como isso acontece no esquete “Pastor Tentado”, por exemplo:



The image shows a screenshot of a video player interface. At the top, there is a video thumbnail showing a man in a blue shirt sitting in a chair, smiling, with a woman's back to the camera in the foreground. Below the thumbnail is a white box containing the video's description. The title is "Pastor Tentado - DESCONFINADOS". Below the title, it says "Canal Desconfinados" with a small icon. There are three statistics: "195K Likes", "7,032,145 Views", and "2015 Jun 1". The description text is in Portuguese and discusses spiritual leaders, temptation, and social media links for Facebook, Twitter, and Instagram.

Description ✕

Pastor Tentado - DESCONFINADOS

 **Canal Desconfinados**

195K Likes	7,032,145 Views	2015 Jun 1
----------------------	---------------------------	----------------------

Todos sabem que os líderes espirituais tem de ser exemplares e lutarem contra o pecado. Mas tem umas pessoas que não colaboram e parecem que são enviados de satanás pra fazer derrubar kkkkkkkkkkkk Toda segunda-feira um vídeo novo. Baita tentação heim... Se inscreva em nosso canal e fique por dentro. Melhor que Parafernália, Porta dos Fundos... ou não. Curta nossa página no Facebook www.facebook.com/desconfinados Nos siga no Twitter www.twitter.com/desconfinados Instagram: @desconfinados

Figura 7 – Print da descrição do vídeo “Pastor Tentado”

Além do duplo sentido do título acima (como está exposto no tópico 1.4), nota-se a descrição do vídeo, a qual lança algumas pistas a respeito do enredo do esquete: um líder evangélico sendo “tentado” a cair no pecado de adultério por uma mulher identificada como fazendo parte daqueles que são “*enviados de satanás*”. Aliás, trata-se de uma “*baita tentação*”! Outra parte que salta aos olhos nessa descrição é a menção aos canais “Porta dos Fundos” e “Parafernália”, posto que “Desconfinados” apresenta-se como um canal de humor alternativo. E, não obstante ser alternativo, diz que seu conteúdo é ainda melhor. Pode ser que esse “melhor” nos induza a pensar que “Desconfinados” esteja dizendo que produz um conteúdo mais decente, adequado e familiar para o público.

De igual modo, cabe refletir sobre a forte presença dos atos de comunicação humorísticos em todos os esquetes do canal “Desconfiados” analisados. Como é possível perceber⁶¹, constatam-se setenta e três ACHs de diferentes tipos. Nesse sentido, consideramos, à esteira da Charaudeau (2006), que essa presença dos ACHs no *corpus* de nossa pesquisa garante um papel significativo do humor nos vídeos de “Desconfinados”. No entanto, essa afirmação não é suficiente para determinarmos a principal finalidade dos esquetes analisados, uma vez que é necessário ressaltar a relação interdiscursiva entre o Discurso Humorístico e o Discurso Religioso no canal. Essa relação faz com que a percepção da visada de *fazer-rir* – ligada ao DH – por exemplo, se torne obtusa em várias situações, uma vez que a busca por fazer rir pode vir acompanhada também pelo objetivo de denunciar certos comportamentos ou vícios.

Além do mais, semelhantemente ao que Vale (2009) afirma sobre as piadas, cabe salientar que, por conta das situações no plano ficcional – distintas do plano não ficcional, que contempla os sujeitos mais externos – e das personagens nos esquetes, fica ainda mais complexo determinar a finalidade dos vídeos. Nesse sentido, as novas situações nas cenas ficcionais “demandam novos contratos e, por conseguinte, novos componentes, entre eles diversas visadas” (VALE, 2009, p. 74). Ademais, sendo um gênero teatral e devido às diferentes funções sociais que um esquete tem a capacidade de desempenhar (criticar, denunciar certos comportamentos sociais, fazer rir etc.), torna-se necessário que sejamos cautelosos quanto à percepção das visadas discursivas no canal.

3.1.2. A SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO NOS ESQUETES E AS PERSONAGENS

Analisamos a situação de comunicação no interior dos esquetes e as falas das personagens encontradas no *corpus* de nossa pesquisa. Para isso, lançamos mão mais uma vez do quadro comunicacional exposto no tópico 2.1.1, agora nos concentrando de forma mais detida aos aspectos do nível discursivo.

Nesse nível mais interno, é possível vislumbrar as personagens. Pode-se perceber que nos esquetes do canal “Desconfinados” elas interagem constantemente como se estivessem no mundo real, criando assim um efeito de verossimilhança. As situações nos vídeos do *corpus* selecionado são diversas, variando entre um aconselhamento pastoral com uma mulher casada;

⁶¹ Cf. tabela 1 do apêndice B.

breves diálogos no corredor de uma igreja evangélica; uma profetisa dialogando com um jovem evangélico; dois amigos evangélicos conversando sobre a vida amorosa de um deles e dois namorados fazendo pseudo-orações em uma sala de estar. Além disso, em outros esquetes ligados a temáticas religiosas no canal, é possível vislumbrar personagens contando os seus testemunhos numa igreja e um pastor caricato que lembra líderes neopentecostais mediando a situação⁶²; e, paralelamente, pode-se perceber também personagens que representam figuras bíblicas como Adão e Eva no harmonioso jardim do Éden⁶³. Dessa forma, as personagens do canal tornam-se sujeitos dos atos de linguagem que circulam entre eles.

Vale notar a forma com que as instâncias do nível ficcional são colocadas no quadro. Temos a figura do EUE', que se refere às personagens que enunciam nos esquetes de "Desconfinados" e exercem a função de locutores nesse nível. Estes, ao tomarem a palavra, idealizam um TUD'. E, por sua vez, há a figura do TUI', a qual representa todas as personagens que são interpretantes dos atos do EUE' nos vídeos. Torna-se relevante evidenciar que as personagens dos esquetes selecionados para a análise são geralmente evangélicas. Destarte, algumas representam pastores, outras são jovens crentes, tanto do sexo masculino como do feminino, outras são profetisas, etc.

É oportuno destacar a ausência de descrição dos elementos das cenas dos vídeos de "Desconfinados". Assim como Travaglia (2017) afirma sobre as situações representadas nos esquetes, as personagens, o cenário, o ambiente, entre outros, já aparecem em cena sem a necessidade de serem descritos. Conseqüentemente, cria-se uma maior percepção do que se passa nos vídeos, posto que o TUI do nível externo (o expectador dos esquetes) se vê diante de um contrato que o leva a se submeter a essa ficção com efeitos mais realistas.

Isto posto, levando em consideração as situações de comunicação nos esquetes entre as personagens, vale salientar que é possível identificar as modalidades enunciativas presentes nos enunciados das personagens. Estas se posicionam em relação a si mesmos, aos seus interlocutores e ao mundo de forma similar ao que acontece no mundo real. Vejamos um exemplo do esquete "Cantadas de Salomão":

JOVEM EVANGÉLICO: — Oi.

⁶² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2SxU3MrR-8s>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

⁶³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vt2sYQyEhIk>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

MOÇA EVANGÉLICA: — Oi.
 JOVEM EVANGÉLICO: — Tudo bem?
 MOÇA EVANGÉLICA: — Tudo.
 JOVEM EVANGÉLICO: — É... eu... sou meio tímido. Tenho vergonha. Fico até sem jeito de falar, mas eu... eu tava reparando em você hoje na igreja e... eu vi que você tem olho de pomba.
 MOÇA EVANGÉLICA: — O quê?!
 JOVEM EVANGÉLICO: — É... Cê tem... Cê tem um olhinho de pomba assim e... cê tem perna de gazela também, viu.
 MOÇA EVANGÉLICA: — O quê!?⁶⁴

A fim de contextualizar a situação retratada pelo trecho, é preciso salientar que ambas as personagens acabaram de sair do templo de uma igreja e se encontram no pátio desta. Em seguida, a personagem “jovem evangélico”, que pode ser representada pelo EUe’ toma a iniciativa de conversar com a moça (TUí’) logo após ela ter atendido e desligado o celular. No esquete, os dois começam a conversar como se estivessem se conhecendo em um primeiro contato e a cena se passa de forma que fica claro que o jovem está interessado na moça evangélica – no sentido romântico do termo.

Desse modo, pode-se notar que um dos enunciados que saltam aos olhos acontece quando a personagem “jovem evangélico” se dirige à moça e diz: “*eu vi que você tem olho de pomba*”⁶⁵. Percebe-se que, ao falar isso, a personagem busca elogiar a jovem, assim como Salomão fez com a Sulamita no final de *Cântico dos Cânticos* 1:15⁶⁶. Logo, evidencia-se um Modo Delocutivo: discurso relatado por citação. Além disso, o jovem se posiciona em seu enunciado por meio do pronome “eu” e expõe seu ponto de vista sobre a moça evangélica por meio da sobremodalização pelo Modo Elocutivo de Declaração por Afirmação. Destarte, percebe-se que o locutor possui um saber sobre a moça, supondo que ela o ignora ou duvida de sua verdade, e o expõe em seu enunciado como sendo verdadeiro.

Não obstante, o efeito de sentido que esse enunciado causa é contrário quando recai sobre a personagem. Trata-se de um (des)elogio anacrônico por meio da técnica do *duplo sentido com sentido sexual implícito* e do *intertexto*, uma vez que subtende-se na expressão “olhos de

⁶⁴ Recortamos este excerto do vídeo “Cantadas de Salomão, de 00:14s. até 00:43s.

⁶⁵ Cf. ACH n.º 1 das tabelas dos apêndices.

⁶⁶ Na tradução Almeida Revista e Corrigida está escrito: “Eis que és formosa, ó amiga minha, eis que és formosa; *os teus olhos são como os das pombas*” (grifos nossos). Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/bible/212/SNG.1.ARC>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

pomba” sentidos atuais ligados à imoralidade, à luxúria⁶⁷ ou, até mesmo, a órgãos sexuais⁶⁸, o que desmoraliza a personagem “moça evangélica” neste contexto. Assim sendo, é possível identificar um ato de comunicação humorístico, ou melhor, uma *paródia*, a qual recai sobre um *alvo*, a saber: a moça evangélica. Ademais, a moça que interpreta o enunciado mostra um desconhecimento da cantada e sai da presença do rapaz chorando. Por isso, estamos também diante de uma sobremodalização por meio do Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável que evidencia a ignorância bíblica dos dois jovens. Por fim, pode-se afirmar ainda que o imaginário de que as meninas das igrejas evangélicas são feias também é evocado, posto que é um tanto estranho e incomum comparar os olhos de uma moça com os de uma pomba.

Desse modo, como evidenciamos um ACH no esquete “Cantadas de Salomão”, cabe exemplificar de forma mais detida aqui como se dá a *mise en scène* triádica do ato de comunicação humorístico no *corpus* selecionado. Vejamos:

JOVEM EVANGÉLICO: — Que que Deus tá falando agora?
 PROFETISA: — Ele tá falando que não adianta você relutar e nem resistir, mas o seu sonho de casar vai acontecer em breve. Você vai se casar com a Paloma.
 JOVEM EVANGÉLICO: — Paloma? Que Paloma?
 PROFETISA: — A Paloma.
 JOVEM EVANGÉLICO: — A Paloma... Paloma? Sua Filha?!
 PROFETISA: — Isso. Isso, glória a Deus. Viu como tudo se restaurou? Olha que bênção. Tudo tá indo certo.
 JOVEM EVANGÉLICO: — A... a Pa- Paloma, sua filha?! Deus falou?!
 PROFETISA: — Isso, por quê?
 JOVEM EVANGÉLICO: — A Paloma?! Aquilo lá?! Ah, não foi Deus que falou não. Foi Satanás que falou pra você! O diabo deve ter chegado no seu ouvido e falou: fala pra ele isso, porque não é Deus não! Deus... E eu achando que você era uma mulher de Deus. É uma mulher do cão pra falar isso daí pra mim. Paloma?! Bichinha feia da preula! Pelo amor de Deus. Aquilo lá é o cão purinho. Tá amarrado e repreendido agora, em nome de Jesus. Cai por terra agora!⁶⁹

A situação retratada no esquete diz respeito a uma personagem, denominada como “profetisa”, profetizando sobre a vida de um jovem evangélico, buscando convencê-lo de que ele está se relacionando com as pessoas erradas, a fim de que o jovem escolha a filha dela para se casar.

⁶⁷ Remete ao Candomblé e à Umbanda, sob a designação de “pombagira”, um espírito feminino sensual, ligado à luxúria etc.

⁶⁸ Relacionado ao órgão sexual masculino no Ceará e no nordeste, existem enunciados como: “Ela pegou na minha pomba!”. Da mesma forma, pode designar o órgão genital feminino. Informações disponíveis em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/pomba/>>. Acesso em: 02 fev. 2021. De qualquer forma, nessa situação específica do enunciado, a modalidade indicada é um julgamento negativo que, nesse discurso, pode refletir sentidos ligados à luxúria, à imoralidade etc.

⁶⁹ Recortamos este excerto do esquete “Profetada”, de 03:57min. até 04:45min.

Assim sendo, no último enunciado⁷⁰, temos a personagem “jovem evangélico” (EUE’), produzindo um ACH *sarcástico* por meio de uma *réplica direta*. Este ato é dirigido ao TUi’ (a personagem “profetisa”), tornando-a, ao mesmo tempo, a destinatária e o *alvo* do ato de comunicação humorístico, uma vez que ela é ofendida diretamente pelos enunciados do rapaz. Do mesmo modo, pode-se dizer que a filha da profetisa também é *atacada* mesmo não estando presente no momento em que o ACH é proferido, integrando assim a instância do *alvo* por meio dos enunciados: “*A Paloma?! Aquilo lá?!*” e “*Paloma?! Bichina feia da preula! Pelo amor de Deus. Aquilo lá é o cão purinho*”.

Nesse passo, com o intuito de vislumbrar as situações de comunicação das cenas ficcionais nos esquetes e as modalidades enunciativas nas falas das personagens, elaboramos uma grade⁷¹ com os componentes situacionais (as identidades dos atores em cena, as visadas, o propósito e as condições materiais). Similarmente, os enunciados que carregam o efeito de humor foram contemplados, assim como as respectivas modalidades presentes nesses enunciados e os imaginários sociodiscursivos desencadeados por eles.

Esquete: “Cantadas de Salomão”	Identidade das personagens em cena	Visada	Propósito	Condições materiais de produção e de recepção	Enunciados que carregam um efeito de humor e as modalidades enunciativas:	Imaginários sociodiscursivos
1)	Jovem evangélico/ moça evangélica	Fazer sentir	Estética	Diálogo no pátio de uma igreja	Modo Delocutivo: discurso relatado: “ <i>Eu vi que você tem olho de pomba</i> ” sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Declaração Afirmação e pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável.	Ignorância bíblica atribuída aos jovens das igrejas e o imaginário de que as jovens evangélicas são feias

Grade 1

Ademais, à esteira de Vale (2009), deve-se ressaltar ainda o desdobramento do *alvo* nos esquetes, uma vez que neles, analogamente às piadas, há o plano ficcional e o não ficcional. Levando em consideração o enunciado “*eu vi que você tem olho de pomba*” de “Cantadas de Salomão”, pode-se dizer que, por meio das personagens, o TUd é chamado a compartilhar do ato dirigido à personagem “moça evangélica” no plano ficcional. Nesse caso, isso ocorre por conta do Modo Delocutivo: discurso relatado por citação, o qual indica que a cantada é, na verdade, um (des)elogio a ponto de desencadear o imaginário relacionado à feiura atribuída às jovens evangélicas. Além disso, pode-se dizer que o *alvo* do plano não ficcional é múltiplo,

⁷⁰ Cf. ACH 22 das tabelas dos apêndices.

⁷¹ Para mais informações sobre os dados gerados por essa grade, remetemos à tabela 1 no apêndice B.

uma vez que, por meio da sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável em relação à cantada do rapaz, bem como do Modo Delocutivo, os dois jovens demonstram a sua ignorância bíblica. Destarte, revela-se os *alvos* no plano não ficcional: os jovens evangélicos ignorantes quanto à Bíblia e as jovens das igrejas evangélicas.

Ainda sobre a situação de comunicação nos esquetes, é preciso destacar como consideramos as imagens em nossa pesquisa. Elas são levadas em conta quando oferecem a possibilidade de evidenciar as categorias relacionadas ao humor como a *ironia* ou o *sarcasmo*⁷², por exemplo. Vejamos uma situação em que há uma manifestação semiótica estritamente não-verbal do esquete “Cantadas de Salomão”⁷³:



Figura 8: *Print* do esquete “Cantadas de Salomão”



Figura 9: *Print* do esquete “Cantadas de Salomão”



Figura 10: *Print* do esquete “Cantadas de Salomão”



Figura 11: *Print* do esquete “Cantadas de Salomão”

Percebe-se nas imagens que uma personagem, a qual representa uma “mulher evangélica”, passa pelo corredor da igreja e o jovem, antes de abordá-la, verifica que ela não lhe agrada

⁷² Elas são analisadas de forma mais detida no tópico 3.2.2.

⁷³ Trecho retirado do esquete “Cantadas de Salomão”, de 01:21min. até 01:25min.

esteticamente. Pode-se dizer, tendo como base as considerações de Joly (2007), que houve um jogo com o contexto⁷⁴ do esquete, o qual serviu para burlar a expectativa do espectador, pois era de se esperar que a personagem “jovem evangélico” fosse em direção à mulher evangélica a fim de cantá-la. No entanto, não é o que acontece, pois o jovem acaba se recusando a falar com a personagem por não achá-la atraente. Nesse sentido, vale destacar também a função estética da imagem, a qual proporciona ao público certas sensações (JOLY, 2007). No caso dessa situação do esquete, é possível afirmar que as personagens são construídas de forma a passar sensações negativas direcionadas à personagem “mulher evangélica”, uma vez que o jovem evangélico demonstra uma expressão facial de desprezo no rosto. Essa expressão, por sua vez, pode ajudar a evidenciar um *sarcasmo*, pois o desprezo no rosto do rapaz pode corroborar com um dito de julgamento negativo.

3.2. ANÁLISE DOS ATOS DE COMUNICAÇÃO HUMORÍSTICOS NOS ESQUETES DE “DESCONFINADOS”

Nesse passo, torna-se significativo realizar uma análise mais detida dos ACHs encontrados nos esquetes de “Desconfinados”. Para isso, é importante destacar as contribuições das técnicas relacionadas ao humor expostas por Possenti (1998) e por Freud (2017). Essas técnicas são capazes de ajudar na descrição e na identificação desses atos. Vejamos:

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Então pronto! Tem muita igreja diferente, muita menina, mano.

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — É, verdade.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Então segura o cajado e espera. Paga o preço, muda o foco. Aproveita que tá solteiro, foca nas coisas de Deus, busca a Deus. Vai pra congresso, faz jejum, ora, vai pro monte.⁷⁵

No excerto as personagens “amigo do Cláudio” e “Cláudio” dialogam sobre a vida deste último, que é um jovem evangélico da igreja Assembleia de Deus (o contexto do esquete mostra isso⁷⁶). Ele tem um histórico de relacionamentos com pessoas que não compartilham da sua crença, o que acaba causando o fim das suas relações. À vista disso, a personagem “amigo do Cláudio” (EUe’) o aconselha: “*então segura o cajado e espera*”⁷⁷. Nesse momento, enquanto esse

⁷⁴ Segundo Joly (2007, p. 71), “jogar com o contexto pode ser uma maneira de enganar a expectativa do espectador surpreendendo-o, chocando-o ou divertindo-o”. Dessa forma, podemos dizer que jogar com o contexto nesse esquete é uma das estratégias para fazer humor.

⁷⁵ Trecho retirado do esquete “Crente namorando gente do mundo”, de 02:10min. até 02:28min.

⁷⁶ Vide Apêndice A na transcrição do vídeo “Crente namorando gente do mundo”.

⁷⁷ Cf. ACH n.º 34 das tabelas dos apêndices.

enunciado é dito, o locutor aponta e olha brevemente para baixo, na direção do órgão sexual de Cláudio (TUí), enquanto este percebe a ação do amigo. É como estivesse sendo dito: “sossega, chega de se aproveitar dessas mulheres” por meio do Modo Alocutivo: Injunção. Assim, o *alvo* do enunciado se torna evidente: o Cláudio. Nesse sentido, segundo Freud (2017), estamos diante de um *duplo sentido com sentido sexual implícito*, posto que há um sentido sexual por detrás da expressão “*segura o cajado*”. E, segundo Possenti (1998), pode-se evidenciar um *intertexto*, uma vez que essa mesma expressão remete ao texto bíblico como, por exemplo, ao do livro de *ISamuel* 17:40 que diz: “E tomou o seu *cajado na mão*, e escolheu para si cinco seixos do ribeiro, e pô-los no alforje de pastor, que trazia, a saber, no surrão; e lançou mão da sua funda e foi-se chegando ao filisteu”⁷⁸ (grifos nossos).

Pode-se dizer também que as técnicas relacionadas ao humor podem contribuir para a identificação do *alvo* tanto do plano ficcional quanto do não ficcional. Vejamos agora um exemplo retirado da transcrição do início do esquete “Pastor Tentado”:

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Oi pastor, tudo bem?

PASTOR: — Tudo bem, Priscila?... Pode sentar, fique à vontade.

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — É... Eu tô com um problema e eu preciso de um aconselhamento.

PASTOR: — Uhum, tamo (sic) aqui para isso. Que que você, que que você precisa?

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Então... é o meu casamento. O meu marido não me procura mais.

PASTOR: — Hum.⁷⁹

A partir do contexto, é possível depreender que a personagem “Priscila” chega à sala de aconselhamento pastoral a fim de tratar de questões relacionadas ao seu casamento com a personagem “pastor”. Assim que “Priscila” começa a falar sobre os motivos que a levaram a procurar o aconselhamento, o pastor (EUE’) fica escandalizado e deixa algo subtendido com o enunciado: “*hum*”⁸⁰. Nesse sentido, a personagem “pastor” parece querer dizer: “Priscila, você só pode estar querendo dar em cima de mim!” No entanto, para dizer isso, só é preciso o uso de uma interjeição para indicar a inquietação da personagem, a qual revela a técnica *representação por algo mínimo* segundo Freud (2017). Isto posto, pode-se evidenciar, na cena ficcional, o *alvo*, que é a personagem feminina “Priscila”. Isso se dá também por meio do Modo Alocutivo: Julgamento Negativo, fazendo com que ela se torne a vítima do ACH *irônico*. E,

⁷⁸ Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/search/bible?q=1samuel%2017:40>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

⁷⁹ Trecho retirado do esquete “Pastor Tentado”, de 00:00s. até 00:20s.

⁸⁰ Cf. ACH n.º 39 das tabelas dos apêndices.

consequentemente, nesse ato, por meio da técnica *representação por algo mínimo*, é possível vislumbrar o *alvo* do plano não ficcional, a saber: as mulheres indecentes. Nesse caso, há uma correspondência parcial entre os *alvos* dos dois planos, pois a personagem representa essas mulheres na encenação interna dos esquetes. Vejamos mais um exemplo:

JOVEM EVANGÉLICO: — Você disse que tinha uma coisa pra falar comigo...
 PROFETISA: — Tenho, mas não é de mim. É algo que Deus mandou falar pra você.
 JOVEM EVANGÉLICO: — Deus quer falar comigo?
 PROFETISA: — Isso.
 JOVEM EVANGÉLICO: — Ok.
 PROFETISA: — Você é um menino que quer casar, tem esse plano no seu coração. Verdade ou mentira?
 JOVEM EVANGÉLICO: — Verdade.
 PROFETISA: — Mas Deus me falou que você tem que parar de falar com a menina que você tá falando, porque não é ela.
 JOVEM EVANGÉLICO: — Mas qual menina?
 PROFETISA: — A menina que você tá conversando.
 JOVEM EVANGÉLICO: — Ué...⁸¹

Em mais um excerto do esquete “Profetada”, o que chama atenção é a última troca entre a personagem “profetisa” e a personagem “jovem evangélico”. Nela, a profetisa deixa transparecer em seu enunciado o substantivo feminino “*menina*” no singular e o pronome “*ela*” também no singular, dando a entender que o jovem só conversa com uma moça. Entretanto, com a resposta da personagem “jovem evangélico” (EUE’) (cf. n.º 10), logo entendemos outra realidade por meio da técnica *pressuposição* segundo Possenti (1998), porque a personagem pergunta: “*mas qual menina?*”⁸² Diante do pronome interrogativo “qual”, que indica que há uma moça dentre outras na vida do rapaz (e o contexto do esquete mostra que ele se relaciona com outras jovens⁸³), é possível vislumbrar que o jovem evangélico desestabiliza a profecia da profetisa (TUi’) e a desmascara sutilmente. Além disso, pode-se perceber essa *pressuposição* levando em conta as figuras 12 e 13:

⁸¹ Excerto retirado do esquete “Profetada”, de 00:06s. até 00:33s.

⁸² Cf. ACH n.º 10 das tabelas dos apêndices.

⁸³ Vide a transcrição completa do esquete “Profetada” no apêndice A.



Figura 12: Print do esquete “Profetada”



Figura 13: Print do esquete “Profetada”

A figura 12 deixa transparecer a expressão facial da personagem “jovem evangélico” quando ele diz: *“mas qual menina?”*. Trata-se de uma expressão evidenciando uma dúvida real em relação à afirmação da personagem “profetisa”. Além disso, na figura 13 percebemos que a personagem contrai o seu corpo quando a profetisa insiste em falar sobre “a” menina. Ele diz “ué...” e fica encurvado, o que pode evidenciar que a personagem está escondendo algo que é revelado durante o esquete: que ele se relaciona com outras meninas. Isto posto, à esteira de Joly (2007), precisamos considerar a interação entre o verbal e a imagem, uma vez que ambos se complementam nessa situação. Essas duas figuras parecem revelar o que está pressuposto na palavra *“qual”*, pois indicam certa franqueza da personagem “jovem evangélico” diante da situação. Isso nos remete ao que Rosenfeld (2014) expõe sobre as personagens, que eles revelam uma maior sinceridade nas cenas ficcionais. No caso das imagens e dos excertos, a personagem “jovem evangélico” transparece, já no início do esquete, que ele não conversa somente com uma jovem.

Assim sendo, pode-se dizer que a técnica *pressuposição* e o *deslocamento* no enunciado *“mas qual menina”* nos ajudam a evidenciar o *alvo* do *gracejo* no plano ficcional, a saber: a profecia dirigida à personagem “jovem evangélico”. Nesse passo, quanto ao plano não ficcional, pode-se também entender o papel da *pressuposição*, uma vez que *“qual”* revela também que a personagem é um jovem mulherengo. Portanto, o *alvo* da cena não-ficcional concerne tanto às pseudoprocias (devido a profecia desestabilizada na cena ficcional por meio da

sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Discordância) quanto aos homens/jovens mulherengos do meio evangélico por conta da *pressuposição*.

Com o propósito de analisar as técnicas relacionadas ao humor como um meio para chegarmos às *estratégias discursivas* de “Desconfinados”, expomos duas grades⁸⁴ sendo que uma diz respeito às técnicas de Freud (2017) e a outra às chaves linguísticas segundo Possenti (1998), respectivamente:

Esquete: “Pastor Tentado”	Duplo sentido	Duplo sentido com sentido sexual implícito	Duplo sentido com sentido sexual explícito	Alusão	Réplica direta	Deslocamento	Resposta pronta	Exager.	Automatis.	Representação por meio de algo mínimo	Ironia	Analog.
39)										X		

Grade 2

Esquete: “Crente namorando gente do mundo”	Sintaxe	Léxico	Intertexto	Pressuposição	Inferência	Conhecimento prévio
27)				X		

Grade 3

De acordo com os dados inferidos, o que chama a atenção é a recorrência da técnica *réplica direta* segundo Freud (2017), que ocorreu vinte e cinco vezes no decorrer das análises. Nesse sentido, a recorrência dessa técnica indica que nas falas das personagens há um cinismo⁸⁵ transparente contra seus alvos. De forma análoga, esse cinismo pode apontar para as categorias discursivas⁸⁶ do *sarcasmo* e da *ironia*, por exemplo, tendo em vista que elas evidenciam um julgamento negativo, cada uma a seu modo.

3.2.1. ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS LINGUÍSTICOS

Como está exposto no tópico 2.2.2, os procedimentos linguísticos dependem do jogo semântico, o qual se dá por meio de incoerências, a saber: incoerência *insólita*, *paradoxal* e *loufoquerie*.

⁸⁴ Para informações mais detalhadas, remetamos às tabelas 2 e 3 do apêndice C.

⁸⁵ O cinismo é, nesse ponto, diferente da convivência cínica em Charaudeau (2006), ou seja, é o cinismo relacionado a um descaramento por meio do humor e ligado à técnica *réplica direta* exposta por Freud (2017).

⁸⁶ Analisadas de forma mais detida no tópico 3.2.2.

Estas se manifestam porque existe a possibilidade de uma mesma palavra possuir dois ou mais sentidos numa determinada situação, por exemplo. Vejamos o exemplo a seguir:

JOVEM EVANGÉLICO: — É... a cantada é ruim, mas Salomão conseguiu mil mulheres, né. Ham. As minhas eu não consigo nenhuma. Quis fazer igual.

PASTOR: Pelo amor de Deus, cê não faça isso. Ó, entendi o que tá acontecendo. Agora eu entendi, mas Salomão, na época, rei, se ele falasse pra uma mulher que ela tinha perna de jaca ela ia achar lindo, mas hoje em dia não dá, né?

JOVEM EVANGÉLICO: — Pô, desculpa, então.

PASTOR: — Não, não é desculpa, tá tranquilo. Entendi, tá tranquilo. É que mulher é mais sensível, a vaidade, elas ficam chateadas. Eu... eu não ligo.

JOVEM EVANGÉLICO: — Cê não liga?

PASTOR: Ah, eu sou pastor, né? Conheço a Bíblia, eu sei que isso tá na Bíblia.

JOVEM EVANGÉLICO: — Nossa, pastor, cê é tão bondoso, tão sábio, sábio igual uma gazela, um veado novo.⁸⁷

Quando a personagem “jovem evangélico” (Eue’) diz que o pastor é “*sábio igual uma gazela, um veado novo*”⁸⁸, há um *duplo sentido* nas qualificações “gazela” e “veado”, uma vez que elas remetem ao livro de *Cantares* e, ao mesmo tempo, carregam sentidos ligados à homossexualidade. Nesse sentido, estamos diante de uma incoerência *insólita*, uma vez que há uma transferência de sentido entre dois universos distintos por meio de um *duplo sentido com sentido sexual implícito*. Assim, nota-se que, na cena ficcional, o *alvo* da *paródia* é a personagem “pastor”, pois chamar uma autoridade religiosa de “gazela”, devido a essa incoerência torna-se uma ofensa. E, no plano não ficcional, é possível afirmar que a instância do *alvo* se compõe tanto pelos jovens evangélicos ignorantes de conhecimento bíblico (devido ao uso descontextualizado da Bíblia pelo “jovem evangélico”) e pela homossexualidade, pois evoca o imaginário relacionado ao desdém a essa orientação sexual.

Cabe evidenciar outro caso de incoerência *insólita*, agora presente no esquete “Oração Indireta”. Neste, há duas personagens (uma moça evangélica e um jovem evangélico) os quais são namorados. Eles falam mal um do outro e expõem indiretamente as suas insatisfações por meio de pseudo-orações. Vejamos uma delas:

NAMORADA EVANGÉLICA: — Ah, não vem não, Gustavo!

NAMORADO EVANGÉLICO: — Cala a boca que eu tô falando com Deus! Papai, ela sempre fala que o corpo é templo do Espírito Santo. Então coloca nela um desejo de cuidar melhor do templo, que ela possa fazer luzes e escova no telhado do templo de vez em quando. Que ela possa passar maquiagem na parede do templo. Que ela possa colocar umas roupinhas, uns acessórios mais daora pro templo ficar mais bonito,

⁸⁷ Trecho retirado do esquete “Cantadas de Salomão”, de 02:26min. até 03:13min.

⁸⁸ Cf. ACH n.º 9 das tabelas dos apêndices.

chamar mais atenção. E também coloca nela uma vontade de fazer academia, meu Deus, porque ela só come ultimamente e a ampliação do templo é coisa que eu não quero, acho que ninguém quer, meu Pai. Amém. Amém?⁸⁹

Nessa pseudo-oração⁹⁰ da personagem “namorado evangélico” (Eue’) é possível, num primeiro momento, estabelecer que a ligação entre os universos postos em relação não causa tanta estranheza, visto que, na Bíblia, há a comparação do templo com o corpo do crente, no qual o Espírito Santo habita. Todavia, a personagem aprofunda ainda mais a comparação por meio da *representação pelo oposto* ou *ironia*, a fim de expor para Deus (TUi’, ausente na cena) os seus anseios: ele quer que a namorada faça “*luzes e escova no telhado do templo*”; que ela faça “*maquiagem na parede do templo*” etc. Ou seja, ele compara, literalmente, todas as partes de um templo com o corpo da moça, fazendo com que ela seja o *alvo* na cena ficcional, e Deus o seu cúmplice. Desse modo, mais uma vez, pode-se destacar um caso de *incoerência insólita*. No que tange à cena não ficcional, pode-se destacar a sobremodalização pelo Modo Elocutivo: *Apreciação Desfavorável* na fala do namorado evangélico que evidencia essa relação entre os universos. Destarte, o *alvo* recai sobre as mulheres descuidadas ou desleixadas com a estética.

No *corpus* também é possível evidenciar a presença da *incoerência paradoxal*. Nesta, existe uma contradição que liga elementos antinômicos no interior de um mesmo universo de leitura (CHARAUDEAU, 2006). No trecho seguinte retirado do esquete “Profetada”, é possível vislumbrar uma contra-argumentação de uma das personagens depois deste ser questionada.

PROFETISA: — Você não tem conversado com uma menina?

JOVEM EVANGÉLICO: — Tenho.

PROFETISA: — Então, pode parar. Ela não é pra você.

JOVEM EVANGÉLICO: — Mas Deus falou como ela é?

PROFETISA: — Você sabe muito bem como ela é, não sabe?

JOVEM EVANGÉLICO: — Sei... sei, claro. É só pra confirmar mesmo, pra ver se não é espírito de engano, né.⁹¹

A contra-argumentação é percebida quando a personagem “jovem evangélico” (EUE’), por meio de uma *réplica direta*, responde a profetisa (TUi’) dizendo que queria confirmar se a profecia seria resultado de um espírito de engano⁹². Nesse caso, há uma relação de contradição entre duas lógicas no interior de uma mesma isotopia, uma vez que de um lado existem as falsas

⁸⁹ Excerto retirado do esquete “Oração Indireta”, de 01:27min. até 02:04min.

⁹⁰ Cf. ACH n.º 65 das tabelas dos apêndices.

⁹¹ Excerto retirado do esquete “Profetada”, de 00:33s. até 00:51s.

⁹² Cf. ACH n.º 13 das tabelas dos apêndices.

profecias, que muitas vezes tomam conta do meio neopentecostal, e de outro lado há a longínqua possibilidade de a profecia ser exata e verdadeira. Aqui o *alvo* revela-se como sendo a personagem “profetisa” por conta do ACH *sarcástico* do jovem evangélico dirigido diretamente a ela e, na cena não ficcional, essa instância é representada pelos pseudoprofetis, pois essa contra-argumentação é evidenciada por um Modo Alocutivo: Julgamento Negativo.

Nesse passo, cabe evidenciar mais um exemplo relacionado à incoerência *paradoxal* em um excerto do esquete “Pastor Tentado”. Nesse trecho, a personagem “Priscila” admite estar interessada em alguém:

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Então, pastor. Eu tô com uma admiração muito grande por outra pessoa.
 PASTOR: — Ai ai. Eu conheço?
 PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Conhece.
 PASTOR: — Misericórdia!
 PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Ele é um homem de Deus, ele é um homem exemplar, direito, tem sabedoria, autoridade.
 PASTOR: — Priscila, é melhor você parar, Priscila. É melhor você parar.
 PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Ele é pastor.
 PASTOR: — Priscila, para, ele é casado. Ele é cas-, muito bem casado. Homem de família, a esposa ama, casado!⁹³

Sem nos determos em todos os detalhes desse recorte transcrito, o que salta aos olhos são os últimos turnos das personagens em cena. A personagem “Priscila” vai dando pistas sobre o seu pretendente e acaba dizendo as qualidades da pessoa que ela está a fim: “*Ele é um homem de Deus, ele é um homem exemplar, direito, tem sabedoria, autoridade*”. Então, logo em seguida, a personagem “pastor” (EUe’) retruca a mulher por meio da técnica *deslocamento* e do Modo Alocutivo: Petição em: “*Priscila, é melhor você parar, Priscila. É melhor você parar*”⁹⁴. Chama atenção o advérbio “melhor”, no sentido de que seria mais adequado e sensato a personagem “Priscila” parar de dar as pistas, porque o pastor começa a inferir que a pessoa desejada poderia ser ele mesmo, pois quem mais seria capaz de possuir tantas virtudes! Além disso, era melhor a personagem “Priscila” parar de tentá-lo, senão ele cairia na tentação. Destarte, estamos diante de uma incoerência paradoxal, uma vez que há uma contra-argumentação dentro de uma mesma isotopia na fala da personagem “pastor”.

⁹³ Excerto retirado do esquete “Pastor Tentado”, de 01:15min. até 01:46min.

⁹⁴ Cf. ACH n.º 45 das tabelas dos apêndices.

No que tange à incoerência *loufoquerie*, não a encontramos no *corpus*. Dessa forma, o fato de ela não estar presente nos esquetes faz com que afirmemos que os universos colocados em relação no humor do canal “Desconfinados” sempre possuem alguma relação. Dito isso, passemos agora para uma análise mais detida dos procedimentos discursivos relacionados aos atos de comunicação humorísticos.

3.2.2. ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS DISCURSIVOS

É válido também analisar os procedimentos discursivos relacionados ao humor presentes no canal “Desconfinados”. Esses procedimentos dizem respeito à enunciação de um ACH, na qual há uma dissociação entre o dito e o não dito. Vejamos como a categoria do *sarcasmo* pode se tornar presente num trecho do esquete “Pastor Tentado”, por exemplo:

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Eu não sei mais o que fazer, porque eu não tenho mais atração nenhuma por ele, perdi a admiração... O pastor sabe do que que eu tô falando. O pastor tá aí, inteirão e... sua esposa, não sei, né? Não sei cuida tanto. Tá todo dia de coque, deu uma engordadinha depois do último filho.

PASTOR: — É a Raquel se cuidava bastante, a Raquel ela dançava, mas depois do Mateus, do Marcos, do Lucas e do João ela... Quem não engorda trinta quilos, né? Normal... Tá parecendo um boi, mas...⁹⁵

Nesse trecho, vemos a personagem “pastor” (EUE’), através de uma *réplica direta*, expondo a sua insatisfação relacionada à sua esposa⁹⁶. Pode-se evidenciar ainda, na fala do pastor, o Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável, uma vez que o que ele diz, resumidamente, é: “realmente, a minha esposa está muito gorda e descuidada”. Nesse passo, evidencia-se um *sarcasmo*, sendo que o *alvo* desse ato é a esposa do pastor. No que tange ao plano não-ficcional, por conta desse *sarcasmo* contra a esposa, bem como do Modo Elocutivo presente na fala da personagem “pastor”, identifica-se o *alvo*: as esposas gordas, o que evoca o imaginário referente ao desprezo por mulheres/esposas gordas.

Os exemplos de *sarcasmo* no *corpus* são abundantes, e cabe expor aqui mais um caso do esquete “Pastor Tentado”. Vejamos:

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — E a segunda coisa?

PASTOR: — Segunda coisa: Onde você comprou essa blusa? Tem tamanho extra mega ultra GGG? Por que, se tiver, quero que você vai lá agora e compra uma para a

⁹⁵ Excerto retirado do esquete “Pastor Tentado”, de 00:37s. até 01:15min.

⁹⁶ Cf. ACH n.º 42 das tabelas dos apêndices.

minha esposa. Extra mega ultra GGG, para ela usar esse negócio também porque agora eu quero ver ela usando esse negócio. Mas dentro de casa! Num (sic) é, né? Por quê? Pra mim. Dentro de casa eu quero ver ela usando esse negócio. Eu quero ver como é que vai ficar nela.⁹⁷

Nesse momento, a personagem “pastor” (EUe’) está revelando a segunda “coisa”⁹⁸ à personagem “Priscila” (TUi’) por meio de uma *réplica direta*. Além disso, observa-se que há um exagero quando ele fala sobre a roupa a ser comprada para a sua esposa, uma vez que a vestimenta deve ser do tamanho “*extra mega ultra GGG*”. Assim sendo, evidencia-se neste trecho um ACH *sarcástico* que recai sobre a esposa do pastor. Não obstante, pode-se dizer que esse sarcasmo também recai sobre a personagem “Priscila” por conta do enunciado: “*mas dentro de casa! Num é, né? Por quê? Pra mim*”, tendo em vista que essa personagem se encontra vestida de vestes chamativas.

Do mesmo modo, no *corpus* selecionado, é possível encontrar a categoria da *paródia*, a qual se trata da imitação⁹⁹ de um determinado texto. Em um dos excertos do esquete “Cantadas de Salomão”, pode-se evidenciar que a imitação do texto original transparece uma das características fundamentais da paródia: ela se dá de modo que a presença do texto imitado é admitida. Vejamos:

JOVEM EVANGÉLICO: — Oi, boa noite.
 MOÇA EVANGÉLICA: — Oi.
 JOVEM EVANGÉLICO: — É, eu... eu sempre me prejudico por causa do meu jeito pra conseguir as coisas, porque eu sou tímido e... sempre dá tudo errado. Então eu vou ser bem direto, tá?
 MOÇA EVANGÉLICA: — Tá, pode falar.
 JOVEM EVANGÉLICO: — É... eu tava olhando você e... você pra mim é igual uma das éguas da carruagem de Faraó. E os seus seios são igual (sic) a dois filhote de gazela (sic). Filhote gêmeo de gazela.
 MOÇA EVANGÉLICA: — Aff!¹⁰⁰

⁹⁷ Trecho do esquete “Pastor Tentado”, de 03:54min. até 04:15min.

⁹⁸ Cf. ACH n.º 57 das tabelas dos apêndices.

⁹⁹ Imitação em Maingueneau (2018a) possui uma ligação com as relações interdiscursivas e com a hipertextualidade. Segundo o linguista, o estudo desta traz à tona duas noções de estratégias que dizem respeito ao reinvestimento de um texto ou de um gênero, são elas: a captação e a subversão. A primeira “consiste em transferir para o discurso reinvestidor a autoridade relacionada ao texto ou o gênero fonte: o pregador que imita uma parábola evangélica ou o gênero da parábola [...]” (MAINGUENEAU, 2018a, p. 94). Quanto à segunda, “a imitação permite desqualificar a autoridade do texto ou do gênero fonte” (MAINGUENEAU, 2018a, p. 94). Isto posto, nesta pesquisa tomamos o termo “imitação” tendo em vista essa ligação com a noção de hipertextualidade, uma vez que um determinado texto ou um gênero do discurso podem ser imitados com finalidades diversas.

¹⁰⁰ Trecho do esquete “Cantadas de Salomão”, de 01:27min. até 01:56min.

Em “*“você pra mim é igual uma das éguas da carruagem de Faraó. E os seus são igual a dois filhote de gazela. Filhote gêmeo de gazela”*”¹⁰¹, a personagem “jovem evangélico” (EUE’), informalmente (em “*dois filhote de gazela*”, por exemplo, em que há uma discordância nominal em número) e sem se preocupar com a entonação dos versos de *Cantares de Salomão*, lança uma pseudocantada à moça (TUI’) por meio da técnica do *duplo sentido* baseado no significado *efetivo e metafórico* juntamente com um *intertexto*. Por isso, observa-se a categoria da *paródia*, uma vez que os textos do livro de *Cantares* são imitados, porém essa imitação não chega ao ponto de se passar por esses textos. Além disso, trata-se de uma *subversão* de um texto bíblico e, portanto, desqualifica a autoridade desse texto transformando-o em uma falsa cantada, a qual ofende a personagem “moça evangélica”.

Analogamente, evidencia-se no *corpus* a categoria da *ironia*, que corresponde a um dito positivo junto a um pensamento negativo. Vejamos um trecho do esquete “Crente namorando gente do mundo”, no qual a personagem “Cláudio”, logo ao sair da casa do seu amigo, encontra uma moça católica. Esse acontecimento propicia o seguinte diálogo:

MOÇA CATÓLICA: — Ai!
 CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, desculpa! (risos) Eu saí da sala, nem te vi.
 MOÇA CATÓLICA: — Tudo bem.
 CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Nossa, como cê é bonita.
 MOÇA CATÓLICA: — Obrigada.
 CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Eu posso pegar teu telefone? Cê topa sair qualquer dia?
 MOÇA CATÓLICA: — Ah, claro! Onde?
 CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, a gente pode ir... na igreja. Pode ser?
 MOÇA CATÓLICA: — Que legal. Eu sou católica. Que igreja você vai?
 CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Na Assembleia de Deus. Mas a minha é bem tranquila. Tipo a igreja católica, quase num (sic) grita e... qualquer coisa a gente ora antes, pra você não manifestar, sabe?
 MOÇA CATÓLICA: Ah... tá.¹⁰²

Há uma *ironia* quando a personagem “Cláudio” (EUE’), por meio de uma *representação pelo oposto*, fala sobre a Assembleia de Deus, que nessa igreja os membros quase não gritam¹⁰³, pois

¹⁰¹ Cf. ACH n.º 5 das tabelas dos apêndices. É importante ressaltar que, na tradução Almeida Revista e Corrigida está escrito no Capítulo 1:9 do livro de *Cantares*: “às éguas dos carros de Faraó te comparo, ó amiga minha” (grifos nossos). Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/bible/212/SNG.1.ARC>>. Acesso em: 16 ago. 2021. Do mesmo modo, nessa mesma tradução, está escrito no Capítulo 7:3 de *Cantares*: “os teus dois peitos, como dois filhos gêmeos da gazela” (grifos nossos). Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/bible/212/SNG.7.ARC>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

¹⁰² Trecho retirado do esquete “Crente namorando gente do mundo”, de 02:43min. até 03:22min.

¹⁰³ Cf. ACH n.º 35 das tabelas dos apêndices.

existe um imaginário que enfatiza o contrário do que é dito, a saber: o imaginário de que os assembleianos gritam muito e são barulhentos. É evidente que a personagem também parece pensar assim, uma vez que, de acordo com a situação de comunicação, percebe-se que a comparação feita com a igreja Católica é *irônica*. Além disso, pode-se perceber um índice na figura 14 que revela um pensamento negativo sobre as Assembleias de Deus e os seus membros:



Figura 14: Print do esquete “Crente namorando gente do mundo”

Esse trecho ocorre juntamente com o enunciado: “*qualquer coisa a gente ora antes, pra você não manifestar, sabe?*”. Nesse sentido, nota-se que a personagem simula uma pessoa manifestando um espírito maligno, o que transparece a sua apreciação sobre as manifestações que acontecem no meio pentecostal: elas são estranhas. Desse modo, o *alvo* da cena ficcional é evidente: as Assembleias de Deus e os assembleianos. Além disso, ele parece se fundir com o do plano não ficcional, uma vez que, também por meio da técnica *pressuposição* em: “*pra você não se manifestar*”, percebe-se que há uma crítica a esse grupo derivada de um evangélico.

Vejamos mais um exemplo em que ocorre a categoria da *ironia* do esquete “Profetada”:

MÃE DO JOVEM EVANGÉLICO (IRMÃ SUZANA): — Gente, mas saiu o quê? O que que tá acontecendo?

PROFETISA: — Teu filho tá de espírito ruim, não deixa vir a bênção que tá na frente dele, tá de olhos fechados. O espírito tem que sair. Deus me falou que o seu filho vai casar com a Paloma, e ele não quer aceitar isso, não quer ver, ele não enxerga.

MÃE DO JOVEM EVANGÉLICO (IRMÃ SUZANA): — A... a Paloma?

PROFETISA: — É.

MÃE DO JOVEM EVANGÉLICO (IRMÃ SUZANA): — A Paloma sua filha?!

PROFETISA: — É, por quê?¹⁰⁴

Esse trecho ocorre logo após a personagem “profetisa” fazer uma oração pelo jovem evangélico, à maneira daqueles que fazem exorcismos no meio neopentecostal, pedindo para que o suposto espírito que o impede de enxergar suas bênçãos saia do corpo dele. Nesse momento, a personagem “mãe do jovem evangélico” entra em cena e questiona a situação. O motivo vem à tona: a personagem “profetisa” diz que toda aquela oração era porque o jovem não queria aceitar sua filha, Paloma, como futura esposa. Dessa vez a mãe do rapaz (EUE’) responde com dois ACHs *irônicos*, são eles: “A... a Paloma?” e “A Paloma sua filha?! ”¹⁰⁵, por meio de uma *réplica direta* e de uma *inferência*, uma vez que, pelo contexto, conclui-se que a mãe do jovem manifesta o seu julgamento a respeito da profecia da profetisa (TUI’) deixando transparecer que a filha dela é feia.

De forma equivalente, pode-se descortinar do *corpus* a categoria da *autoironia*, que consiste no locutor fazer com que o *alvo* do ACH seja ele mesmo:

PROFETISA: — Cê tá conversando com a Paula?

JOVEM EVANGÉLICO: — Tô.

PROFETISA: — Então, é isso mesmo. A Paula não é pra você. Deus mandou você parar de falar com a Paula porque Ele tem planos melhores pra você.

JOVEM EVANGÉLICO: — Tadinha... Logo a Paula, gente? E eu achava que pudesse ser ela a minha esposa.

PROFETISA: — Deve ser difícil mesmo, eu imagino. Você falava com ela há muito tempo?

JOVEM EVANGÉLICO: — Com a Paula? Muito tempo já. Por isso que dói. Tem umas três semanas já que eu falava com ela.¹⁰⁶

Nesse excerto do esquete “Profetada”, salta aos olhos o último enunciado da personagem “jovem evangélico” (EUE’), quando ele diz à personagem “profetisa” (TUI’) o tempo que ele estava relacionando-se com a Paula. Por meio da técnica *exageração* ele, ao invés de revelar logo a sua incapacidade de estabelecer relacionamentos sólidos, diz: “*muito tempo já. Por isso que dói. Tem umas três semanas já que eu falava com ela*”¹⁰⁷. Nesse passo, nota-se que estamos diante de uma *autoironia*, uma vez que o *alvo* no plano ficcional é o próprio jovem evangélico.

¹⁰⁴ Excerto retirado do esquete “Profetada”, de 05:17min. até 05:41min.

¹⁰⁵ Cf. ACHs n.º 24 e 25 das tabelas dos apêndices.

¹⁰⁶ Trecho retirado do esquete “Profetada”, de 01:14min. até 01:40min.

¹⁰⁷ Cf. ACH n.º 14 das tabelas dos apêndices.

Assim sendo, conseqüentemente, no plano não ficcional, o *alvo* revela-se como sendo os jovens/homens mulherengos do meio evangélico.

Cabe evidenciar também a presença da categoria do *gracejo* em um trecho retirado do esquete “Cantadas de Salomão”:

PASTOR: — A paz, irmão.
 JOVEM EVANGÉLICO: — A paz, pastor. Bom?
 PASTOR: — Tudo bem? Então, tem uma coisa chata acontecendo aí... algumas meninas reclamando que cê tá ofendendo elas... Eu queria saber o que tá acontecendo.
 JOVEM EVANGÉLICO: — Ofendendo?
 PASTOR: — Uhum. Teve uma que cê falou que olho de pomba. Outra tem um umbigo grande, peito de uva... chamou uma de égua de Faraó.
 JOVEM EVANGÉLICO: — Não, mas não é ofensa. É elogio. Tá tudo na Bíblia. É cantares de Salomão.¹⁰⁸

A situação revela o início da breve conversa entre a personagem “pastor” e a personagem “jovem evangélico”, sendo que o primeiro faz com que o jovem tenha conhecimento de que suas pseudocantadas não tiveram sucesso e ofenderam as moças evangélicas. Assim, o rapaz (EUE’) responde ao pastor (TUi’), por meio da técnica *pressuposição* que, se as cantadas estão na Bíblia e ainda são de Salomão, logo não teria como serem ofensa¹⁰⁹. Como não há nenhuma visada de agressão contra o *alvo* (as cantadas mal sucedidas do jovem), podemos dizer que esse ato é um *gracejo*, como define Charaudeau (2006) e Vale (2009).

Isto posto, já de posse dessas análises das categorias referentes ao jogo enunciativo, a fim de sermos mais objetivos para não estendermos muito o texto desta pesquisa, remetemos à grade¹¹⁰ elaborada na qual fizemos a análise dos atos de comunicação humorísticos das cenas ficcionais dos vídeos:

¹⁰⁸ Excerto retirado do esquete “Cantadas de Salomão”, de 01:59min. até 02:25min.

¹⁰⁹ Cf. ACH n.º 6 das tabelas dos apêndices.

¹¹⁰ Para mais informações, remetemos à tabela 4 do apêndice D.

Esquete: “Crete namorando gente do mundo”	EUe’	TUi’	Alvo(s)	Categoria do procedimento discursivo	Incoerência	Efeito de sentido em relação ao destinatário	Efeito de sentido em relação ao alvo
29)	Cláudio (jovem evangélico)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico) (cúmplice)	Jovens/moças das igrejas evangélicas	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão

Grade 4

Desse quadro, em relação aos resultados referentes às categorias discursivas, pode-se depreender uma recorrência significativa do *sarcasmo*, uma vez que este ocorre vinte e oito vezes nas falas das personagens. Não obstante, o sarcasmo nos esquetes tem como alvos personagens que representam moças/mulheres evangélicas, jovens evangélicos, namorados(as) evangélicos(as), profetisa (e a sua filha), entre outros. Nesse sentido, essa categoria do procedimento discursivo é direcionada, majoritariamente, contra personagens que representam pessoas. Ao lado dos ACHs sarcásticos, há também uma presença considerável da categoria da *ironia*, a qual ocorre vinte vezes no total e também é orientada, em grande parte, contra a mesma natureza dos alvos do sarcasmo.

3.2.3. ANÁLISE DOS EFEITOS DE HUMOR, DAS CONVIVÊNCIAS E DAS VISADAS DISCURSIVAS

Neste tópico, os efeitos de humor são analisados tanto em relação aos destinatários dos ACHs quanto aos *alvos* destes atos. Vejamos um exemplo no qual ocorreu uma convivência de *derrisão*, que visa desqualificar o *alvo* fazendo com que este seja diminuído e desprezado pelo locutor:

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, então, mano! Tá tirando, né? Vai insistir até quando numa coisa que você sabe que não vai dar certo? Se machucando, machucando elas.

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, mas é porque eu... eu acho que eu vou conseguir converter as meninas.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, cê é o tipo missionário safado então, né. Dá uns pegas, tenta ganhar pra Jesus. Que legal, né? Onde tá isso na Bíblia? Na verdade, eu tô achando que não dá certo porque é Deus livrando as meninas de você.

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — É, eu tô errado, tenho que mudar... Mas também, as meninas da igreja são tudo feia.¹¹¹

¹¹¹ Trecho retirado do esquete “Crete namorando gente do mundo”, de 00:57s. até 01:23min.

Nesse trecho do esquete “Crente namorando gente do mundo”, vemos a personagem “Cláudio” (EUE’) dizer para o seu amigo (TUI’) que as meninas das igrejas evangélicas são feias, por meio de uma *réplica direta* que evidencia um ACH *sarcástico*¹¹². Nota-se que, ao dizer isso, a personagem “Cláudio” faz com que seu destinatário se torne um cúmplice de uma visada de *derrisão*. Dessa forma, é viável afirmar que, nesse caso, tanto em relação ao destinatário quanto ao *alvo* (as jovens/moças das igrejas evangélicas) o efeito de sentido e a visada são de *derrisão*. No que tange ao nível não ficcional do esquete, pode-se afirmar que, por conta da técnica *réplica direta* na fala do EUE’, o *alvo* da cena não ficcional (também as jovens/moças das igrejas evangélicas) sofre esse mesmo efeito da visada de *derrisão*.

Mais um exemplo da categoria de *derrisão* encontra-se no seguinte trecho do vídeo “Pastor Tentado”:

PASTOR: — [...] Mas ó, eu só vou te pedir duas coisas...
 PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — O quê?
 PASTOR: — Primeira coisa: se fecha! Você tá muito assim ó. Anda... Que isso? Olha, mostrando tudo, dando amostra grátis para todo mundo. Você quer dar amostra grátis para... Não! Se dedica para o seu marido, dá o melhor para o seu marido. Se fecha, chega, tá muito AH!¹¹³

Nesse momento do esquete, o que chama a atenção é a repreensão¹¹⁴ da personagem “pastor” (EUE’) contra a personagem “Priscila” (TUI’). Essa repreensão se dá por meio de uma *réplica direta*, pois há um cinismo abertamente admitido na fala do líder evangélico, o qual revela um *sarcasmo*. Dessa maneira, o enunciado da personagem “pastor” faz com que a personagem “Priscila” seja, ao mesmo tempo, a sua destinatária e *vítima*. Assim, pode-se concluir que, tanto o efeito contra o *alvo* (a personagem “Priscila”) quanto a visada que procura desqualificar esse alvo são, mais uma vez, de *derrisão*.

Isto posto, encontramos também o efeito *crítico*, o qual consiste em denunciar falsas virtudes que escondem certos valores negativos. Um exemplo pode ser retirado do esquete “Crente namorando gente do mundo”. Após a personagem “Cláudio” ter dito que as meninas da igreja são todas feias, o diálogo continua:

¹¹² Cf. ACH n.º 29 das tabelas dos apêndices.

¹¹³ Trecho retirado do esquete “Pastor Tentado”, de 03:31min. até 03:53min.

¹¹⁴ Cf. ACH n.º 56 das tabelas dos apêndices.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Primeiro... é. Segundo, beleza não é tudo e... cê também nem é lá essas coisas. E tem menina bonita na igreja sim. Não muitas, mas... tem. Se você procurar bem, cê acha. Uma, outra... Vai visitando, Cláudio. Batista, Assembleia de Deus, Presbiteriana, Adventista...

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Adventista? Eles nem podem dar rolê dia de sábado, nem come bacon.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, então já sai fora que também é jugo desigual [...]¹¹⁵

Percebe-se que, após a personagem “amigo do Cláudio” dar sugestões de algumas igrejas a serem visitadas, Cláudio (EUe’) acaba tornando seu amigo (TUi’) um *cúmplice* quando deixa transparecer, por meio de uma *alusão*, um *gracejo* que recai contra os adventistas¹¹⁶, uma vez que estes guardam o sábado e não consomem carne de porco. A personagem, portanto, expressa a sua indignação contra essas regras que escondem valores negativos concernentes ao domínio do ético (cf. CHARAUDEAU, 2016). Desse modo, evidencia-se a busca da personagem “Cláudio” para estabelecer uma convivência *crítica* com o seu destinatário a fim de desvalorizar o *alvo* (os adventistas) também com um efeito *crítico*. Não obstante, observa-se um processo semelhante na fala da personagem “amigo do Cláudio” (EUe’) em seguida, quando este diz: “Ah, então já sai fora que também é jugo desigual”¹¹⁷. Nesse caso, é o amigo que ataca os adventistas por meio de uma *réplica direta* evidenciada pela escolha lexical “*jugo desigual*”. Logo, percebe-se um ACH *sarcástico*. Desse modo, a personagem “amigo de Cláudio” busca estabelecer uma convivência *crítica* com o seu destinatário contra o mesmo *alvo* (os adventistas).

É possível demonstrar também, no *corpus*, o efeito *cínico*, que diz respeito à busca de uma desvalorização dos valores os quais a sociedade considera como positivos. Ainda no esquete “Crente namorando gente do mundo”, a personagem “amigo do Cláudio” faz outra sugestão ao “Cláudio”:

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): [...] Bola de neve! Cê tem problema com tatuagem?

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, num (sic) ligo muito não. Só não gosto daquelas tatuagens de caveira, sabe? Caveira assim, oxe. Parece coisa do capeta, num (sic) gosto não.¹¹⁸

¹¹⁵ Trecho retirado do esquete “Crente namorando gente do mundo”, de 01:23min. até 01:58min.

¹¹⁶ Cf. ACH n.º 31 das tabelas dos apêndices.

¹¹⁷ Cf. ACH n.º 32 das tabelas dos apêndices.

¹¹⁸ Excerto retirado do esquete “Crente namorando gente do mundo”, de 02:00min. até 02:10min.

Nesse passo, a personagem “Cláudio” (EUE’) responde à sugestão do amigo fazendo uma apreciação sobre as tatuagens de caveira por meio de uma *réplica direta*, admitindo seu cinismo¹¹⁹. Essa apreciação desencadeia um imaginário do grupo evangélico de que as tatuagens de caveira são oprimidas e, por isso, quem as tem comete pecado. Do mesmo modo, a qualificação das tatuagens como sendo “*coisa do capeta*” corrobora com esse imaginário. Assim, vale afirmar que a personagem “Cláudio” convoca o seu destinatário a ser seu *cúmplice* contra o *alvo* (tatuagens de caveira) a fim de estabelecer um efeito de sentido *cínico*. Nesse caso, mais uma vez, tanto o efeito visado em relação ao destinatário quanto em relação ao *alvo* é o mesmo.

Não obstante, cabe expor também um exemplo a respeito do efeito *lúdico*. Para isso, retomamos novamente um dos trechos de “Cantadas de Salomão”, no qual encontramos a categoria do *gracejo*. Vejamos:

PASTOR: — A paz, irmão.

JOVEM EVANGÉLICO: — A paz, pastor. Bom?

PASTOR: — Tudo bem? Então, tem uma coisa chata acontecendo aí... algumas meninas reclamando que você tá ofendendo elas... Eu queria saber o que tá acontecendo.

JOVEM EVANGÉLICO: — Ofendendo?

PASTOR: — Uhum. Teve uma que você falou que olho de pomba. Outra tem um umbigo grande, peito de uva... chamou uma de égua de Faraó.

JOVEM EVANGÉLICO: — Não, mas não é ofensa. É elogio. Tá tudo na Bíblia. É cantares de Salomão.

O efeito *lúdico* pode ser explicado na última fala¹²⁰ da personagem “jovem evangélico” (EUE’), uma vez que, aparentemente, não há nenhum engajamento moral, nem mesmo um espírito crítico. Nessa situação, pode-se dizer que, por meio de uma *pressuposição*, o jovem revela a sua ignorância bíblica quando tenta se defender a respeito das suas cantadas mal feitas. Assim sendo, é válido afirmar que o EUE’ busca estabelecer um efeito *lúdico* tanto em relação ao *alvo* quanto à personagem pastor. E, no que tange ao plano não ficcional, pode-se dizer que a convivência com o TUD também visa ser *lúdica*, sendo que o *alvo* recai sobre os jovens evangélicos ignorantes de conhecimento bíblico.

Nesse passo, ainda cabe salientar que os efeitos em relação ao destinatário e ao *alvo* nem sempre são biunívocos. É o que Vale (2009, p. 86) pontua sobre as piadas, pois “pode acontecer de um

¹¹⁹ Cf. ACH n.º 33 das tabelas dos apêndices.

¹²⁰ Cf. ACH n.º 6 das tabelas dos apêndices.

efeito que está voltado para uma determinada convivência do destinatário não corresponder diretamente à visada (efeito) direcionada ao alvo”. Isso pode ser percebido também no *corpus* desta pesquisa. Vejamos:

PASTOR: — Bom, igreja. Aproveitar o andamento do culto e... fazer um comunicado pra todos. O nosso pastor Rubens, o nosso querido pastor Rubens, está de malas prontas, tá de mudança, vai pro interior do Maranhão, é... pra fazer a obra de livre e espontânea vontade.¹²¹

Tomando esse trecho do esquete “Pastor Tentado” como exemplo¹²², pode-se perceber que a personagem “pastor” (EUE’) anuncia a despedida da personagem “pastor Rubens” (o qual foi tão cobiçado pela personagem “Priscila”). Na situação do esquete, é possível notar que o pastor Rubens é enviado para uma igreja muito distante, o que indica que a personagem “pastor” não quer por perto a fim de conquistar certo destaque com as moças – principalmente com a Priscila! Isto posto, é possível afirmar que, por meio do Modo Elocutivo: Constatação e de uma *representação pelo oposto* que evidenciam o ACH *irônico*, a personagem “pastor” busca uma convivência *lúdica* com os fiéis da igreja. No entanto, em relação ao *alvo* do plano ficcional (pastor Rubens), o efeito é de *derrisão*, uma vez que a ideia da personagem “pastor” passa a ser a de desvalorizar o pastor Rubens. Vale ressaltar que esse efeito em relação ao *alvo* torna-se visível através da *ironia*, especialmente quando o “pastor” diz: “*pra fazer a obra de livre e espontânea vontade*”, o que significa que a transferência de igreja da personagem “pastor Rubens” foi forçada.

Quanto ao plano não ficcional, pode-se afirmar que há uma sobremodalização do Modo Elocutivo: Constatação pelo Modo Elocutivo: Proclamação, pois é através do abuso da posição de autoridade que a personagem “pastor” deixa transparecer a sua inveja do pastor Rubens. Assim, o *alvo* da cena não ficcional torna-se evidente: os pastores imorais e a busca de convivência com o TUD passa a ser a *crítica*.

Isto posto, a fim de demonstrarmos os resultados das análises dos efeitos de sentido na cena não ficcional, remetemos à seguinte grade de coleta de dados¹²³:

¹²¹ Trecho retirado do esquete “Pastor Tentado”, de 04:22min. até 04:37min.

¹²² Cf. ACH n.º 58 das tabelas dos apêndices.

¹²³ Para mais detalhes, vide tabela 5 no apêndice E.

Esquete: “Pastor Tentado”	Natureza dos alvos	Efeito possível (convivência dos expectadores empíricos)	Marcas discursivas e marcas linguísticas
58)	Pastores imorais	Crítica	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Proclamação em: “ <i>O nosso pastor Rubens, o nosso querido pastor Rubens, está de malas prontas, tá de mudança, vai pro interior do Maranhão, é... pra fazer a obra de livre e espontânea vontade</i> ”.

Grade 5

De acordo com os dados dessa grade, verifica-se a predominância da categoria de *derrisão* (quarenta e uma ocorrências). Os alvos visados por essa convivência foram, por exemplo, mulheres feias em geral, jovens/moças feias das igrejas evangélicas, esposas gordas, mães ateias, mulheres/moças descuidadas e indecentes, os católicos, entre outros. Em relação à convivência *crítica*, nota-se também uma presença significativa, uma vez que é possível identificar trinta e cinco ocorrências. Dentre os seus alvos, pode-se depreender que eles são os pseudopropetas e as pseudoprophecias, os jovens evangélicos mulherengos, os adventistas, os pastores imorais etc.

Há também uma predominância da convivência de *derrisão* nas cenas ficcionais dos esquetes e, seguidamente, da convivência *crítica*. Quanto à primeira, constata-se uma recorrência significativa (ocorreu cinquenta e oito vezes), sendo que os alvos da *derrisão* são, na maioria das ocorrências, personagens que representam pessoas também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises realizadas, é possível afirmar que o humor se faz presente de forma significativa nos esquetes do canal “Desconfinados”. Assim sendo, cabe expor primeiro o que nos saltou aos olhos no que tange aos dados analisados do *corpus* a fim de demonstrarmos as nossas considerações.

Pode-se depreender no *corpus* que: i) a tendência é que nos esquetes do canal os alvos sejam compostos majoritariamente de personagens que representam pessoas, especialmente mulheres/moças do meio evangélico; ii) além de o alvo recair sobre as personagens que representam pessoas, percebe-se que nos esquetes há uma busca também para a punição dos vícios e dos pecados, o que nos leva a concluir que o canal também faz religião; e iii) há uma tendência da busca de um aumento da alteridade (principalmente dos evangélicos para os não evangélicos).

No que tange à tendência de os vídeos de “Desconfinados” atacarem personagens que representam pessoas, pode-se dizer que há uma agressividade verbal contra elas, uma vez que, como é possível vislumbrar nas análises, a busca da *derrisão* contra essas personagens revela um desejo de rebaixá-las e humilhá-las através do humor. Dentre elas, há um destaque especial de os atos de comunicação humorísticos recaírem recorrentemente sobre as mulheres/moças. No plano ficcional, as personagens que representam mulheres/moças são 39 vezes alvos do humor, sendo que, na maioria das vezes, a busca de convivência contra elas é de *derrisão*. Quanto ao plano não ficcional, pode-se notar que elas são trinta e seis vezes alvos do humor (contando as vezes que seus vícios foram atacados como o uso feminino de roupas indecentes), sendo que em todas essas ocorrências a busca de convivência com o TUD também é de *derrisão*.

À vista disso, é possível afirmar que, em decorrência de as mulheres/moças serem alvos da *derrisão* no canal, os imaginários sociodiscursivos desencadeados estão relacionados ao desprezo contra elas, especialmente no que tange a alguns defeitos e vícios ligados a esses alvos, a saber: elas não são somente mulheres/moças, mas são feias, gordas, descuidadas e isso causa desgosto de acordo com o humor nos esquetes analisados.

Alguns ACHs assumem até mesmo um teor sexual. Algumas vezes esse humor mais voltado para o obsceno se volta contra as moças evangélicas (por exemplo, quando o “jovem evangélico” diz para uma moça que os seus seios pareciam cachos de uva); outras vezes visou o jovem evangélico que não parava de se relacionar com “gente” do mundo. Além disso, a

tendência nos vídeos é atacar muitas vezes mulheres que são indecentes e que usam roupas chamativas.

Não obstante, nota-se que, com a recorrência da categoria do *sarcasmo* no *corpus* de nossa pesquisa, o humor do canal “Desconfinados” tende a ser negativo, mesmo que não tenha palavras como acontece com um humor mais convencional. Essa categoria presente carrega consigo um discurso insultuoso voltado diretamente contra personagens que representam pessoas e isso corrobora com os efeitos de sentido relacionados à categoria de *derrisão*.

Devido à prevalência da convivência de *derrisão* no *corpus*, é possível também dizer que o *riso de zombaria* se faz presente de forma significativa nos esquetes analisados. Tendo como alvo majoritariamente as pessoas, esse canal parece possuir uma inclinação de buscar gerar prazer com a somatória de sentimentos “como a satisfação e a sensação de superioridade (conquistada por uma espécie de vitória), o ódio (contra o objeto do riso), a alegria (com os pequenos infortúnios alheios), entre outros” (VALE, 2013, p. 100).

Nota-se que, ao lado do ataque às pessoas através do humor, no canal também há a tendência da punição dos vícios. Com isso, podemos dizer que a presença do *riso de zombaria* é ainda mais significativa, uma vez que esse tipo de riso está presente quando os vícios do descuido, da preguiça, da imoralidade, da ignorância etc. são alvos de zombaria nos esquetes. Não obstante, é possível depreender também a presença do *riso maldoso*, em que os defeitos e os vícios são hiperbolizados através do discurso. Percebe-se esse tipo de riso quando o personagem “pastor” do esquete “Pastor Tentado” ataca de forma exagerada e ofensiva a “Priscila”, por exemplo, o que permite com que no plano não ficcional haja como alvos as mulheres indecentes (onze vezes no total). Além disso, é hiperbolizada também a feiura da filha da “profetisa” no esquete “Profetada”, chegando a ser chamada até mesmo de “*bichinha feia da preula*”.

Cabe ainda ressaltar sobre o *riso de zombaria* que muitas vezes, no *corpus*, ele se manifesta a serviço da crítica. Essas críticas são dirigidas contra pessoas e vícios advindos até mesmo de dentro do próprio movimento evangélico. Basta trazer à memória o que o amigo do “Cláudio” disse a ele para repreendê-lo: “*segura esse cajado e espera*”. Ou, mais significativo ainda, quando há as críticas no plano não ficcional contra os pastores imorais, por exemplo.

Assim sendo, devido ao caráter negativo desses tipos de riso presentes no nosso *corpus*, cabe retomar a ideia de *campo discursivo* a fim de que algumas considerações sejam feitas. Aliás, é importante discutir esse conceito aqui, visto que, historicamente, o riso foi considerado como diabólico para o cristianismo. Como ressaltamos no tópico 1.4, chorar é melhor do que rir para um verdadeiro cristão. Segundo Minois (2003, p. 133), “os pais da igreja viram no riso um fenômeno diabólico, ligado à decadência humana. Mesmo que tolerassem um ligeiro riso de divertimento, tinham uma concepção muito negativa do riso, e isso marcará o cristianismo durante séculos”.

Sobre os campos discursivos, sabe-se que estes possuem um centro, uma periferia e uma fronteira (MAINGUENEAU, 2010). No caso do canal “Desconfinados” e com base nas análises feitas, torna-se possível presumir que esse canal está inserido no *campo religioso* e, por conta da presença significativa do *riso de zombaria*, bem como do *riso maldoso*, ele se encontra na periferia desse mesmo campo. Ou seja, trata-se de um evangélico “nutella”¹²⁴ que faz humor a ponto de até mesmo fazer rir sobre os próprios erros dos evangélicos. Dessa forma, o canal busca zombar tornando como alvos os jovens mulherengos e preguiçosos, os pseudopropetas e os pastores imorais.

Além disso, o riso de zombaria também está presente no ataque às penosas obrigações e regras religiosas. Os adventistas, por exemplo, são alvos por não poderem comer carne de porco e por fazerem dos sábados dias santos. Os assembleianos são atacados por gritarem muito. E, por sua vez, os da Congregação Cristã no Brasil têm regras estranhas, como as que proíbem o corte de cabelo feminino. Com isso, pode-se dizer que, dentro do campo religioso, esse canal busca também aumentar o nível de alteridade, visando alcançar até mesmo os não evangélicos. Nesse sentido, aqueles do interior da igreja procuram enxergar o olhar do outro sobre os religiosos e incorporam isso em seu discurso.

A partir dessas afirmações, seria ingênuo pensar que o TUD do canal seria apenas um público mais religioso e cristão. Cabe afirmar que esse público idealizado é mais amplo, abrangendo as pessoas a serem “evangelizadas” e “convertidas” pelo humor. Além do mais, com a busca de mais seguidores e, conseqüentemente, de mais *likes*, vale essa busca por um público mais

¹²⁴ Gíria que representa um embate entre gerações e contrapõe aquelas pessoas que são “nutellas”, isto é, são mais modernas e *gourmet*, contra aquelas que são “raízes”, as quais se comportam de forma mais tradicional.

abrangente. E, como o canal se desenvolve fora dos muros das igrejas, isso permite com que os vídeos lancem mão do fazer rir de forma menos institucionalizada.

Ademais, é importante lembrar que nos campos discursivos há sempre uma relação de concorrência em sentido amplo. Os posicionamentos caem na “tentativa de deter o máximo de legitimidade enunciativa” (MAINGUENEAU, 2018c, p. 91). Assim, apesar de estar na periferia do campo religioso, é perceptível que o canal “Desconfinados” faz religião a fim de atacar os vícios e os pecados de alguns de seus alvos através do humor. Nesse sentido, vale afirmar que uma das tendências nesse canal é a de influenciar os comportamentos daqueles que assistem os esquetes através do discurso.

Desse modo, de forma sutil, o canal parece buscar fazer com que os jovens deixem de desejar muitas mulheres e busquem viver uma vida mais reta; do mesmo modo, parece haver um incentivo para que os jovens leiam mais a Bíblia e deixem de ser ignorantes a respeito do conhecimento das Sagradas Escrituras; os pastores devem deixar de ser imorais e fugir das tentações a fim de serem irrepreensíveis. Com isso, percebe-se que o humor é um meio em “Desconfinados” para fazer religião. Contudo, em vez de ser um pastor ou um líder evangélico admoestando sobre os pecados e os erros, trata-se de um jovem fiel buscando influenciar os comportamentos dos seus espectadores.

Além disso, por intermédio da instância do alvo, pode-se observar o desencadeamento de imaginários sociodiscursivos relacionados ao universo evangélico. Considerando os dados, é possível constatar que esses imaginários são reforçados para fazer religião, uma vez que eles trazem a ideia de que algumas práticas são pecaminosas (a imoralidade, a indecência, a preguiça, o erro de se relacionar com muitas moças/mulheres, entre outros). Dessa forma, espera-se que o espectador compartilhe desses imaginários que condenam comportamentos e práticas reprováveis pelos evangélicos.

Isto posto, cabe também refletir sobre a posição do canal no *campo do humor*, o qual também estabelece que seus membros sigam regras específicas. Nesse campo, os humoristas se diferenciam com as opiniões sobre o que é fazer humor “donde, por um lado, uma primeira diferenciação entre sujeitos voltados para fazer rir a todo custo (os risistas) e aqueles que, além de fazer rir, procuram mostrar uma tese sobre o mundo (os humoristas)” (VALE, 2013, p. 257). Já vimos que o canal “Desconfinados” busca fazer um humor sem palavões e que não seja

ofensivo aos evangélicos. Dessa forma, ao invés de utilizar palavrões, percebe-se através das análises que há o uso de termos do meio religioso para substituí-los. Um exemplo dessa substituição é quando, no esquete “Pastor Tentado”, a personagem “pastor” ataca a personagem “Priscila” falando: “*Cala a boca, Satanás!*”. Assim sendo, em “Desconfinados” é melhor deixar de lado as palavras de baixo calão e suprir essa falta no humor atacando as personagens que representam pessoas.

Analogamente, após as análises, é possível fazer uma consideração ainda mais refinada sobre a diferença entre o posicionamento do canal “Desconfinados” e de canais como o “Porta dos Fundos” em relação ao humor. Não se pode negar que os dois canais produzem seus conteúdos levando em consideração temáticas relacionadas à religião. No entanto, no que tange a “Desconfinados”, por utilizar o humor como um meio para fazer religião atacando os vícios e os pecados, pode-se afirmar que os seus esquetes não apresentam uma banalização e subversão do cristianismo. Pelo contrário, eles reforçam uma visão de mundo evangélica quando buscam fazer rir. Assim sendo, trata-se de um humor evangélico que, à maneira das músicas gospel, por exemplo, é produzido para ser consumido como tal.

Ademais, vale ainda questionar se “Desconfinados” produz um humor voltado para um politicamente incorreto¹²⁵, visto que muitas vezes o humor desse canal é feito a partir de lugares sociais e pessoas que vivenciam a desigualdade na sociedade para gerar o riso. Desse modo, além de mulheres/moças serem alvos constantes no *corpus* selecionado, percebe-se que a homossexualidade também é atacada e ridicularizada, por exemplo. Além disso, como é possível perceber, os esquetes zombam das gordas e das feias. Nesse sentido, o humor de “Desconfinados” pode ser ofensivo para quem se identifica com esses alvos, uma vez que os efeitos de sentido voltados contra eles são negativos e pejorativos.

É oportuno ainda destacar a relação interdiscursiva entre o Discurso Religioso e o Discurso Humorístico no *corpus*. Mesmo após as análises, essa relação continua complexa a ponto de nos impedir de determinar a qual tipo de discurso o canal “Desconfinados” representa. Não há

¹²⁵ Segundo Gruda (2017), um discurso politicamente incorreto existe quando é contraposto ao politicamente correto. Este, por sua vez, “pretende propor *normatizações na esfera pública* visando combater as desigualdades e os preconceitos arraigados de modo sócio-histórico” (GRUDA, 2017, p. 197, grifos do autor). Nesse sentido, ainda de acordo com Gruda (2017, p. 191), o politicamente correto não se trata apenas das questões sobre as expressões que devem ou não ser utilizadas referentes a determinado grupo, pois “a ideia de politicamente correto alastra-se a outros campos para além das palavras utilizadas no cotidiano, como nos modos de agir e de nos relacionarmos socialmente”.

como negar que os atos de comunicação humorísticos (ACHs) presentes nos esquetes são usados como estratégias discursivas para a construção de um humor evangélico. Do mesmo modo, percebe-se que, além de fazer humor, o canal faz religião nos vídeos. Por outro lado, nota-se uma presença considerável do humor e do fazer rir nas falas das personagens. Dessa maneira, a fim de não sermos categóricos, somente mantemos a posição de que o canal porta um humor evangélico e que, por isso, se diferencia de um humor mais convencional.

Nesse ínterim, pode-se afirmar que evangélico não somente chora e vive angustiado pelos pecados alheios. Evangélico também faz rir. Mas deve haver um propósito: fazer humor para um evangélico é também fazer religião. Além disso, deve-se fazer rir buscando uma imagem mais simpática do protestantismo, a fim de que os não fiéis vejam que os evangélicos não são caretas e rombudos. No entanto, é preciso ter limites e deixar claro que não se deve deixar levar pelo humor convencional ou pelo humor iconoclasta, uma vez que até mesmo a atividade de fazer rir deve ser feita de forma mais próxima de Deus.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. A. **Narradores de Javé**: uma análise semiolinguística do discurso fílmico. 2006. 104f. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, POSLIN, UFMG, Belo Horizonte. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6V4HJ5/1/disserta__o_carol.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2021.

BANDEIRA, W. S. Do que riem os pentecostais? reflexões sobre os novos humoristas gospels na grande rede. In: XII CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO ECLESIAL, 2017. **Catedra unesco de comunicação e desenvolvimento**. . Campinas: Pontifícia Universidade Católica, 2017, p. 1-15. Disponível em: <https://www.academia.edu/38298672/Do_que_Riem_os_Pentecostais_Reflex%C3%B5es_Sobre_os_Novos_Humoristas_Gospels_na_Grande_Rede>. Acesso em: 04 mar. 2021.

BELLOTTI, K. K. Surfando nas ondas do Senhor: juventude evangélica e mídia no Brasil. **RELEGENS THRÉSKEIA**: estudos e pesquisa em religião, v. 03, n. 01, 2014, p. 100 – 126.

CAMPOS, L. S. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. In: **Revista USP**, São Paulo, nº 61, março-maio 2004, p. 146 – 163.

CAPLER, R. O crescimento evangélico, a próxima eleição e o pastor no STF. **Veja**, 7 jul. 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/matheus-leitao/o-crescimento-evangelico-a-proxima-eleicao-e-o-pastor-no-stf/>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

CARNEIRO, R. ‘Porta dos céus’: a internet ri com o humor evangélico. **Veja**, 29 mar. 2015. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/porta-dos-ceus-a-internet-ri-com-o-humor-evangelico/>>. Acesso em: 17 dez. 2021.

CHAGAS, T. Jonathan Nemer diz que já foi muito criticado por conta de suas piadas: não quero escandalizar ninguém. **Gospel Mais**, 18 mar. 2015. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/jonathan-nemer-piadas-nao-quer-escandalizar-75025.html>>. Acesso em: 13 out. 2020.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. (orgs.) **Análise do discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001, p. 24 – 37.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (orgs) **Gêneros**: reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p.13-41.

CHARAUDEAU, P. Des catégories pour l’humour? **Questions de communication**: humor et média. Définitions, genres et cultures. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, n. 10, 2006, p.19-41.

CHARAUDEAU, P. Des catégories pour l’humour. Précisions, rectifications, compléments. In: GARCÍA, M. D. V. (dir.) **Humour et crises sociales**: regards croisés France-Espagne. Paris: L’Harmattan, 2011, p. 9-43.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: os modos de organização do discurso. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, P. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun, 2017.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018a.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018b.

CHARAUDEAU, P. Gênero de discurso. In CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2018c, p. 249 – 251.

COSTA, S. R. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

CRUZ, R. Jonathan Nemer é fenômeno na internet com humor "sem apelação". **R7**, 26 ago. 2018. Disponível em: <<https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/jonathan-nemer-e-fenomeno-na-internet-com-humor-sem-apelacao-06102019>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

CUNHA, M. N. **A explosão Gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X : Instituto Mysterium, 2007.

EAGLETON, T. **Humor**: o papel fundamental do riso na cultura. Rio de Janeiro: Editora Afiliada, 2019.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREUD, S. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GRUDA, M. P. P. **O discurso do humor politicamente incorreto no mundo contemporâneo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 2007.

LEWIS. C. S. **Cartas de um diabo a seu aprendiz**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

MAINGUENEAU, D. Captação vs subversão. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2018a, p. 94.

MAINGUENEAU, D. Interdiscurso. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2018b, p. 286-287.

MAINGUENEAU, D. Posicionamento. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2018c, p. 392-393.

MARTINS, A. V.; RIVERO, T. Da tv à internet, dos televangelistas aos youtubers: apontamentos sobre canais evangélicos no youtube. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MEDIATEZACÃO E PROCESSOS SOCIAIS, 2019. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, 2019, p. 1-17. Disponível em: <<https://mediaticom.org/anais/index.php/seminario-mediatizacao-artigos/article/view/280/274>>. Acesso em: 04 mar. 2021.

MARTINS, Yago. **Pecados aceitáveis**. Brasília, DF: Editora 371, 2020.

MELO, S. S. M. A utilização das redes sociais pela igreja: novas formas de diálogo com o fiel. In: **Gláuks**, v. 15, n. 1, 2015, p. 71-86. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/13364/1/document.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2021.

MELO, S. S. M. Considerações sobre o domínio de prática discursiva religioso. In: MELO, S. S. M. (org.). **Reflexões sobre o discurso religioso**, Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2017, p. 131-148.

MELLO, R. O quadro do contrato comunicacional de Patrick Charaudeau e o texto literário. In: **Caligrama** – revista de estudos românicos, v.8, 2003, p.41-54.

MELLO, R. Teatro, gênero e Análise do Discurso. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. **Gêneros: reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 87-106.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, São Paulo: Editora Pontes, 1987.

PAEGLE, E. G. M. A “Mcdonaldização” da fé – um estudo sobre os evangélicos brasileiros. In: **Protestantismo em revista**. V. 17. São Leopoldo: EST, set.-dez. 2008. p. 86-99.

PAEGLE, E. G. M. **A “Mcdonaldização” da fé: o culto como espetáculo entre os evangélicos brasileiros**. Florianópolis: Tese de doutorado UFSC, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107229/319118.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

PIERUCCI, A. F. Apêndice: as religiões no Brasil. In: GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 300-323.

POSSENTI, S. **Os humores da língua: análise linguística de piadas**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

POSSENTI, S. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2018.

PROPP, V. **Comichidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

RODRIGUES, W. Jonathan Nemer: “humor para todos independente de religião”. **F5 News**, 02 jul. 2015. Disponível em: <https://www.f5news.com.br/entretenimento/jonathan-nemer-humor-para-todos-independente-de-religiao_22352/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

ROSENFELD, A. Literatura e personagem. In: CANDIDO, A.; GOMES, P. E. S.; PRADO, D. A.; ROSENFELD, A. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 10 - 49.

SILVEIRA, A. L. **Riso e subversão**: o cristianismo pela Porta dos fundos. 2016. Dissertação (mestrado) – UFSC, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Literatura, Florianópolis. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/167729/339984.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 mar. 2021.

TRAVAGLIA, L. C. Gêneros orais – conceituação e caracterização. In: XIV SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA E IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA (SILEL), 2013. Uberlândia. **Anais do SILEL**, vol. 3, nº 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2013/1528.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

TRAVAGLIA, L. C. Esquete: caracterização de um gênero oral e sua possível correlação com outros gêneros. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, vol. 19, n. 2, jul./dez. 2017, p. 115 – 143. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olhases trilhas/article/view/40213/27028>>. Acesso em: 04 mar. 2021.

VALE, R. P. G. **A mulher nas piadas de almanaques**: estratégias discursivas e representações sociais. 2009. 135f. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, POSLIN, UFMG, Belo Horizonte. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-8T2NVY/1/1373m.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

VALE, R. P. G. **O discurso humorístico**: um percurso de análise pela linguagem do riso. 2013. 279 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-9ARN7W/1/1373d.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TRANSCRIÇÕES DOS ESQUETES DE “DESCONFINADOS”:

ESQUETE: “CANTADAS DE SALOMÃO”

1ª PARTE

MOÇA EVANGÉLICA: — Tá bom, então. Vou te esperar. Beijo, tchau.

JOVEM EVANGÉLICO: — Oi.

MOÇA EVANGÉLICA: — Oi.

JOVEM EVANGÉLICO: — Tudo bem?

MOÇA EVANGÉLICA: — Tudo.

JOVEM EVANGÉLICO: — É, eu sou meio tímido, tenho vergonha, fico até sem jeito de falar, mas... eu... eu tava reparando em você hoje na igreja e... eu vi que você tem olho de pomba.

MOÇA EVANGÉLICA: — O quê?

JOVEM EVANGÉLICO: — É, cê tem... cê tem um olhinho de pomba assim e... e cê tem perna de gazela também, viu?

MOÇA EVANGÉLICA: — O quê?

2ª PARTE

RAPAZ: — Vou ali e já volto, tá?

MOÇA EVANGÉLICA: — Tá, te espero.

JOVEM EVANGÉLICO: — Oi, tudo bem?

MOÇA EVANGÉLICA: — Tudo e você?

JOVEM EVANGÉLICO: — Bem também. Eu tava reparando, eu queria falar que eu reparei em você hoje durante as músicas na igreja.

MOÇA EVANGÉLICA: — Ah, brigada.

JOVEM EVANGÉLICO: — É... queria falar também que o seu cabelo parece um rebanho de cabra.

MOÇA EVANGÉLICA: — Brigada, eu acho.

JOVEM EVANGÉLICO: — Teu umbigo... teu umbigo parece uma taça de vinho que nunca acaba. Seus seios... parece dois cacho de uva (sic).

MOÇA EVANGÉLICA: — Misericórdia.

3ª PARTE

JOVEM EVANGÉLICO: — Oi, boa noite.

MOÇA EVANGÉLICA: — Oi.

JOVEM EVANGÉLICO: — É, eu... eu sempre me prejudico por causa do meu jeito pra conseguir as coisas, porque eu sou tímido e... sempre dá tudo errado. Então eu vou ser bem direto, tá?

MOÇA EVANGÉLICA: — Tá, pode falar.

JOVEM EVANGÉLICO: — É... eu tava olhando você e... você pra mim é igual uma das éguas da carruagem de Faraó. E os seus seios são igual (sic) a dois filhote de gazela (sic). Filhote gêmeo de gazela.

MOÇA EVANGÉLICA: — Aff!

4ª PARTE

PASTOR: — A paz, irmão.

JOVEM EVANGÉLICO: — A paz, pastor. Bom?

PASTOR: — Tudo bem? Então, tem uma coisa chata acontecendo aí... algumas meninas reclamando que cê tá ofendendo elas... Eu queria saber o que tá acontecendo.

JOVEM EVANGÉLICO: — Ofendendo?

PASTOR: — Uhum. Teve uma que cê falou que olho de pomba. Outra tem um umbigo grande, peito de uva... chamou uma de égua de Faraó.

JOVEM EVANGÉLICO: — Não, mas não é ofensa. É elogio. Tá tudo na Bíblia. É cantares de Salomão.

PASTOR: — Hum.

JOVEM EVANGÉLICO: — É... a cantada é ruim, mas Salomão conseguiu mil mulheres, né? Ham. As minhas eu não consigo nenhuma. Quis fazer igual.

PASTOR: — Pelo amor de Deus, cê não faça isso. Ó, entendi o que tá acontecendo. Agora eu entendi, mas Salomão, na época, rei, se ele falasse pra uma mulher que ela tinha perna de jaca ela ia achar lindo, mas hoje em dia não dá, né?

JOVEM EVANGÉLICO: — Pô, desculpa, então.

PASTOR: — Não, não é desculpa, tá tranquilo. Entendi, tá tranquilo. É que mulher é mais sensível, a vaidade, elas ficam chateadas. Eu... eu não ligo.

JOVEM EVANGÉLICO: — Cê não liga?

PASTOR: — Ah, eu sou pastor, né? Conheço a Bíblia, eu sei que isso tá na Bíblia.

JOVEM EVANGÉLICO: — Nossa, pastor, cê é tão bondoso, tão sábio, sábio igual uma gazela, um veado novo.

ESQUETE: “PROFETADA”

1ª PARTE

JOVEM EVANGÉLICO: — Bem também, graças a Deus.

PROFETISA: — Teu pai, tua mãe... tudo em ordem?

JOVEM EVANGÉLICO: — Tá tudo bem. Toda família tá bem, graças a Deus mesmo, viu?

PROFETISA: — Amém.

JOVEM EVANGÉLICO: — Você disse que tinha uma coisa pra falar comigo...

PROFETISA: — Tenho, mas não é de mim. É algo que Deus mandou falar pra você.

JOVEM EVANGÉLICO: — Deus quer falar comigo?

PROFETISA: — Isso.

JOVEM EVANGÉLICO: — Ok.

PROFETISA: — Você é um menino que quer casar, tem esse plano no seu coração. Verdade ou mentira?

JOVEM EVANGÉLICO: — Verdade.

PROFETISA: — Mas Deus me falou que você tem que parar de falar com a menina que você tá falando, porque não é ela.

JOVEM EVANGÉLICO: — Mas qual menina?

PROFETISA: — A menina que você tá conversando.

JOVEM EVANGÉLICO: — Ué...

PROFETISA: — Você não tem conversado com uma menina?

JOVEM EVANGÉLICO: — Tenho.

PROFETISA: — Então, pode parar. Ela não é pra você.

JOVEM EVANGÉLICO: — Mas Deus falou como ela é?

PROFETISA: — Você sabe muito bem como ela é, não sabe?

JOVEM EVANGÉLICO: — Sei... sei, claro. É só pra confirmar mesmo, pra ver se não é espírito de engano, né.

PROFETISA: — Olha aqui, irmão Thiago. Você me conhece. Sabe que eu sou mulher de Deus muito usada. Num tem nada de... espírito de engano.

JOVEM EVANGÉLICO: — Não, me perdoe irmã Rute, porque essas coisas são difíceis de saber, né. Me fala a cor do cabelo dela, pelo menos.

PROFETISA: — Num (sic) é assim que funcionam as coisas com Deus.

JOVEM EVANGÉLICO: — Pô, me ajuda, irmã. Fala pelo menos a primeira letra do nome dela. É P? Ó, é Paula? É a Paula?

PROFETISA: — Cê tá conversando com a Paula?

JOVEM EVANGÉLICO: — Tô.

PROFETISA: — Então, é isso mesmo. A Paula não é pra você. Deus mandou você parar de falar com a Paula porque Ele tem planos melhores pra você.

JOVEM EVANGÉLICO: — Tadinha... Logo a Paula, gente? E eu achava que pudesse ser ela a minha esposa.

PROFETISA: — Deve ser difícil mesmo, eu imagino. Você falava com ela há muito tempo?

JOVEM EVANGÉLICO: — Com a Paula? Muito tempo já. Por isso que dói. Tem umas três semanas já que eu falava com ela.

PROFETISA: — É, a vida é assim mesmo. Cê acha que é uma, mas... pode ser outra.

JOVEM EVANGÉLICO: — Assim, se for ver o que eu acho, o que é a minha opinião, eu achava que era pra eu parar de falar com a Estéfane.

PROFETISA: — Quem é essa?

JOVEM EVANGÉLICO: — É outra menina que eu tô conversando também. Mas ela é meio baladeira. Ela eu já peguei umas mentiras dela. Ela fala que vai dormir, depois eu vejo ela no snapchat de outra amiga dela, no fundo, na balada. Mas a Paula? Não imaginava.

PROFETISA: — Você conversa com a Estéfane também, além da Paula?

JOVEM EVANGÉLICO: — Aham.

PROFETISA: — Então hoje mesmo é pra você para de falar com elas duas.

JOVEM EVANGÉLICO: — Com a Estéfane também não? Mas não era só a Paula?

PROFETISA: — Era a Paula, mas Deus tá falando que a Estéfane também não é pra você.

JOVEM EVANGÉLICO: — Nossa, meu. Perdi duas meninas em o que... em dois minutos? Se eu continuar te ouvindo eu vou perder um monte.

PROFETISA: — Perdão, irmão?

JOVEM EVANGÉLICO: — Ah, já... já falou pra eu parar de falar com a Paulinha, com a Tefi. Daqui a pouco vai falar que Deus não quer que eu fale mais também com a Michele, com a Renata, com a Aline, com a Vanessa.

PROFETISA: — Você fala com todas essas meninas?

JOVEM EVANGÉLICO: — Falo, ué. Mas Deus quer que eu pare de falar só com a Paulinha e com a Estéfane, né?

PROFETISA: — Eis que te digo hoje mesmo: para de falar com todas as meninas que você tem falado. Você é um homem bonito, cristão, trabalhador honesto, tem família boa. Todas as mulheres vão chegar até você pra se apoderar de você. Você tem que esperar o tempo de Deus. Tem que parar de falar com todas.

JOVEM EVANGÉLICO: — Todas?!

PROFETISA: — Todas! Paula, Estéfane, Renata, Aline, Michele. Qual... qual foi a última que você falou?

JOVEM EVANGÉLICO: — A Vanessa.

PROFETISA: — Vanessa também. Todas!

JOVEM EVANGÉLICO: — Carlinha, Priscila?

PROFETISA: — Sangue de Jesus tem poder. Você tem pombagira ou o quê? Abrigo de mulher refugiada? Você tem mais mulher do que banheiro feminino em congresso da Assembleia de Deus. Chega, irmão. Espera em Deus!

JOVEM EVANGÉLICO: — Que vergonha, irmã. Tô morrendo de vergonha. Eu... eu peço perdão, mas é... porque você me conhece desde pequeno, conhece os meus pais, é difícil reconhecer uma fraqueza que a gente tem, né? E... eu reconheço, é uma fraqueza que eu tenho. Eu quero casar, mas fico muito confuso.

PROFETISA: — Deus vai clarear isso, fica em paz. Agora mesmo que você tá liberando todas as mulheres, Deus me manda dizer algo.

JOVEM EVANGÉLICO: — Sério?

PROFETISA: — Sim. É um prêmio de Deus que veio pra você, por ter quebrado toda ligação que você tem com essas mulheres.

JOVEM EVANGÉLICO: — Que que Deus tá falando agora?

PROFETISA: — Ele tá falando que não adianta você relutar e nem resistir, mas o seu sonho de casar vai acontecer em breve. Você vai se casar com a Paloma.

JOVEM EVANGÉLICO: — Paloma? Que Paloma?

PROFETISA: — A Paloma.

JOVEM EVANGÉLICO: — A Paloma... Paloma? Sua Filha?!

PROFETISA: — Isso. Isso, glória a Deus. Viu como tudo se restaurou? Olha que bênção. Tudo tá indo certo.

JOVEM EVANGÉLICO: — A... a Pa- Paloma, sua filha?! Deus falou?!

PROFETISA: — Isso, por quê?

JOVEM EVANGÉLICO: — A Paloma?! Aquilo lá?! Ah, não foi Deus que falou não. Foi Satanás que falou pra você! O diabo deve ter chegado no seu ouvido e falou: fala pra ele isso, porque não é Deus não! Deus... E eu achando que você era uma mulher de Deus. É uma mulher do cão pra falar isso daí pra mim. Paloma?! Bichinha feia da preula! Pelo amor de Deus. Aquilo lá é o cão purinho. Tá amarrado e repreendido agora, em nome de Jesus. Cai por terra agora!

2ª PARTE

PROFETISA: — Sai, espírito ruim, sai! Deus, tira esse espírito ruim dele que não deixa ele ver a bênção que tá na frente dele. Sai espírito ruim, sai!

MÃE (IRMÃ SUZANA): — O que que tá acontecendo aqui?

PROFETISA: — Irmã Suzana, teu filho tá com espírito ruim, vem ajudar a orar por ele. Sai esse espírito que fecha seus olhos e não deixa você ver a bênção que tá na sua frente. Sai agora, sai! Saiu?

JOVEM EVANGÉLICO: — Eu tô normal. Falar a verdade pra você, num (sic) mudou nada pra mim. Eu tô... tô normal, tô igualzinho.

MÃE (IRMÃ SUZANA): — Gente, mas saiu o quê? O que que tá acontecendo?

PROFETISA: — Teu filho tá de espírito ruim, não deixa vim a bênção que tá na frente dele, tá de olhos fechados. O espírito tem que sair. Deus me falou que o seu filho vai casar com a Paloma, e ele não quer aceitar isso, não quer ver, ele não enxerga.

MÃE (IRMÃ SUZANA): — A... a Paloma?

PROFETISA: — É.

MÃE (IRMÃ SUZANA): — A Paloma sua filha?!

PROFETISA: — É, por quê?

ESQUETE: “CRENTE NAMORANDO GENTE DO MUNDO”**1ª PARTE**

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Eu não acredito que cês terminaram, Cláudio.

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Pois é, cara.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Mas, o que aconteceu, mano?

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, ela não é evangélica, né mano. Tem hora que ela fala que é espírita, tem hora que ela fala que é ateu e não acredita em Deus. Aí é tudo muito diferente, né mano.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Vish...

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Tem que pensar futuramente também. Imagina a gente casa, tem um filho, aí vou ensinar o nosso filho a orar, ler a Bíblia e ela fala: Cê tá louco? Ensinando isso pro moleque, Deus não existe.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — É. Isso é muito sério. Mas como ela tá?

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, tá sofrendo também, né. Nós dois estamos.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Então cê tem que mudar, cara. Parar de fazer isso. Se a Bíblia fala: não dá pra ter relacionamento com jugo desigual, porque cê insiste? Toda hora. Ou, quantas vezes cê já namorou alguém que não tem a mesma fé que a sua?

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Essa foi a... terceira.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Terceira?

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, não... não. Foi a quarta.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, então, mano! Tá tirando, né? Vai insistir até quando numa coisa que você sabe que não vai dar certo? Se machucando, machucando elas.

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, mas é porque eu... eu acho que eu vou conseguir converter as meninas.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, cê é o tipo missionário safado, então, né. Dá uns pegas, tenta ganhar pra Jesus. Que legal, né? Onde tá isso na Bíblia? Na verdade, eu tô achando que não dá certo porque é Deus livrando as meninas de você.

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — É, eu tô errado, tenho que mudar... Mas também, as meninas da igreja são tudo feia.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Primeiro... é. Segundo, beleza não é tudo e... cê também nem é lá essas coisas. E tem menina bonita na igreja sim. Não muitas, mas... tem. Se você procurar bem, cê acha. Uma, outra... Vai visitando, Cláudio. Batista, Assembleia de Deus, Presbiteriana, Adventista...

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Adventista? Eles nem podem dar rolê dia de sábado, nem come bacon.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, então já sai fora que também é jugo desigual. Bola de neve! Cê tem problema com tatuagem?

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, num (sic) ligo muito não. Só não gosto daquelas tatuagens de caveira, sabe? Caveira assim, oxe. Parece coisa do capeta, num (sic) gosto não.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Então pronto! Tem muita igreja diferente, muita menina, mano.

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — É, verdade.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Então segura o cajado e espera. Paga o preço, muda o foco. Aproveita que tá solteiro, foca nas coisas de Deus, busca a Deus. Vai pra congresso, faz jejum, ora, vai pro monte.

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Pode deixar que agora num vou nem mais pensar, nem mais pensar em me envolver com alguém que não seja crente. Agora acabou, velho.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Promete?

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Prometo.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Valeu, mano!

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Até mais, velho.

AMIGO DO CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Te mando um zap depois.

2ª PARTE

MOÇA CATÓLICA: — Ai!

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, desculpa! (risos) Eu saí da sala, nem te vi.

MOÇA CATÓLICA: — Tudo bem.

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Nossa, como cê é bonita.

MOÇA CATÓLICA: — Obrigada.

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Eu posso pegar teu telefone? Cê topa sair qualquer dia?

MOÇA CATÓLICA: — Ah, claro! Onde?

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Ah, a gente pode ir... na igreja. Pode ser?

MOÇA CATÓLICA: — Que legal. Eu sou católica. Que igreja você vai?

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Na Assembleia de Deus. Mas a minha é bem tranquila. Tipo a igreja católica, quase num grita e... qualquer coisa a gente ora antes, pra você não manifestar, sabe?

MOÇA CATÓLICA: — Ah... tá.

3ª PARTE

CLÁUDIO (JOVEM EVANGÉLICO): — Pois é, mano. Mais uma vez num (sic) deu certo. É, eu num (sic) sei o que aconteceu, cara. Ela topou ir na igreja e tudo. Uma irmã profetizou pra ela no culto, cê acredita? Falou que se ela não mudasse de vida, não mudasse o jeito dela, ela ia pro inferno, aí ela num (sic) gostou. Não, eu sei. Super natural o que a irmã falou. Verdade, né? Mas, não, agora eu aprendi. Não, agora eu aprendi. Agora... (Nesse momento o celular de Cláudio recebe uma notificação.) AH! Mano, eu tenho que desligar velho. Amanhã a gente se fala, tá bom? Não, uma menina que eu tava a fim dela um maior tempão, ela me deu match aqui no tinder. Eu vou ter... Um match no tinder. Não... mano, eu aprendi, filho! Eu aprendi. A menina tem cabelo comprido, certeza que ela é da Congregação Cristã do Brasil. Certeza.

ESQUETE: “PASTOR TENTADO”

1ª PARTE

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Oi pastor, tudo bem?

PASTOR: — Tudo bem, Priscila?... Pode sentar, fique à vontade.

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — É... Eu tô com um problema e eu preciso de um aconselhamento.

PASTOR: — Uhum, tamo (sic) aqui para isso. Que que você, que que você precisa?

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Então... é o meu casamento. O meu marido não me procura mais.

PASTOR: — Hum.

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Eu já tentei de tudo, pastor. Eu uso umas roupas mais sensuais, comprei umas coisinhas diferentes, já falei para ele fazer o que quiser comigo.

PASTOR: — Uhum, misericórdia.

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Eu sou tão jovem ainda, sabe? Tenho tanta lenha para queimar...

PASTOR: — É...

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Eu não sei mais o que fazer, porque eu não tenho mais atração nenhuma por ele, perdi a admiração... O pastor sabe do que que eu tô falando. O pastor tá aí, inteiro e... sua esposa, não sei, né? Não sei cuida tanto. Tá todo dia de coque, deu uma engordadinha depois do último filho.

PASTOR: — É a Raquel se cuidava bastante, a Raquel ela dançava, mas depois do Mateus, do Marcos, do Lucas e do João ela... Quem não engorda trinta quilos, né? Normal... Tá parecendo um boi, mas...

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Então, pastor. Eu tô com uma admiração muito grande por outra pessoa.

PASTOR: — Ai ai. Eu conheço?

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Conhece.

PASTOR: — Misericórdia!

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Ele é um homem de Deus, ele é um homem exemplar, direito, tem sabedoria, autoridade.

PASTOR: — Priscila, é melhor você parar, Priscila. É melhor você parar.

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Ele é pastor.

PASTOR: — Priscila, para, ele é casado. Ele é cas-, muito bem casado. Homem de família, a esposa ama, casado!

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Eu sei, pastor, mas...

PASTOR: — Cala a boca, Satanás! Eu não vou trair a minha esposa, eu não vou cair na sua lábua.

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — O que?!? Não é você não, credo! É o pastor Rubens.

PASTOR: — O pastor Rubens?!

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — É!

PASTOR: — O pastor Rubens?!

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — É, pastor. O pastor Rubens. Ele é tão sábio, prega tão bem.

PASTOR: — Mas... Mas eu também prego bem, eu também sou sábio.

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Ah, mas é diferente, pastor.

PASTOR: — Diferente como? Diferente... O que que ele tem que eu não tenho?

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — A pregação dele é bem-humorada, ele é engraçado.

PASTOR: — Mas, mas palavra é coisa séria! Não tem que fazer piada com a palavra não. Tem que fazer coisa séria!

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Mas isso não é piada. É bom humor. E, bom... Ele se veste tão bem, sabe? Usa camisa rosa, gravata rosa.

PASTOR: — Camisa rosa! Misericórdia! Camisa rosa. Misericórdia!

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Super estiloso. E mulher adora homem de rosa. Enfim, eu não sei o que que ele causa em mim, mas eu, eu só penso nele.

PASTOR: — Isso é Satanás. Isso é Sata- Por quê? Você vem com um decotão desse, ó o decote que você vem aqui falar com o pastor. Um decote desse. Se eu fosse ginecologista faria exame ginecológico só pelo decote, só aqui ó, por cima. Já dá para ver tudo já. Aí você vem, fala que ta com problema em casa, não admira o marido, e vem lembrar ainda que minha esposa ta com o tamanho de um boi.

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — Poxa, pastor... Perdão. Mas... e agora? Que é que eu vou fazer?

PASTOR: — Pode deixar que eu vou falar com seu marido.

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — O que que você vai falar pra ele?

PASTOR: — Vou falar pra ele começar a malhar comigo, vou falar para ele se cuidar, para ele cortar o cabelo todo mês e não a cada seis meses. Para ele cortar os pelos do nariz, que ta quase entrando na boca, pelo de nariz, aquela coisa horrorosa. Tem que tá bem apresentado para você. Mas ó, eu só vou te pedir duas coisas...

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — O quê?

PASTOR: — Primeira coisa: se fecha! Você ta muito assim ó. Anda... Que isso? Olha, mostrando tudo, dando amostra grátis para todo mundo. Você quer dar amostra grátis para... Não! Se dedica para o seu marido, dá o melhor para o seu marido. Se fecha, chega, ta muito AH!

PRISCILA (MEMBRA DA IGREJA): — É a segunda coisa?

PASTOR: — Segunda coisa: Onde você comprou essa blusa? Tem tamanho extra mega ultra GGG? Por que, se tiver, quero que você vai lá agora e compra uma para a minha esposa. Extra mega ultra GGG, para ela usar esse negócio também porque agora eu quero ver ela usando esse negócio. Mas, dentro de casa! Num (sic) é, né? Por quê? Pra mim. Dentro de casa eu quero ver ela usando esse negócio. Eu quero ver como é que vai ficar nela.

2ª PARTE

PASTOR: — Bom, igreja. Aproveitar o andamento do culto e... fazer um comunicado pra todos. O nosso pastor Rubens, o nosso querido pastor Rubens, está de malas prontas, tá de mudança, vai pro interior do Maranhão, é... pra fazer a obra de livre e espontânea vontade.

PASTOR RUBENS: — Ô, pastor. De livre e espontânea também não, né.

PASTOR: — É... assim... Deus me deu uma revelação de que era pra ele ir pro interior do Maranhão fazer a obra. Eu falei pra ele, e ele, como um homem obediente, um homem fiel, temente a Deus falou: não, então eu vou lá, de livre e espontânea vontade. Ele tem o jeito todo peculiar de dar a palavra, bem humorado, engraçado, e o povo do interior do Maranhão precisa disso. É... antes de pregar, queria contar uma piada pra igreja. Piada muito boa que faz fazer bem pra todo mudo, pessoal gosta de piada hoje em dia na igreja.

ESQUETE: “ORAÇÃO INDIRETA”

1ª PARTE

NAMORADA EVANGÉLICA: — ô Gu.

NAMORADO EVANGÉLICO: — Hum.

NAMORADA EVANGÉLICA: — Sabe o que eu tava pensando?

NAMORADO EVANGÉLICO: — O quê?

NAMORADA EVANGÉLICA: — Acho que a gente precisa orar junto.

NAMORADO EVANGÉLICO: — Cê acha?

NAMORADA EVANGÉLICA: — Eu acho. Vamos orar agora. Fecha os olhos.

NAMORADO EVANGÉLICO: — Agora?

NAMORADA EVANGÉLICA: — Agora, vai, fecha os olhos. Meu Deus, gostaria de começar te agradecendo pelo namorado maravilhoso que o Senhor me deu. Mas também queria pedir: coloca nele, Senhor, uma vontade de trabalhar. Coloca na mente e no coração dele que o Senhor não se alegra vendo ele assim tão vagabundo sem fazer nada.

NAMORADO EVANGÉLICO: — Ou!

NAMORADA EVANGÉLICA: — Xiu! Fica quieto que a gente tá falando com Deus. Senhor, desculpa. Que é feio, Senhor, um homem desse tamanho, dessa idade, depender do dinheiro do papai e da mamãe pra se sustentar. Que ele possa trabalhar, meu Deus, pra pagar a comida dele, os presentes que ele me dá, porque o trabalho dignifica o homem. Amém. Amém?

NAMORADO EVANGÉLICO: — Amém...

NAMORADA EVANGÉLICA: — Tá se sentindo melhor agora?

NAMORADO EVANGÉLICO: — Quero orar também.

NAMORADA EVANGÉLICA: — Ah, que lindo! Vamos orar, então.

NAMORADO EVANGÉLICO: — Meu Deus, eu quero te agradecer pela namorada que o Senhor me deu, mas eu quero te pedir perdão por ela, ó Pai, porque ela não sabe o que ela fala. Ela não conhece a Bíblia quando fala que o Senhor trabalha enquanto a gente descansa. Então eu tô descansando enquanto o Senhor trabalha, em obediência à Bíblia.

NAMORADA EVANGÉLICA: — Ah, não vem não, Gustavo!

NAMORADO EVANGÉLICO: — Cala a boca que eu tô falando com Deus! Papai, ela sempre fala que o corpo é templo do Espírito Santo. Então coloca nela um desejo de cuidar melhor do templo, que ela possa fazer luzes e escova no telhado do templo de vez em quando. Que ela possa passar maquiagem na parede do templo. Que ela possa colocar umas roupinhas, uns acessórios mais daora pro templo ficar mais bonito, chamar mais atenção. E também coloca nela uma vontade de fazer academia, meu Deus, porque ela só come ultimamente e a ampliação do templo é coisa que eu não quero, acho que ninguém quer, meu Pai. Amém. Amém?

NAMORADA EVANGÉLICA: — Aff, toma aqui esse controle.

NAMORADO EVANGÉLICO: — Eu não quero controle não. Eu vou lavar louça e arrumar meu quarto.

NAMORADA EVANGÉLICA: — Ah, uau. Como assim?

NAMORADO EVANGÉLICO: — Eu senti no coração.

NAMORADA EVANGÉLICA: — Ah, viu como orar é bom?

NAMORADO EVANGÉLICO: — E você, vai ficar aqui, ou você vai pro salão? Ou você não sentiu no coração?

NAMORADA EVANGÉLICA: — Eu até senti no coração, sabe? Mas como na Bíblia fala que o coração é enganoso, não vou.

2ª PARTE

NAMORADO EVANGÉLICO: — Coloca no coração dela, ó Pai, que calça *legging* na frente dos amigos não é de Deus não.

NAMORADA EVANGÉLICA: — Amém.

NAMORADO EVANGÉLICO: — Sem cobrir ainda, principalmente sem cobrir, não te agrada mesmo, ó Pai. É do inimigo, do inimigo purinho.

NAMORADA EVANGÉLICA: — Coloca nele, Senhor, uma vontade de escovar os dentes, porque sentir esse cheiro de sepulcro não é legal, dá ânsia.

NAMORADO EVANGÉLICO: — Amém.

NAMORADO EVANGÉLICO: — Meu Deus, coloca uma vontade enorme nela, ó Pai, de cortar as unhas do pé, meu Deus, não só pintar não, mas cortar também, tá muito grande, meu Deus, tá esquisito, tá parecendo fábrica de paleta de guitarra, meu Pai, e o Senhor não se agrada disso, não se agrada.

APÊNDICE B

TABELA 1 – ANÁLISE DAS SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO FICCIONAIS DOS ESQUETES E AS MODALIDADES ENUNCIATIVAS:

Esquete: “Cantadas de Salomão”	Identidade das pers. em cena	Visada	Propósito	Condições materiais de produção e de recepção	Enunciados que carregam um efeito de humor e as modalidades enunciativas:	Imagínarios sociodiscursivos
1)	Jovem evangélico/ moça evangélica	Fazer sentir	Estética	Diálogo no pátio de uma igreja	Modo Delocutivo: discurso relatado: “ <i>Eu vi que você tem olho de pomba</i> ” sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Declaração Afirmação e pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável.	Ignorância bíblica atribuída aos jovens das igrejas e o imaginário de que as jovens evangélicas são feias
2)	Jovem evangélico/ moça evangélica	Fazer sentir	Estética	Diálogo no pátio de uma igreja	Modo Delocutivo: discurso relatado: “ <i>É, cê tem... cê tem um olhinho de pomba assim e... e cê tem perna de gazela também, viu?</i> ” sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Confirmação e pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável.	Ignorância bíblica atribuída aos jovens das igrejas e o imaginário de que as jovens evangélicas são feias
3)	Jovem evangélico/ moça evangélica	Fazer sentir	Estética	Diálogo no pátio de uma igreja	Modo Delocutivo: discurso relatado: “ <i>É... queria falar também que o seu cabelo parece um rebanho de cabra</i> ” sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Declaração Afirmação e pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável.	Ignorância bíblica atribuída aos jovens das igrejas e o imaginário de que as jovens evangélicas são feias
4)	Jovem evangélico /moça evangélica	Fazer sentir	Estética	Diálogo no pátio de uma igreja	Modo Delocutivo: discurso relatado: “ <i>Teu umbigo... teu umbigo parece uma taça de vinho que nunca acaba. Seus seios... parece dois cacho de uva</i> ”(sic) sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Declaração Afirmação e pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável.	Ignorância bíblica atribuída aos jovens das igrejas e o imaginário de que as jovens evangélicas são feias
5)	Jovem evangélico/ moça evangélica	Fazer sentir	Estética	Diálogo no pátio de uma igreja	Modo Delocutivo: discurso relatado: “ <i>É... eu tava olhando você e... você pra mim é igual uma das éguas da carruagem de Faraó. E os seus seios são igual a dois filhote de gazela. Filhote gêmeo de gazela</i> ” (sic) sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Declaração Afirmação e pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável.	Ignorância bíblica atribuída aos jovens das igrejas e o imaginário de que as jovens evangélicas são feias
6)	Jovem evangélico/ pastor	Incitação (fazer crer)	Ignorância	Diálogo no banco do pátio de uma igreja	Modo Elocutivo: Discordância: “ <i>Não, mas não é ofensa. É elogio. Tá tudo na Bíblia. É cantares de Salomão</i> ”.	Ignorância bíblica atribuída aos jovens das igrejas
7)	Jovem evangélico/ pastor	Incitação (fazer crer)	Galinhagem	Diálogo no banco do pátio de uma igreja	Modo Delocutivo: Confirmação em: “ <i>É... a cantada é ruim, mas Salomão conseguiu mil mulheres, né? Ham</i> ”; Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável em: “ <i>As minhas eu não consigo nenhuma. Quis fazer igual</i> ”.	Status de mulherengos atribuído a muitos jovens evangélicos
8)	Pastor/ jovem evangélico	Demonstração	Ignorância	Diálogo no banco do pátio de uma igreja	Modo Delocutivo: Opinião Convicção: “ <i>...mas Salomão, na época, rei, se ele falasse pra uma mulher que ela tinha perna de jaca ela ia achar lindo, mas hoje em dia não dá, né</i> ”.	Ignorância bíblica atribuída aos jovens das igrejas
9)	Jovem evangélico/ Pastor	Fazer sentir	Elogio	Diálogo no banco do pátio de uma igreja	Modo Delocutivo: discurso relatado: “ <i>Nossa, pastor, cê é tão bondoso, tão sábio, sábio igual uma gazela, um</i> ”	Ignorância bíblica atribuída aos jovens

					veado novo” sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Declaração Afirmação e pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável.	das igrejas e desdém à homossexualidade
Esquete: “Profetada”	=	=	=	=	=	=
10)	Jovem evangélico/ profetisa	Solicitação	Galinhagem	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Alocutivo: Interrogação: “Mas qual menina?”	Status de mulherengos atribuído a muitos jovens evangélicos e descrédito a certos (as) profetas mentirosos no meio evangélico
11)	Jovem evangélico/ profetisa	Solicitação	Galinhagem	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Elocutivo: Ignorância (mascarada): “Ué...”	Status de mulherengos atribuído a muitos jovens evangélicos e descrédito a certos (as) profetas mentirosos no meio evangélico
12)	Jovem evangélico/ profetisa	Solicitação	Engano	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Alocutivo: Interrogação: “Mas Deus falou como ela é?”	Descrédito a certos (as) profetas mentirosos no meio evangélico
13)	Jovem evangélico/ profetisa	Informação (fazer saber)	Engano	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “É só pra confirmar mesmo, pra ver se não é espírito de engano, né”.	Descrédito a certos (as) profetas mentirosos no meio evangélico
14)	Jovem evangélico/ profetisa	Informação (fazer saber)	Relacionamento	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Elocutivo: Declaração Confissão: “Com a Paula? Muito tempo já. Por isso que dói. Tem umas três semanas já que eu falava com ela”.	Status de mulherengos atribuído a muitos jovens evangélicos
15)	Jovem evangélico/ profetisa	Informação (fazer saber)	Galinhagem	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável em: “Nossa, meu. Perdi duas meninas em o que... em dois minutos?”; Modo Alocutivo: Julgamento Negativo em: “Se eu continuar te ouvindo eu vou perder um monte”.	Status de mulherengos atribuído a muitos jovens evangélicos
16)	Jovem evangélico/ Profetisa	Informação (fazer saber)	Galinhagem	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “Ah, já... já falou pra eu parar de falar com a Paulinha, com a Tefi. Daqui a pouco vai falar que Deus não quer que eu fale mais também com a Michele, com a Renata, com a Aline, com a Vanessa”.	Status de mulherengos atribuído a muitos jovens evangélicos
17)	Jovem evangélico/ Profetisa	Solicitação	Galinhagem	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Alocutivo: Interrogação: “Falo, ué. Mas Deus quer que eu pare de falar só com a Paulinha e com a Estéfane, né?”	Status de mulherengos atribuído a muitos jovens evangélicos
18)	Jovem evangélico/ Profetisa	Informação (fazer saber)	Galinhagem	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Alocutivo: Interrogação: “Carlinha, Priscila?”	Status de mulherengos atribuído a muitos jovens evangélicos
19)	Jovem evangélico/ Profetisa	Fazer sentir	Galinhagem	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “Sangue de Jesus tem poder. Você tem pombagira ou o quê? Abrigo de mulher refugiada? Você tem mais mulher do que banheiro feminino em congresso da Assembleia de Deus”.	Status de mulherengos atribuído a muitos jovens evangélicos
20)	Jovem evangélico/ Profetisa	Fazer sentir	Estética/Engano	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “A Paloma... Paloma? Sua Filha?!”	Desprezo atribuído a mulheres feias e descrédito a certos (as)

						profetas mentirosos no meio evangélico
21)	Jovem evangélico/ Profetisa	Fazer sentir	Estética/Engano	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “A... a Pa- Paloma, sua filha?! Deus falou?”	Desprezo atribuído a mulheres feias e descrédito a certos (as) profetas mentirosos no meio evangélico
22)	Jovem evangélico/ Profetisa	Fazer sentir	Estética/Engano	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo em: “A Paloma?! Aquilo lá?! Ah, não foi Deus que falou não. Foi Satanás que falou pra você! O diabo deve ter chegado no seu ouvido e falou: fala pra ele isso, porque não é Deus não! Deus... E eu achando que você era uma mulher de Deus. É uma mulher do cão pra falar isso daí pra mim”; Modo Delocutivo: Apreciação Desfavorável em: “Paloma?! Bichinha feia da preula! Pelo amor de Deus. Aquilo lá é o cão purinho. Tá amarrado e repreendido agora, em nome de Jesus. Cai por terra agora!” sobremodalizado pelo Modo Delocutivo: discurso relatado.	Desprezo atribuído a mulheres feias e descrédito a certos (as) profetas mentirosos no meio evangélico
23)	Jovem evangélico/ Profetisa	Informação (fazer saber)	Engano	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “Eu tô normal. Falar a verdade pra você, num mudou nada pra mim. Eu tô... tô normal, tô igualzinho”.	Descrédito a certos (as) profetas mentirosos no meio evangélico
24)	Mãe do jovem evangélico/ Profetisa	Fazer sentir	Estética/Engano	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “A... a Paloma?”	Desprezo atribuído a mulheres feias e descrédito a certos (as) profetas mentirosos no meio evangélico
25)	Mãe do jovem evangélico/ Profetisa	Fazer sentir	Estética/Engano	Diálogo na casa do jovem evangélico	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “A Paloma sua filha?!”	Desprezo atribuído a mulheres feias e descrédito a certos (as) profetas mentirosos no meio evangélico
Esquete: “Crente namorando gente do mundo”	=	=	=	=	=	=
26)	Cláudio (jovem evangélico) /Amigo do Cláudio (jovem evangélico)	Fazer sentir	Ateísmo	Diálogo entre amigos	Modo Delocutivo: discurso relatado: “...ela fala: Cê tá louco? Ensinando isso pro moleque, Deus não existe”.	Ideia de que os ateus não são confiáveis e são má influência
27)	Cláudio (jovem evangélico) /Amigo do Cláudio (jovem evangélico)	Informação (fazer saber)	Galinhagem	Diálogo entre amigos	Modo Elocutivo: Declaração Confissão: “Essa foi a... terceira.” / “Ah, não... não. Foi a quarta.”.	Status de mulherengos atribuído a muitos jovens evangélicos
28)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico) /Cláudio	Fazer sentir	Galinhagem	Diálogo entre amigos	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “Ah, cê é o tipo missionário safado, então, né. Dá uns pegas, tenta ganhar pra Jesus. Que legal, né? Onde tá isso na Bíblia?”	Status de mulherengos atribuído a muitos jovens evangélicos

	(jovem evangélico)					
29)	Cláudio (jovem evangélico) /Amigo do Cláudio (jovem evangélico)	Incitação (fazer crer)	Estética	Diálogo entre amigos	Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável: <i>“Mas também, as meninas da igreja são tudo feia”</i> .	Imaginário de que as jovens evangélicas são feias
30)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico) /Cláudio (jovem evangélico)	Incitação (fazer crer)	Estética	Diálogo entre amigos	Modo Elocutivo: Afirmação Confirmação: <i>“Primeiro... é. Segundo, beleza não é tudo e... cê também nem é lá essas coisas. E tem menina bonita na igreja sim. Não muitas, mas... tem. Se você procurar bem, cê acha. Uma, outra...”</i>	Imaginário de que as jovens evangélicas são feias
31)	Cláudio (jovem evangélico) /Amigo do Cláudio (jovem evangélico)	Incitação (fazer crer)	Regras religiosas	Diálogo entre amigos	Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável: <i>“Adventista? Eles nem podem dar rolê dia de sábado, nem come bacon”</i> .	Imaginário relacionado à crença de que os adventistas não são crentes/evangélicos de verdade
32)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico) /Cláudio (jovem evangélico)	Prescrição (fazer fazer)	Regras religiosas	Diálogo entre amigos	Modo Alocutivo: Injunção: <i>“Ah, então já sai fora que também é jugo desigual”</i> .	Imaginário relacionado à crença de que os adventistas não são crentes/evangélicos de verdade
33)	Cláudio (jovem evangélico) /Amigo do Cláudio (jovem evangélico)	Informação (fazer saber)	Tatuagem	Diálogo entre amigos	Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável: <i>“Só não gosto daquelas tatuagens de caveira, sabe? Caveira assim, oxê. Parece coisa do capeta, num gosto não”</i> .	Imaginário de que as tatuagens de caveira são oprimidas
34)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico) /Cláudio (jovem evangélico)	Prescrição (fazer fazer)	Galinagem	Diálogo entre amigos	Modo Alocutivo: Injunção: <i>“Então segura o cajado e espera”</i> .	Status de mulherengos atribuído a muitos jovens evangélicos
35)	Cláudio (jovem evangélico) /Moça católica	Incitação (fazer crer)	Bagunça	Diálogo no corredor	Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável em: <i>“Na Assembleia de Deus. Mas a minha é bem tranquila. Tipo a igreja católica, quase num grita”</i> ; Modo Alocutivo: Sugestão em: <i>“e... qualquer coisa a gente ora antes, pra você não manifestar, sabe?”</i>	Imaginário de que os assembleianos gritam muito e de que há muitas manifestações demoníacas nas igrejas assembleianas
36)	Cláudio (jovem evangélico) /Amigo do Cláudio (jovem evangélico)	Informação (fazer saber)	Condenação	Ligação de celular entre amigos	Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável: <i>“Ela topou ir na igreja e tudo. Uma irmã profetizou pra ela no culto, cê acredita? Falou que se ela não mudasse de vida, não mudasse o jeito dela, ela ia pro inferno, aí ela num gostou. Não, eu sei. Super natural o que a irmã falou. Verdade, né?”</i>	Imaginário de que os católicos vivem uma vida ímpia e serão condenados
37)	Cláudio (jovem evangélico) /Amigo do	Informação (fazer saber)	Regras religiosas	Ligação de celular entre amigos	Modo Elocutivo: Constatação: <i>“A menina tem cabelo comprido, certeza que ela é da Congregação Cristã do Brasil. Certeza”</i> .	Rigidez atribuída a Congregação Cristã no Brasil em relação às regras religiosas

	Cláudio (jovem evangélico)					
Esquete: “Pastor Tentado”	=	=	=	=	=	=
38)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Solicitação	Tentação	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Elocutivo: Aceitação em: “ <i>Uhum, tamo (sic) aqui para isso</i> ”; Modo Alocutivo: Interrogação em: “ <i>Que que você, que que você precisa?</i> ”	Indecência atribuída a muitas mulheres/jovens
39)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Solicitação	Tentação	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “ <i>Hum</i> ”.	Indecência atribuída a muitas mulheres/jovens
40)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Fazer sentir	Tentação	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “ <i>Uhum, misericórdia</i> ”.	Indecência atribuída a muitas mulheres/jovens
41)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Fazer sentir	Tentação	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “ <i>é...</i> ”	Indecência atribuída a muitas mulheres/jovens
42)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Informação (fazer saber)	Estética	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável: “ <i>É a Raquel se cuidava bastante, a Raquel ela dançava, mas depois do Mateus, do Marcos, do Lucas e do João ela... Quem não engorda trinta quilos, né? Normal... Tá parecendo um boi, mas...</i> ”	Desprezo por mulheres/esposas gordas
43)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Solicitação	Tentação	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Alocutivo: Interrogação: “ <i>Ai ai. Eu conheço?</i> ” sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Ignorância (mascarado).	Indecência atribuída a muitas mulheres/jovens
44)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Fazer sentir	Tentação	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “ <i>Misericórdia!</i> ”	Indecência atribuída a muitas mulheres/jovens
45)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Incitação (fazer crer)	Tentação	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Alocutivo: Petição “ <i>Priscila, é melhor você parar, Priscila. É melhor você parar</i> ”.	Indecência atribuída a muitas mulheres/jovens e imoralidade atribuída a líderes evangélicos
46)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Informação (fazer saber)	Tentação	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Alocutivo: Injunção em: “ <i>Priscila, para</i> ”; Modo Delocutivo: discurso relatado em: “ <i>ele é casado. Ele é cas-, muito bem casado. Homem de família, a esposa ama, casado!</i> ”	Indecência atribuída a muitas mulheres/jovens
47)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Incitação (fazer crer)	Tentação	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Alocutivo: Injunção em: “ <i>Cala a boca, Satanás!</i> ”; Modo Elocutivo: Recusa em: “ <i>Eu não vou trair a minha esposa, eu não vou cair na sua lábia</i> ”.	Indecência atribuída a muitas mulheres/jovens
48)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Fazer sentir	Surpresa	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “ <i>O pastor Rubens?!</i> ”	Imoralidade atribuída a líderes evangélicos
49)	Pastor/	Fazer sentir	Surpresa	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “ <i>O pastor Rubens?!</i> ”	Imoralidade atribuída a líderes evangélicos

	Priscila (membra da igreja)					
50)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Demonstração	Qualidades	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Elocutivo: Possibilidade “Mas... Mas eu também prego bem, eu também sou sábio”.	Imoralidade atribuída a líderes evangélicos
51)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Solicitação	Qualidades	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Alocutivo: Interrogação: “Diferente como? Diferente... O que que ele tem que eu não tenho?”	Imoralidade atribuída a líderes evangélicos
52)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Demonstração	Indignação	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Elocutivo: Opinião Convicção: “Mas, mas palavra é coisa séria! Não tem que fazer piada com a palavra não. Tem que fazer coisa séria!”	Imoralidade atribuída a líderes evangélicos
53)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Demonstração	Indignação	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Elocutivo: Opinião Convicção: “Camisa rosa! Misericórdia! Camisa rosa. Misericórdia!”	Imoralidade atribuída a muitos líderes evangélicos
54)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Demonstração	Indecência/ Estética	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “Isso é Satanás. Isso é Sata- Por quê? Você vem com um decotão desse, ó o decote que você vem aqui falar com o pastor. Um decote desse. Se eu fosse ginecologista faria exame ginecológico só pelo decote, só aqui ó, por cima. Já dá para ver tudo já. Ai você vem, fala que ta com problema em casa, não admira o marido, e vem lembrar ainda que minha esposa ta com o tamanho de um boi”.	Indecência atribuída a muitas mulheres/jovens e desprezo por mulheres gordas
55)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Informação (fazer saber)	Estética	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Elocutivo: Obrigação: “Vou falar pra ele começar a malhar comigo, vou falar para ele se cuidar, para ele cortar o cabelo todo mês e não a cada seis meses. Para ele cortar os pelos do nariz, que ta quase entrando na boca, pelo de nariz, aquela coisa horrerosa. Tem que ta bem apresentado para você”.	Desapreço por homens/jovens relaxados e imoralidade atribuída a líderes evangélicos
56)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Prescrição (fazer fazer)	Indecência	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Alocutivo: Injunção em: “se fecha! Você ta muito assim ó. Anda... Que isso?” sobremodalizado pelo Modo Alocutivo: Julgamento Negativo; Modo Alocutivo: Julgamento Negstivo: “Olha, mostrando tudo, dando amostra grátis para todo mundo. Você quer dar amostra grátis para... Não !”; Modo Alocutivo: Injunção: “Se dedica para o seu marido, dá o melhor para o seu marido. Se fecha, chega, tá muito AH!” sobremodalizado pelo Modo Alocutivo: Julgamento Negativo.	Indecência atribuída a muitas mulheres/jovens
57)	Pastor/ Priscila (membra da igreja)	Incitação (fazer crer)	Estética/ Indecência	Aconselhamento pastoral na sala do pastor	Modo Alocutivo: Interrogação em: “Onde você comprou essa blusa? Tem tamanho extra mega ulta GGG?”; Modo Alocutivo: Injunção em: “Por que, se tiver, quero que você vai lá agora e compra uma para a minha esposa “;	Indecência atribuída a muitas mulheres/jovens e desprezo por mulheres gordas

					Modo Elocutivo: Querer: <i>“Extra mega ulta GGG, para ela usar esse negócio também porque agora eu quero ver ela usando esse negócio. Mas, dentro de casa! Num é, né? Por quê? Pra mim. Dentro de casa eu quero ver ela usando esse negócio. Eu quero ver como é que vai ficar nela”</i> .	
58)	Pastor/ Fiéis da igreja	Informação (fazer saber)	Inveja	Culto na igreja	Modo Elocutivo: Constatação: <i>“O nosso pastor Rubens, o nosso querido pastor Rubens, está de malas prontas, tá de mudança, vai pro interior do Maranhão, é... pra fazer a obra de livre e espontânea vontade”</i> .	Imoralidade atribuída a líderes evangélicos
59)	Pastor Rubens/ Pastor	Informação (fazer saber)	Imposição	Culto na igreja	Modo Elocutivo: Discordância: <i>“Ó, pastor. De livre e espontânea também não, né”</i> .	Imoralidade atribuída a líderes evangélicos
60)	Pastor/ Fiéis da igreja	Demonstração	Inveja	Culto na igreja	Modo Elocutivo: Declaração Confirmação em: <i>“É... assim... Deus me deu uma revelação de que era pra ele ir pro interior do Maranhão fazer a obra. Eu falei pra ele, e ele, como um homem obediente, um homem fiel, temente a Deus falou”</i> ; Modo Delocutivo: discurso relatado em: <i>“não, então eu vou lá, de livre e espontânea vontade”</i> ; Modo Elocutivo: Afirmação em: <i>“Ele tem o jeito todo peculiar de dar a palavra, bem humorado, engraçado, e o povo do interior do Maranhão precisa disso”</i> ; Modo Elocutivo: Possibilidade em: <i>“É... antes de pregar, queria contar uma piada pra igreja. Piada muito boa que faz fazer bem pra todo mundo, pessoal gosta de piada hoje em dia na igreja”</i> .	Imoralidade atribuída a líderes evangélicos
Esquete: “Oração Indireta”	=	=	=	=	=	=
61)	Namorada evangélica/ Deus (ausente da cena)	Incitação (fazer crer)	Vagabundagem	Dois namorados orando na sala de uma casa	Modo Alocutivo: Petição: <i>“Mas também queria pedir: coloca nele, Senhor, uma vontade de trabalhar. Coloca na mente e no coração dele que o Senhor não se alegre vendo ele assim tão vagabundo sem fazer nada”</i> sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável.	Desapreço por homens/jovens preguiçosos
62)	Namorada evangélica/ Deus (ausente na cena)	Incitação (fazer crer)	Vagabundagem	Dois namorados orando na sala de uma casa	Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável em: <i>“Que é feio, Senhor, um homem desse tamanho, dessa idade, depender do dinheiro do papai e da mamãe pra se sustentar”</i> ; Modo Elocutivo: Querer em: <i>“Que ele possa trabalhar, meu Deus, pra pagar a comida dele, os presentes que ele me dá, porque o trabalho dignifica o homem”</i> sobremodalizado pelo Modo Delocutivo: discurso relatado.	Desapreço por homens/jovens preguiçosos
63)	Namorado evangélico/ Namorada evangélica	Informação (fazer saber)	Exigência	Dois namorados orando na sala de uma casa	Modo Elocutivo: Obrigação: <i>“Quero orar também”</i> .	Desgosto por mulheres/moças exigentes

64)	Namorado evangélico/ Deus (ausente na cena)	Incitação (fazer crer)	Vagabundagem	Dois namorados orando na sala de uma casa	Modo Alocutivo: Petição em: <i>“Mas eu quero te pedir perdão por ela, ó Pai, porque ela não sabe o que ela fala”</i> sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável; Modo Elocutivo: Declaração Afirmação: <i>“Ela não conhece a Bíblia quando fala que o Senhor trabalha enquanto a gente descansa. Então eu tô descansando enquanto o Senhor trabalha, em obediência à Bíblia”</i> sobremodalizado pelo Modo Delocutivo: discurso relatado.	Desgosto por mulheres/moças exigentes
65)	Namorado evangélico/ Deus (ausente na cena)	Incitação (fazer crer)	Estética	Dois namorados orando na sala de uma casa	Modo Delocutivo: discurso relatado em: <i>“Papai, ela sempre fala que o corpo é templo do Espírito Santo”</i> ; Modo Alocutivo: Petição em: <i>“Então coloca nela um desejo de cuidar melhor do templo, que ela possa fazer luzes e escova no telhado do templo de vez em quando. Que ela possa passar maquiagem na parede do templo. Que ela possa colocar umas roupinhas, uns acessórios mais daora pro templo ficar mais bonito, chamar mais atenção. E também coloca nela uma vontade de fazer academia, meu Deus, porque ela só come ultimamente e a ampliação do templo é coisa que eu não quero, acho que ninguém quer, meu Pai”</i> sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Querer.	Desprezo por mulheres descuidadas com a estética
66)	Namorado evangélico/ Namorada evangélica	Prescrição (fazer fazer)	Estética	Dois namorados orando na sala de uma casa	Modo Alocutivo: Sugestão: <i>“E você, vai ficar aqui, ou você vai pro salão? Ou você não sentiu no coração?”</i>	Desprezo por mulheres descuidadas com a estética
67)	Namorada evangélica/ Namorado evangélico	Informação (fazer saber)	Esperteza	Dois namorados orando na sala de uma casa	Modo Alocutivo: Recusa: <i>“Eu até senti no coração, sabe? Mas como na Bíblia fala que o coração é enganoso, não vou”</i> sobremodalizado pelo Modo Delocutivo: discurso relatado.	-
68)	Namorado evangélico/ Deus (ausente na cena)	Incitação (fazer crer)	Modéstia	Dois namorados orando na sala de uma casa	Modo Alocutivo: Petição: <i>“Coloca no coração dela, ó Pai, que calça legging na frente dos amigos não é de Deus não”</i> sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável.	Indecência atribuída ao uso de vestimentas inadequadas por mulheres/jovens comprometidas
69)	Namorada evangélica/ Namorado evangélico	Incitação (fazer crer)	Modéstia	Dois namorados orando na sala de uma casa	Modo Elocutivo: Concordância: <i>“Amém”</i> .	Indecência atribuída ao uso de vestimentas inadequadas por mulheres/jovens comprometidas
70)	Namorado evangélico/ Deus (ausente na cena)	Fazer sentir	Modéstia	Dois namorados orando na sala de uma casa	Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável: <i>“Sem cobrir ainda, principalmente sem cobrir, não te agrada mesmo, ó Pai. É do inimigo, do inimigo purinho”</i> .	Indecência atribuída ao uso de vestimentas inadequadas por mulheres/jovens comprometidas
71)	Namorada evangélica/ Deus (ausente na cena)	Incitação (fazer crer)	Descuido	Dois namorados orando na sala de uma casa	Modo Alocutivo: Petição: <i>“Coloca nele, Senhor, uma vontade de escovar os dentes, porque sentir esse cheiro de sepulcro não é legal, dá ânsia”</i> sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável.	Desapreço por homens/jovens relaxados

72)	Namorado evangélico/ Namorada evangélica	Incitação (fazer crer)	Descuido	Dois namorados orando na sala de uma casa	Modo Elocutivo: Concordância: "Amém".	Desapreço por homens/jovens relaxados
73)	Namorado evangélico/ Deus (ausente na cena)	Incitação (fazer crer)	Estética	Dois namorados orando na sala de uma casa	Modo Alocutivo: Petição: "Meu Deus, coloca uma vontade enorme nela, ó Pai, de cortar as unhas do pé, meu Deus, não só pintar não, mas cortar também, tá muito grande, Meu Deus, tá esquisito, tá parecendo fábrica de paleta de guitarra, meu Pai, e o Senhor não se agrada disso, não se agrada" sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável.	Desprezo por mulheres descuidadas com a estética

APÊNDICE C

32)					X							
33)					X							X
34)		X										
35)								X			X	X
36)					X						X	
37)				X								
Esquete: "Pastor Tentado"	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=
38)						X						
39)										X		
40)								X				
41)										X		
42)					X							X
43)										X		
44)								X				
45)				X		X						
46)	X					X						
47)					X							X
48)					X							
49)					X							
50)						X						
51)						X						
52)						X						
53)								X				
54)					X							X
55)						X						
56)					X							
57)					X							
58)											X	
59)							X					
60)											X	
Esquete: "Oração Indireta"	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=
61)					X							
62)					X							
63)											X	
64)								X				
65)											X	X
66)							X					
67)							X					X
68)					X							
69)						X						
70)					X							
71)					X							X
72)						X						
73)					X							X

TABELA 3 – ANÁLISE DAS TÉCNICAS RELACIONADAS AO HUMOR PRESENTES NOS ESQUETES SEGUNDO POSSENTI (1998)

Esquete: “Cantadas de Salomão”	Sintaxe	Léxico	Intertexto	Pressuposição	Inferência	Conhecimento prévio
1)		X	X			
2)		X	X			
3)		X	X			
4)		X	X			
5)		X	X			
6)				X		
7)	X			X		
8)		X		X		
9)		X	X			
Esquete: “Profetada”	=	=	=	=	=	=
10)				X		
11)					X	
12)					X	
13)		X				X
14)				X		
15)				X		
16)				X		
17)					X	
18)				X		
19)			X			X
20)					X	
21)					X	
22)		X	X			
23)					X	
24)					X	
25)					X	
Esquete: “Crente namorando gente do mundo”	=	=	=	=	=	=
26)			X			
27)				X		
28)		X		X		
29)				X		
30)				X		
31)				X		X
32)		X				X
33)		X				X

34)		X	X			
35)				X		X
36)					X	X
37)				X		X
Esquete: "Pastor Tentado"	=	=	=	=	=	=
38)					X	
39)					X	
40)					X	
41)					X	
42)		X		X		
43)					X	
44)					X	
45)					X	
46)	X				X	
47)		X	X			
48)					X	
49)					X	
50)					X	
51)			X		X	
52)					X	X
53)					X	X
54)		X		X		
55)				X		
56)	-	-	-	-	-	-
57)				X		
58)				X		
59)				X		
60)				X		
Esquete: "Oração Indireta"	=	=	=	=	=	=
61)		X				
62)		X	X			
63)					X	
64)			X			
65)			X			
66)				X		
67)			X			
68)	-	-	-	-	-	-
69)					X	
70)		X				
71)		X	X			
72)					X	
73)	-	-	-	-	-	-

APÊNDICE D

TABELA 4 – ANÁLISE DOS ATOS DE COMUNICAÇÃO HUMORÍSTICOS DAS CENAS FICCIONAIS DOS ESQUETES

Esquete: “Cantadas de Salomão”	EUE’	TUI’	Alvo(s)	Categoria do procedimento discursivo	Incoerência	Efeito de sentido em relação ao destinatário	Efeito de sentido em relação ao alvo
1)	Jovem evangélico	Moça evangélica (vítima)	Moça evangélica	Paródia	Insólita	Lúdico/ Derrisão	Derrisão
2)	Jovem evangélico	Moça evangélica (vítima)	Moça evangélica	Paródia	Insólita	Lúdico/ Derrisão	Derrisão
3)	Jovem evangélico	Moça evangélica (vítima)	Moça evangélica	Paródia	Insólita	Lúdico/ Derrisão	Derrisão
4)	Jovem evangélico	Moça evangélica (vítima)	Moça evangélica	Paródia	Insólita	Lúdico/ Derrisão	Derrisão
5)	Jovem evangélico	Moça evangélica (vítima)	Moça evangélica	Paródia	Insólita	Lúdico/ Derrisão	Derrisão
6)	Jovem evangélico	Pastor (cúmplice)	Cantadas mal feitas do jovem	Gracejo	Paradoxal	Lúdico	Lúdico
7)	Jovem evangélico	Pastor (cúmplice)	Jovem evangélico	Autoironia	Paradoxal	Lúdico	Crítico
8)	Pastor	Jovem evangélico	Cantadas mal feitas do jovem	Gracejo	Paradoxal	Lúdico	Lúdico
9)	Jovem evangélico	Pastor (vítima)	Pastor	Paródia	Insólita	Lúdico/ Derrisão	Derrisão
Esquete: “Profetada”	=	=	=	=	=	=	=
10)	Jovem evangélico	Profetisa	Profecia	Gracejo	Paradoxal	Crítico	Crítico
11)	Jovem evangélico	Profetisa	Profecia	Gracejo	Paradoxal	Crítico	Crítico
12)	Jovem evangélico	Profetisa	Profecia	Gracejo	Paradoxal	Crítico	Crítico
13)	Jovem evangélico	Profetisa (vítima)	Profetisa	Sarcasmo	Paradoxal	Crítico	Crítico
14)	Jovem evangélico	Profetisa (cúmplice)	Jovem evangélico	Autoironia	Paradoxal	Lúdico	Crítico
15)	Jovem evangélico	Profetisa	Profecia	Sarcasmo	Paradoxal	Lúdico	Derrisão
16)	Jovem evangélico	Profetisa	Profecia	Sarcasmo	Paradoxal	Lúdico	Derrisão
17)	Jovem evangélico	Profetisa	Profecia	Gracejo	Paradoxal	Lúdico	Derrisão
18)	Jovem evangélico	Profetisa	Profecia	Gracejo	Paradoxal	Lúdico	Derrisão

19)	Profetisa	Jovem evangélico (vítima)	Jovem evangélico	Sarcasmo	Insólita	Derrisão	Derrisão
20)	Jovem evangélico	Profetisa	Profecia /filha	Ironia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
21)	Jovem evangélico	Profetisa	Profecia/filha	Ironia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
22)	Jovem evangélico	Profetisa (vítima)	Profetisa/filha	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
23)	Jovem evangélico	Profetisa (vítima)	Profetisa	Ironia	Paradoxal	Crítico	Crítico
24)	Mãe do jovem evangélico	Profetisa	Profecia/filha	Ironia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
25)	Mãe do jovem evangélico	Profetisa	Profecia/filha	Ironia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
Esquete: “Crete namorando gente do mundo”	=	=	=	=	=	=	=
26)	Cláudio (jovem evangélico)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico) / (cúmplice)	Ex-namorada atea do jovem evangélico	Paródia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
27)	Cláudio (jovem evangélico)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico) / (cúmplice)	Cláudio (jovem evangélico)	Autoironia	Paradoxal	Lúdico	Derrisão
28)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico)	Cláudio (jovem evangélico) / (vítima)	Cláudio (jovem evangélico)	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
29)	Cláudio (jovem evangélico)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico) / (cúmplice)	Jovens/moças das igrejas evangélicas	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
30)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico)	Cláudio (jovem evangélico) / (cúmplice)	Jovens/moças das igrejas evangélicas	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
31)	Cláudio (jovem evangélico)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico) / (cúmplice)	Adventistas	Gracejo	Paradoxal	Crítico	Crítico
32)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico)	Cláudio (jovem evangélico)	Adventistas	Sarcasmo	Paradoxal	Crítico	Crítico

		/ (cúmplice)					
33)	Cláudio (jovem evangélico)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico) / (cúmplice)	Tatuagens de caveira	Sarcasmo	Paradoxal	Cínico	Cínico
34)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico)	Cláudio (jovem evangélico) / (vítima)	Cláudio (jovem evangélico)	Gracejo	Insólita	Lúdico/ Derrisão	Derrisão
35)	Cláudio (jovem evangélico)	Moça católica (cúmplice)	Assembleias de Deus e assembleianos	Ironia	Paradoxal	Crítico	Crítico
36)	Cláudio (jovem evangélico)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico) / (cúmplice)	Moça católica	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
37)	Cláudio (jovem evangélico)	Amigo do Cláudio (jovem evangélico) / (cúmplice)	Congregação Cristã no Brasil	Gracejo	Paradoxal	Crítico	Crítico
Esquete: “Pastor Tentado”	=	=	=	=	=	=	=
38)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (vítima)	Priscila (membra da igreja)	Ironia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
39)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (vítima)	Priscila (membra da igreja)	Ironia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
40)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (vítima)	Priscila (membra da igreja)	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
41)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (vítima)	Priscila (membra da igreja)	Ironia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
42)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (cúmplice)	Raquel, mulher do pastor	Sarcasmo	Insólita	Derrisão	Derrisão
43)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (vítima)	Priscila (membra da igreja)	Ironia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
44)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (vítima)	Priscila (membra da igreja)	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão

45)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (vítima)	Priscila (membra da igreja)	Ironia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
46)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (vítima)	Priscila (membra da igreja)	Ironia	Insólita	Derrisão	Derrisão
47)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (vítima)	Priscila (membra da igreja)	Sarcasmo	Insólita	Derrisão	Derrisão
48)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (cúmplice)	Pastor Rubens	Ironia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
49)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (cúmplice)	Pastor Rubens	Ironia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
50)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (cúmplice)	Pastor Rubens	Gracejo	Paradoxal	Lúdico	Derrisão
51)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (cúmplice)	Pastor Rubens	Gracejo	Paradoxal	Lúdico	Derrisão
52)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (cúmplice)	Pastor Rubens	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
53)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (cúmplice)	Pastor Rubens	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
54)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (vítima)	Priscila (membra da igreja)/ Raquel, mulher do pastor	Sarcasmo	Insólita	Derrisão	Derrisão
55)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (cúmplice)	Marido da Priscila	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
56)	Pastor	Priscila (membra da igreja) (vítima)	Priscila (membra da igreja)	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
57)	Pastor	Priscila (membra da igreja)	Priscila (membra da igreja)/ Raquel, mulher do pastor	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
58)	Pastor	Fiéis da igreja (cúmplices)	Pastor Rubens	Ironia	Paradoxal	Lúdico	Derrisão

59)	Pastor Rubens	Pastor (vítima)	Pastor	Sarcasmo	Paradoxal	Crítico	Crítico
60)	Pastor	Fiéis da igreja (cúmplices)	Pastor Rubens	Ironia	Paradoxal	Lúdico	Derrisão
Esquete: “Oração Indireta”	=	=	=	=	=	=	=
61)	Namorada evangélica	Deus (ausente na cena) (cúmplice)	Namorado evangélico	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
62)	Namorada evangélica	Deus (ausente na cena) (cúmplice)	Namorado evangélico	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
63)	Namorado evangélico	Namorada evangélica (vítima)	Namorada evangélica	Ironia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
64)	Namorado evangélico	Deus (ausente na cena) (cúmplice)	Namorada evangélica	Ironia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
65)	Namorado evangélico	Deus (ausente na cena) (cúmplice)	Namorada evangélica	Ironia	Insólita	Derrisão	Derrisão
66)	Namorado evangélico	Namorada evangélica (vítima)	Namorada evangélica	Ironia	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
67)	Namorada evangélica	Namorado evangélico (vítima)	Lógica	Gracejo	Paradoxal	Lúdico	Lúdico
68)	Namorado evangélico	Deus (ausente na cena) (cúmplice)	Namorada evangélica	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
69)	Namorada evangélica	Namorado evangélico	Namorada evangélica	Autoironia	Paradoxal	Lúdico	Derrisão
70)	Namorado evangélico	Deus (ausente na cena) (cúmplice)	Namorada evangélica	Sarcasmo	Paradoxal	Derrisão	Derrisão
71)	Namorada evangélica	Deus (ausente na cena) (cúmplice)	Namorado evangélico	Sarcasmo	Insólita	Derrisão	Derrisão
72)	Namorado evangélico	Namorada evangélica	Namorado evangélico	Autoironia	Paradoxal	Lúdico	Derrisão
73)	Namorado evangélico	Deus (ausente na cena) (cúmplice)	Namorada evangélica	Sarcasmo	Insólita	Derrisão	Derrisão

APÊNDICE E

TABELA 5 – ANÁLISE DO HUMOR NO PLANO NÃO FICCIONAL DOS ESQUETES

Esquete: “Cantadas de Salomão”	Natureza dos alvos	Efeito possível (convivência dos espectadores empíricos)	Marcas discursivas e marcas linguísticas
1)	Os jovens evangélicos ignorantes de conhecimento bíblico e as jovens das igrejas evangélicas	Lúdica/Derrisão	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável quando a personagem chora e mostra que não entendeu a pseudocantada; Modo Delocutivo: discurso relatado na fala do “jovem evangélico” que, além de mostrar sua falta de domínio bíblico, revela também que ele chamou a personagem de feia por conta da cantada descontextualizada, evocando o imaginário de que as meninas das igrejas evangélicas são feias.
2)	Os jovens evangélicos ignorantes de conhecimento bíblico e as jovens das igrejas evangélicas	Lúdica/Derrisão	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável quando a personagem chora e mostra que não entendeu a pseudocantada; Modo Delocutivo: discurso relatado na fala do “jovem evangélico” que, além de mostrar sua falta de domínio bíblico, revela também que ele chamou a personagem de feia por conta da cantada descontextualizada, evocando o imaginário de que as meninas das igrejas evangélicas são feias.
3)	Os jovens evangélicos ignorantes de conhecimento bíblico e as jovens das igrejas evangélicas	Lúdica/Derrisão	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável quando a personagem diz: “brigada, eu acho” e mostra que não entendeu a pseudocantada; Modo Delocutivo: discurso relatado na fala do “jovem evangélico” que, além de mostrar sua falta de domínio bíblico, revela também que ele chamou a personagem de feia por conta da cantada descontextualizada, evocando o imaginário de que as meninas das igrejas evangélicas são feias.
4)	Os jovens evangélicos ignorantes de conhecimento bíblico e as jovens das igrejas evangélicas	Lúdica/Derrisão	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável quando a personagem diz: “misericórdia” e mostra que não entendeu a pseudocantada; Modo Delocutivo: discurso relatado na fala do “jovem evangélico” que, além de mostrar sua falta de domínio bíblico, revela também que ele chamou a personagem de feia por conta da cantada descontextualizada, evocando o imaginário de que as meninas das igrejas evangélicas são feias.
5)	Os jovens evangélicos ignorantes de conhecimento bíblico e as jovens das igrejas evangélicas	Lúdica/Derrisão	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável quando a personagem diz: “Aff” e mostra que não entendeu a pseudocantada; Modo Delocutivo: discurso relatado na fala do “jovem evangélico” que, além de mostrar sua falta de domínio bíblico, revela também que ele chamou a personagem de feia por conta da cantada descontextualizada, evocando o imaginário de que as meninas das igrejas evangélicas são feias.
6)	Os jovens evangélicos ignorantes de conhecimento bíblico	Lúdica	Por meio da técnica “pressuposição” pode-se afirmar que o argumento da personagem revela certa ignorância a respeito da Bíblia.
7)	Jovens evangélicos mulherengos	Crítica	A afirmação da personagem “jovem evangélico” em: “ <i>quis fazer igual</i> ” remete ao enunciado “ <i>mas Salomão conseguiu mil mulheres, né</i> ” dando a entender (em um dos sentidos) que a personagem também queria muitas mulheres.
8)	Os jovens evangélicos ignorantes de conhecimento bíblico	Lúdica	Sobremodalização pelo Modo Alocutivo: Julgamento Negativo: “ <i>...mas Salomão, na época, rei, se ele falasse pra uma mulher que ela tinha perna de jaca ela ia achar lindo, mas hoje em dia não dá, né</i> ”.
9)	Os jovens evangélicos ignorantes de	Lúdica/Derrisão	Modo Delocutivo: discurso relatado na fala do “jovem evangélico” mostra sua falta de domínio bíblico por conta da cantada descontextualizada;

	conhecimento bíblico e a homossexualidade		O fato de as expressões “gazela” e “veado novo” serem usadas de forma pejorativa por meio do “intertexto”.
Esquete: “Profetada”	=	=	=
10)	Pseudoprocias e jovens mulherengos	Crítica	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Discordância em: “ <i>mas qual menina?</i> ”, que desestabiliza a profecia dirigida à personagem “jovem evangélico”; O pronome interrogativo “ <i>qual</i> ” revela uma jovem dentre outras.
11)	Pseudoprocias e jovens mulherengos	Crítica	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Discordância em: “ <i>ué...</i> ”, que desestabiliza a profecia dirigida à personagem “jovem evangélico”; Por meio da técnica “representação por algo mínimo” pode-se perceber que a personagem quer dizer: “ué, mas qual delas?”.
12)	Pseudoprocias	Crítica	Sobremodalização pelo Modo Alocutivo: Julgamento Negativo em: “ <i>Mas Deus falou como ela é?</i> ” indicando que a personagem “jovem evangélico” duvida da profecia proferida.
13)	Pseudoprocias	Crítica	Modo Alocutivo: Julgamento negativo em: “ <i>é só pra confirmar mesmo pra ver se não é espírito de engano</i> ”; A expressão “ <i>pra ver se não é espírito de engano</i> ” indica a desconfiança em relação a profecias mal intencionadas.
14)	Jovens evangélicos mulherengos	Crítica	Há uma contradição entre os enunciados “ <i>muito tempo já</i> ” e “ <i>tem umas três semanas já que eu falava com ela</i> ” evidenciada pela técnica “exageração”.
15)	Jovens evangélicos mulherengos	Crítica	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Declaração Confissão em: “ <i>eu vou perder um monte</i> ”.
16)	Jovens evangélicos mulherengos	Crítica	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Declaração Confissão em: “ <i>Daqui a pouco vai falar que Deus não quer que eu fale mais também com a Michele, com a Renata, com a Aline, com a Vanessa</i> ”.
17)	Jovens evangélicos mulherengos	Crítica	Modo Alocutivo: Interrogação em: “ <i>Mas Deus quer que eu pare de falar só com a Paulinha e com a Estéfane, né?</i> ”
18)	Jovens evangélicos mulherengos	Crítica	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Declaração Confissão em: “ <i>Carlinha, Priscila?!</i> ”
19)	Jovens evangélicos mulherengos	Crítica	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo por meio da técnica “réplica direta” em: “ <i>Sangue de Jesus tem poder. Você tem pombagira ou o quê? Abrigo de mulher refugiada? Você tem mais mulher do que banheiro feminino em congresso da Assembleia de Deus</i> ”.
20)	Mulheres feias e pseudoprocias	Derrisão/Crítica	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo em: “ <i>a Paloma... Paloma? Sua filha?!</i> ” por meio da técnica “réplica direta”. Considerando o contexto, pode-se perceber que o jovem evangélico expressa a sua indignação em relação à sugestão da profetisa, a saber: ter que se casar com uma jovem/mulher feia; Sobremodalização do Modo Alocutivo Julgamento Negativo pelo Modo Elocutivo: Discordância.
21)	Mulheres feias e pseudoprocias	Derrisão/Crítica	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo em: “ <i>a... a Pa- Paloma? Sua filha?! Deus falou?!</i> ” por meio da técnica “réplica direta”. Considerando o contexto, pode-se perceber que o jovem evangélico expressa a sua indignação em relação à sugestão da profetisa, a saber: ter que se casar com uma jovem/mulher feia; Sobremodalização do Modo Alocutivo Julgamento Negativo pelo Modo Elocutivo: Discordância.
22)	Mulheres feias e pseudoprocias	Derrisão/Crítica	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo em: “ <i>A Paloma?! Aquilo lá?! Ah, não foi Deus que falou não. Foi Satanás que falou pra você! O diabo deve ter chegado no seu ouvido e falou: fala pra ele isso, porque não é</i>

			<p><i>Deus não! Deus... E eu achando que você era uma mulher de Deus. É uma mulher do cão pra falar isso daí pra mim”;</i></p> <p>Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável em: <i>Paloma?! Bichinha feia da preula! Pelo amor de Deus. Aquilo lá é o cão purinho. Tá amarrado e repreendido agora, em nome de Jesus. Cai por terra agora!”;</i></p> <p>A presença da técnica “réplica direta”, bem como as qualificações: “foi Satanás que falou isso pra você”, “aquilo lá é o cão purinho”, “bichinha feia da preula” etc.</p>
23)	Pseudopropetas	Crítica	<p>Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Discordância em: “<i>Eu tô normal. Falar a verdade pra você, num mudou nada pra mim. Eu tô... tô normal, tô igualzinho”;</i></p> <p>As expressões “<i>eu tô normal</i>”, “<i>num mudou nada pra mim</i>” e “<i>tô igualzinho</i>” sugerem que a profecia da profetisa não fez efeito.</p>
24)	Mulheres feias e pseudopropetas	Derrisão/Crítica	<p>Modo Alocutivo: Julgamento Negativo em: “<i>A... a Paloma?</i>” por meio da técnica “réplica direta”. Considerando o contexto, pode-se perceber que a mãe da personagem “jovem evangélico” expressa a sua indignação em relação à sugestão da profetisa, a saber: o filho dela ter que se casar com uma jovem/mulher feia;</p> <p>Sobremodalização do Modo Alocutivo Julgamento Negativo pelo Modo Elocutivo: Discordância.</p>
25)	Mulheres feias e pseudopropetas	Derrisão/Crítica	<p>Modo Alocutivo: Julgamento Negativo em: “<i>a Paloma sua filha?!</i>” por meio da técnica “réplica direta”. Considerando o contexto, pode-se perceber que a mãe da personagem “jovem evangélico” expressa a sua indignação em relação à sugestão da profetisa, a saber: o filho dela ter que se casar com uma jovem/mulher feia;</p> <p>Sobremodalização do Modo Alocutivo Julgamento Negativo pelo Modo Elocutivo: Discordância.</p>
Esquete: “Crente namorando gente do mundo”	=	=	=
26)	Mães ateias	Derrisão	Por meio da técnica “alusão” a personagem deixa implícito que uma mãe atea é incapaz de fornecer uma boa educação para o seu futuro filho.
27)	Jovens evangélicos mulherengos	Crítica	Modo Elocutivo: Declaração Confissão em: “ <i>Essa foi a... terceira” / Ah, não... não foi a quarta</i> ”.
28)	Jovens evangélicos mulherengos	Crítica	A qualificação “ <i>missionário safado</i> ” por meio da técnica “réplica direta”.
29)	As jovens feias das igrejas evangélicas	Derrisão	A qualificação sobre as jovens evangélicas como sendo todas feias por meio da técnica “réplica direta”. A palavra “ <i>tudo</i> ” generaliza que todas elas possuem essa qualificação.
30)	As jovens feias das igrejas evangélicas	Derrisão	O fato de o amigo da personagem “jovem evangélico” concordar com a afirmação de que as meninas das igrejas são feias por meio da técnica “réplica direta”.
31)	Adventistas	Crítica	<p>Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável por meio da técnica “alusão” em: “<i>Adventista? Eles nem podem dar rolê dia de sábado, nem come bacon</i>”;</p> <p>O jovem usa as expressões “<i>nem comem bacon</i>” e “<i>nem podem dar rolê dia de sábado</i>” para manifestar sua discordância a respeito das regras religiosas dos adventistas.</p>
32)	Adventistas	Crítica	A expressão “ <i>jugo desigual</i> ” a qual insere os adventistas no grupo daqueles que não podem se relacionar com um crente/evangélico.
33)	Tatuagens de caveira	Crítica	A qualificação das tatuagens de caveira como parecendo “ <i>coisa do capeta</i> ” por meio da técnica “réplica direta”.

34)	Jovens evangélicos mulherengos	Crítica	A técnica do “duplo sentido com sentido sexual implícito” em: “ <i>segura o cajado</i> ”.
35)	As Assembleias de Deus e os assembleianos	Crítica	Por meio da técnica “ironia” percebe-se que há uma representação pelo oposto em: “ <i>quase num grito</i> ”. Semelhantemente, por meio da técnica “pressuposição” em: “ <i>pra você não manifestar</i> ”, é possível concluir que na Assembleia de Deus há manifestações e que talvez não seja o melhor lugar para sair num encontro.
36)	Católicos	Derrisão	O fato de a personagem “moça católica” ter sido acusada na igreja do jovem evangélico de ir ao inferno se não mudasse de vida por meio da técnica “réplica direta.”.
37)	Congregação Cristã no Brasil e suas regras religiosas	Crítica	A técnica “pressuposição” faz com que o público generalize o seguinte: “se a moça tem cabelos muito longos, logo ela é evangélica da Congregação Cristã no Brasil”.
Esquete: “Pastor Tentado”	=	=	=
38)	Mulheres indecentes	Derrisão	Sobremodalização pelo Modo Alocutivo: Julgamento Negativo evidenciada pela repetição em: “ <i>que que você, que que você precisa?</i> ” indicando o desconforto da personagem diante de uma mulher com vestes indiscretas.
39)	Mulheres indecentes	Derrisão	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo por meio da técnica “representação por algo mínimo” em: “ <i>hum</i> ”.
40)	Mulheres indecentes	Derrisão	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo por meio da técnica “automatismo” em: “ <i>Uhum, misericórdia</i> ”.
41)	Mulheres indecentes	Derrisão	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo por meio da técnica “representação por algo mínimo” em: “ <i>é...</i> ”
42)	Esposas gordas	Derrisão	Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável por meio da técnica “réplica direta” em: “ <i>É a Raquel se cuidava bastante, a Raquel ela dançava, mas depois do Mateus, do Marcos, do Lucas e do João ela... Quem não engorda trinta quilos, né? Normal... Tá parecendo um boi, mas...</i> ”; A expressão “ <i>quem não engorda trinta quilos</i> ” e a comparação “ <i>tá parecendo um boi</i> ” indicam que o pastor lamenta ter uma esposa gorda.
43)	Mulheres indecentes	Derrisão	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Ignorância (mascarado) e a técnica “inferência” em: “ <i>Ai ai. Eu conheço?</i> ”
44)	Mulheres indecentes	Derrisão	Modo Alocutivo: Julgamento Negativo por meio da técnica “automatismo” em: “ <i>misericórdia!</i> ”
45)	Mulheres indecentes e pastores imorais	Derrisão/Crítica	Modo Alocutivo: Petição por meio da técnica “alusão” em: “ <i>Priscila, é melhor você parar, Priscila. É melhor você parar</i> ”; O substantivo masculino “melhor”, que indica que a personagem “pastor” acha mais adequado a parsonagem “Priscila” parar de tentá-lo, senão ele seria capaz de cair na tentação.
46)	Mulheres indecentes	Derrisão	Sobremodalização pelo Modo Alocutivo: Julgamento Negativo por meio da técnica “deslocamento” em: “ <i>ele é casado. Ele é cas-, muito bem casado. Homem de família, a esposa ama, casado!</i> ”
47)	Mulheres indecentes	Derrisão	Qualificação de cunho negativo: “ <i>Cala a boca, Satanás!</i> ”; Sobremodalização pelo Modo Alocutivo: Julgamento Negativo por meio da técnica “réplica direta” em: “ <i>Cala a boca, Satanás! Eu não vou trair a minha esposa, eu não vou cair na sua lábia</i> ”.
48)	Pastores imorais	Crítica	O tom de surpresa na expressão “ <i>o pastor Rubens?!</i> ”. Assim, a personagem “pastor” desrespeita o contrato de aconselhamento pastoral e passa a questionar implicitamente a Priscila sobre o porquê de ela estar interessada em outro e não nele.
49)	Pastores imorais	Crítica	O tom de surpresa na expressão “ <i>o pastor Rubens?!</i> ”. Assim, a personagem “pastor” desrespeita o contrato de aconselhamento pastoral

			e passa a questionar implicitamente a Priscila sobre o porquê de ela estar interessada em outro e não nele.
50)	Pastores imorais	Crítica	Modo Elocutivo: Possibilidade em: <i>“mas... mas eu também prego bem, eu também sou sábio”</i> por meio da técnica “deslocamento”. Assim, a personagem “pastor” desrespeita o contrato de aconselhamento pastoral e passa a questionar implicitamente a Priscila sobre o porquê de ela estar interessada em outro e não nele.
51)	Pastores imorais	Crítica	Modo Elocutivo: Interrogação em: <i>“o que ele tem que eu não tenho?”</i> por meio da técnica “deslocamento”. Assim, a personagem “pastor” desrespeita o contrato de aconselhamento pastoral e passa a questionar implicitamente a Priscila sobre o porquê de ela estar interessada em outro e não nele.
52)	Pastores imorais	Crítica	Modo Elocutivo: Opinião Convicção sobremodalizado pelo Modo Elocutivo: Discordância em: <i>“mas, mas palavra é coisa séria! Não tem que fazer piada com palavra não. Tem que fazer coisa séria!”</i> por meio da técnica “deslocamento”. Assim, a personagem “pastor” desrespeita o contrato de aconselhamento pastoral e passa a questionar implicitamente a Priscila sobre o porquê de ela estar interessada em outro e não nele.
53)	Pastores imorais	Crítica	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável em: <i>“camisa rosa! Misericórdia!”</i> por meio da técnica “automatismo”. Assim, a personagem “pastor” desrespeita o contrato de aconselhamento pastoral e passa a questionar implicitamente a Priscila sobre o porquê de ela estar interessada em outro e não nele.
54)	Mulheres indecentes e esposas gordas	Derrisão	Modo Elocutivo: Julgamento Negativo em: <i>“Isso é Satanás. Isso é Sata-Por quê? Você vem com um decoteão desse, ó o decote que você vem aqui falar com o pastor. Um decote desse. Se eu fosse ginecologista faria exame ginecológico só pelo decote, só aqui ó, por cima. Já dá para ver tudo já”;</i> Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável em: <i>“...vem lembrar ainda que minha esposa ta com o tamanho de um boi”.</i>
55)	Homens relaxados e pastores imorais	Derrisão/Crítica	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável em: <i>“Vou falar pra ele começar a malhar comigo, vou falar para ele se cuidar, para ele cortar o cabelo todo mês e não a cada seis meses. Para ele cortar os pelos do nariz, que ta quase entrando na boca, pelo de nariz, aquela coisa horrorosa. Tem que tá bem apresentado para você”;</i> Por meio da técnica “pressuposição” a personagem “pastor” deixa subtendido que ele se cuida, malha, corta o cabelo todo mês etc.
56)	Mulheres indecentes	Derrisão	Predominância do Modo Elocutivo: Julgamento Negativo por meio da técnica “réplica direta” em: <i>“se fecha! Você tá muito assim ó. Anda... Que isso? Olha, mostrando tudo, dando amostra grátis para todo mundo. Você quer dar amostra grátis para... Não! Se dedica para o seu marido, dá o melhor para o seu marido. Se fecha, chega, ta muito AH!”</i>
57)	Esposas gordas e vestes indecentes	Derrisão	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável em: <i>“Onde você comprou essa blusa? Tem tamanho extra mega ultra GGG? Por que, se tiver, quero que você vai lá agora e compra uma para a minha esposa. Extra mega ultra GGG, para ela usar esse negócio também porque agora eu quero ver ela usando esse negócio”;</i> Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Julgamento Negativo em: <i>“Mas, dentro de casa! Num é, né? Por quê? Pra mim. Dentro de casa eu quero ver ela usando esse negócio. Eu quero ver como é que vai ficar nela”.</i>
58)	Pastores imorais	Crítica	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Proclamação em: <i>“O nosso pastor Rubens, o nosso querido pastor Rubens, está de malas prontas, tá de mudança, vai pro interior do Maranhão, é... pra fazer a obra de livre e espontânea vontade”.</i>
59)	Obrigações religiosas e pastores imorais	Crítica	Modo Elocutivo; Discordância em: <i>“de livre e espontânea vontade também não, né”;</i> Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Declaração Revelação no mesmo enunciado da personagem “pastor Rubens”, o que acaba confirmando que a sua transferência foi forçada pelo pastor invejoso.

60)	Pastores imorais	Crítica	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo Proclamação em: <i>“É... assim... Deus me deu uma revelação de que era pra ele ir pro interior do Maranhão fazer a obra. Eu falei pra ele, e ele, como um homem obediente, um homem fiel, temente a Deus falou: não, então eu vou lá, de livre e espontânea vontade. Ele tem o jeito todo peculiar de dar a palavra, bem humorado, engraçado, e o povo do interior do Maranhão precisa disso”</i> .
Esquete: “Oração Indireta”	=	=	=
61)	Homens/jovens preguiçosos	Derrisão	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável em: <i>“Mas também queria pedir: coloca nele, Senhor, uma vontade de trabalhar. Coloca na mente e no coração dele que o Senhor não se alegra vendo ele assim tão vagabundo sem fazer nada”</i> .
62)	Homens/jovens preguiçosos	Derrisão	A presença do Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável em: <i>“Que é feio, Senhor, um homem desse tamanho, dessa idade, depender do dinheiro do papai e da mamãe pra se sustentar. Que ele possa trabalhar, meu Deus, pra pagar a comida dele, os presentes que ele me dá, porque o trabalho dignifica o homem”</i> .
63)	Mulheres/moças exigentes	Derrisão	Por meio da técnica “ironia” há uma representação pelo oposto em: <i>“quero orar também”</i> , uma vez que esse enunciado significa: <i>“quero falar mal de você também”</i> em resposta às exigências da personagem.
64)	Mulheres/moças exigentes	Derrisão	Modo Alocutivo: Petição sobremodalizado pelo Modo Elocutivo Apreciação Desfavorável em: <i>“...quero te pedir perdão por ela, ó Pai, porque ela não sabe o que ela fala”</i> .
65)	Mulheres/moças descuidadas	Derrisão	A técnica “ironia” e a sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável em: <i>“Papai, ela sempre fala que o corpo é templo do Espírito Santo. Então coloca nela um desejo de cuidar melhor do templo, que ela possa fazer luzes e escova no telhado do templo de vez em quando. Que ela possa passar maquiagem na parede do templo. Que ela possa colocar umas roupinhas, uns acessórios mais daora pro templo ficar mais bonito, chamar mais atenção. E também coloca nela uma vontade de fazer academia, meu Deus, porque ela só come ultimamente e a ampliação do templo é coisa que eu não quero, acho que ninguém quer, meu Pai”</i> .
66)	Mulheres/moças descuidadas	Derrisão	Modo Alocutivo: Sugestão em: <i>“vai ficar aqui ou cê vai pro salão?”</i>
67)	Lógica	Lúdica	Modo Alocutivo: Recusa por meio do “intertexto” em: <i>“Eu até senti no coração, sabe? Mas como na Bíblia diz que o coração é enganoso, não vou”</i> .
68)	Uso feminino de roupas indecentes por mulheres/moças comprometidas	Derrisão	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável por meio da técnica “réplica direta” em: <i>“Coloca no coração dela, ó Pai, que calça legging na frente dos amigos não é de Deus não”</i> .
69)	Uso feminino de roupas indecentes por mulheres/moças comprometidas	Derrisão	Modo Elocutivo: Concordância por meio da técnica “deslocamento” em: <i>“Amém”</i> .
70)	Uso feminino de roupas indecentes por mulheres/moças comprometidas	Derrisão	Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável por meio da técnica “réplica direta” em: <i>“Sem cobrir ainda, principalmente sem cobrir, não te agrada mesmo, ó Pai. É do inimigo, do inimigo purinho”</i> .
71)	Homens/jovens relaxados	Derrisão	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável por meio da técnica “réplica direta” em: <i>“Coloca nele, Senhor, uma vontade de escovar os dentes, porque sentir esse cheiro de sepulcro não é legal, dá ânsia”</i> .
72)	Homens/jovens relaxados	Derrisão	Modo Elocutivo: Concordância por meio da técnica “deslocamento” em: <i>“Amém”</i> .

73)	Mulheres/moças descuidadas	Derrisão	Sobremodalização pelo Modo Elocutivo: Apreciação Desfavorável por meio da técnica “réplica direta” em: <i>“Meu Deus, coloca uma vontade enorme nela, ó Pai, de cortar as unhas do pé, meu Deus, não só pintar não, mas cortar também, tá muito grande, Meu Deus, tá esquisito, tá parecendo fábrica de paleta de guitarra, meu Pai, e o Senhor não se agrada disso, não se agrada”</i> .
-----	----------------------------	----------	--